

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Marconi Moura Fernandes

***Nós pesquisadores: uma experimentação educativa no contexto de pesquisas
clínicas em saúde***

Belo Horizonte
2016

Marconi Moura Fernandes

Nós pesquisadores: uma experimentação educativa no contexto de pesquisas clínicas em saúde

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem

Linha de Pesquisa: Educação em Saúde

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Flávia Gazzinelli Bethony

Belo Horizonte
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFMG

Fernandes, Marconi Moura

Nós pesquisadores: uma experimentação educativa no contexto
de pesquisas clínicas em saúde [manuscrito] / Marconi Moura
Fernandes. - 2016.

119 f.

Orientadora: Maria Flávia Gazzinelli Bethony

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Enfermagem

1.Educação. 2.Pesquisa Clínica. 3.Esquizoanálise. 3.Filosofia da
Diferença. I Bethony, Maria Flávia Gazzinelli . II. Universidade
Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título

Escola de Enfermagem da UFMG
Colegiado de Pós-Graduação em Enfermagem
Av. Alfredo Balena, 190 | 30130-100
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
+ 55 31 3409-9836 | 31 3409-9889
caixa postal: 1556 | colpgrad@enf.ufmg.br



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

ATA DE NÚMERO 513 (QUINHENTOS E TREZE) DA SESSÃO PÚBLICA DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELO CANDIDATO MARCONI MOURA FERNANDES PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ENFERMAGEM.

Aos 29 (vinte e nove) dias do mês de setembro de dois mil e dezesseis, às 14 horas, realizou-se no Anfiteatro da Pós-Graduação - sl. 430 da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, a sessão pública para apresentação e defesa da dissertação "*NÓS PESQUISADORES: UMA EXPERIMENTAÇÃO EDUCATIVA NO CONTEXTO DE PESQUISAS CLÍNICAS EM SAÚDE*", do aluno *Marconi Moura Fernandes*, candidato ao título de "Mestre em Enfermagem", linha de pesquisa "Educação em Saúde e Enfermagem". A Comissão Examinadora foi constituída pelas seguintes professoras doutoras: Maria Flávia Gazzinelli Bethony (orientadora), Katia Faria de Aguiar e Marlucy Alves Paraíso, sob a presidência da primeira. A professora Katia Faria de Aguiar participou da sessão por meio de Skype. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

- APROVADA;
 APROVADA COM AS MODIFICAÇÕES CONTIDAS NA FOLHA EM ANEXO;
 REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Patrícia Prata Salgado, Servidora do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 29 de setembro de 2016.

Profª. Drª. Maria Flávia Gazzinelli Bethony
Orientadora (Esc.Enf/UFMG)

Marconi Moura Fernandes

Profª. Drª. Katia Faria de Aguiar
(Universidade Federal Fluminense)

Katia Faria de Aguiar

Profª. Drª. Marlucy Alves Paraíso
(FAE/UFMG)

Marlucy Alves Paraíso

Patrícia Prata Salgado
Servidora do Colegiado de Pós-Graduação

Patrícia Prata Salgado

HOMOLOGADO em reunião do CPG
Em 03/10/16

Profª. Drª. Andréa Gazzinelli
Sub-Coordenadora do Colegiado de
Pós-Graduação em Enfermagem
Escola de Enfermagem/UFMG

AGRADECIMENTOS

Como agradecer? Manifestar minha gratidão e respeito às pessoas que puderam me propiciar tantas experiências incríveis e transformadoras.

Transformadoras por que carregam consigo algo de uma potência que desloca do solitário eu. Uma solidude, que neste processo de vida, é um vivido de muita intensidade e povoado por pessoas, seus gestos e composições de vida que puderam me tomar de força para seguir a jornada. Meus agradecimentos vão, que voem direto, faça bons encontros, como aqueles que já vivemos.

Agradeço as pessoas do Vale do Mucuri, aquelas que se encontram um pouco mais distante das grandes rodovias, cujo percurso de acesso foi escavado e misturado em meio aos pastos e paisagens tomadas pelo verde intenso. Essa distância, social, política, tecnológica e econômica que é engendrada pela lógica do capital não é nem de perto suficiente para capturar o que re-existe em vocês. Agradeço por compartilhar e participar um entre-tempo em seus territórios de vida.

Agradeço seu Tonin e dona Lúcia, meu pai e minha mãe, que tanto amo, por quem nutro a mais profunda referência de vida. Weberte, Miriam e Miguel todo o meu carinho, principalmente, ao lembrar do que vivemos agora a pouco com a vinda desse sobrinho lindo e encantador, é tanta alegria. A todos os meus familiares agradeço pelo apoio, torcida e acolhimento.

Meu agradecimento para Flávia carrega um enorme respeito a competência e trabalho que desenvolve. Que me possibilitou uma experiência fantástica de trabalho e pesquisa, com condições para inventar e criar com liberdade. Mas é certo que sem aprender a famosa 'noção de gravidade' não seria possível. Obrigado por esta experiência ampla de aprendizado, ela foi produtiva reforçou o vínculo de amizade e respeito entre nós.

Agradeço aos pesquisadores do projeto que contribuem para a produção do conhecimento e de uma tecnologia de saúde, fazendo-a com ética e compromisso. As pessoas que trabalham dedicam grande parte de suas vidas em viagens, com dedicação e atitude ética frente a realidade e pessoas que se inserem. Agradeço muito a Nikita, David, Nem, Renata, Stella, Cassinha, Gilvan, Jeffrey, Zezin, Adriana, Luciana, Simone, Tonin, Eliane, Gisele, Murilo, Moka e outros que memória falhar, me desculpem, mas não por descaso, meus agradecimentos por conhecê-los neste contexto e por muito aprender com vocês.

Agradeço o grupo de pesquisa da linha de educação em saúde, ou que fizeram parte, de viagens impressionantes entre trabalho, reflexão e boas tardes de prosa e café, nos diferentes processos educativos que desenvolvemos Daiana, Monah, Alline, Marcela, Clarissa e outros que tenha esquecido. Sem deixar de prezar pelo importante vínculo, admiração e respeito pelos amigxs Fernanda, Lucas, Jullyane, Amanda e Claudia que tanto deram apoio e amizades únicas.

Agradeço ao grupo da foragida. Poderia não citar seus nomes, pois são muitos e sabem quem são. Mas esta amizade celebrada com brindes dionisíacos, tomando aos goles a vida, com

alegria de conseguir escapar ao entristecimento instituído no contexto acadêmico e de formação, deixa marcas únicas. Vocês me ajudaram a criar espaços importantes nesta jornada. Um abraço que vai para Andreza, Luiz, Rosana, Jullyane, Renata, Selma, Suzana, Mariana e Lorena.

Agradeço a Catarina pelo escuta e amizade, por essa pessoa linda que luta e inspira.

Agradeço a Julia, Victor e Jamayra pela companhia diária, prosas e guloseimas compartilhadas que muito enriqueceram meu processo de escrita.

Agradeço a Julia Barboza minha amiga, mais, uma irmã, por quem cultivo o carinho e admiração.

Aos meus irmãos Jorge, Luis Eduardo, Caroline, Lucas e José Geraldo agradeço pela força e apoio na jornada. Vale sempre lembrar a potência das amizades para a produção da vida.

Gisele companheira das caminhadas mais fantásticas. Agradeço por toda contribuição, cada prosa e reflexão que me fizeram tomar fôlegos, para novos percursos.

Agradeço as pessoas que estão na luta em prol de uma transformação radical de nossa sociedade. Que me ajudaram a não esquecer que a resistência é o caminho, quando à olhos nus assaltam até princípios democráticos. Ao movimento sindical, antimanicomial, conselheiros de saúde e da psicologia que lutam pela garantia de direitos agradeço por me ajudarem a produzir ferramentas fundamentais.

Agradeço o aceite do convite para avaliação e leitura do trabalho as professoras Kátia, Marlucy, Kenia e o professor Brant.

RESUMO

FERNANDES M.M. “Nós Pesquisadores”: uma experimentação educativa no contexto de pesquisas clínicas em saúde. 2016. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

Este trabalho é uma proposta de criação, desenvolvimento e análise de uma experimentação educativa no contexto de ensaio clínico e tomou como referência o debate epistemológico que atravessa o campo da Educação e estudos de revisão sobre práticas educativas utilizadas para favorecer a compreensão em pesquisas clínicas. Tem como objetivo compreender as interferências entre a experimentação *Nós pesquisadores*, a produção de conhecimento sobre pesquisas e o agenciamento de novos modos de subjetivação com participantes de ensaio clínico. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, desenvolvido com inspiração teórico-metodológica da pesquisa-intervenção e da cartografia, tendo como referencial teórico a filosofia da diferença e esquizoanálise. A experimentação foi realizada com 52 participantes, moradores de área endêmica em ancilostomíase, participantes de um ensaio clínico cujo objetivo era desenvolver uma vacina contra essa doença. A experimentação *Nós pesquisadores* compreendeu três momentos educativos distintos: (1) O catálogo, a pesquisa e a vida; (2) Dramatizando sensações, afetos e percepções sobre pesquisa; (3) A vacina, suas etapas e procedimentos no desenvolvimento de tecnologia de cuidado em saúde. Por meio do catálogo e sua potencialidade para afetar e imbricar os participantes e pesquisadores interferiu-se na produção de sentidos sobre pesquisa a partir da própria vida, trabalho e conhecimentos compartilhados. Com isso, foi possível produzir uma experimentação estética que apontasse para modos de transformar e inventar a própria vida. As cenas produzidas com a dramatização demonstraram um processo de montagem e desmontagem feito pelos participantes para compor sentidos a partir de desejos e afetações provenientes da relação com o cotidiano, os sentidos para o trabalho, a própria aceção de vida, conhecimento e pesquisa. No contexto da problematização houve a montagem de pensamentos que escaparam à repetição do conhecimento científico, por meio de modos ativos que conectam outras forças e conhecimentos para romper e ir além dos efeitos colaterais, procedimentos e etapas de uma vacina teste. A relação pesquisador e participante sinalizou movimentos que se estabeleceram para além da passividade construída em processos educativos em que a figura do pesquisador ocupa lugar de saber e verdade, de modo a reproduzir lógicas hegemônicas. Durante o processo educativo foram observadas interferências na produção do conhecimento e na produção de subjetividade rompidas com às lógicas tradicionais e dialógicas, abrindo para a multiplicidade de sentidos, signos e percepções agenciados pelas conexões entre pesquisa e vida cotidiana.

Descritores: Educação; Pesquisa Clínica; Esquizoanálise; Filosofia da Diferença

ABSTRACT

FERNANDES M.W. "We Researchers": an educational experiment in the context of clinical research in health. 2016. Dissertation (Master Degree in Nursing) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

This paper is a proposal of creation, development and analysis of an educational experiment in the clinical trial context and made reference to the epistemological debate that crosses the field of education and studies review on educational practices used to promote understanding in clinical research. Aims to understand the interference between the experimentation We researchers, the production of knowledge on research and agency of new modes of subjectivity with clinical trial participants. This is a qualitative study, developed with theoretical and methodological inspiration from intervention research and mapping, presenting as a reference the theoretical philosophy of difference and schizoanalysis. The trial was conducted with 52 participants, residents of the hookworm endemic area, who was participating in a clinical trial whose aim was to develop a vaccine against the disease. The We researchers experimentation included three different educational stages: (1) The catalog, research and life; (2) Dramatizing sensations, feelings and perceptions about research; (3) The vaccine, its steps and procedures in developing of health care technology. Through the catalog and its potential to affect and connect the participants and researchers interfered in the production of meanings on research from the life, work and shared knowledge. Thereat, it was possible to produce an aesthetic experimentation which would point to ways to transform and invent the own life. The scenes produced with the dramatization demonstrate an assembly and disassembly process made by the participants to make sense about desires and affectations from the relationship with daily life, knowledge and research. In the context of problematization was mounting thoughts the escaped from repetition of scientific knowledge, through active modes that connect other forces and knowledge to break and go beyond the side effects, procedures, and steps of a test vaccine. The researcher and participant relationship indicated that there were movements that were established beyond passivity built in educational processes in which the figure of the researcher takes place of the knowledge and the truth, to reproduce hegemonic logic. During the educational process were observed interference in knowledge production and the subjectivity production broken with the traditional and dialogical logic, open to the multiplicity of meanings field, signs and perceptions brokered by the connections between research and everyday life.

Keywords: Education; Clinical research; Schizoanalysis; Difference of Philosophy

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição do Catálogo <i>Nós pesquisadores</i>	23
--	----

SUMÁRIO

1. PESQUISA CLÍNICA EM SAÚDE E EDUCAÇÃO: DO ENFOQUE SOBRE A COMPREENSÃO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	10
1.1. Objetivo Geral.....	16
1.2. Objetivo Específico.....	16
2. CAIXA DE FERRAMENTAS: CONCEITOS E PRÁTICAS PARA DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO EDUCATIVA.....	17
2.1 Estética-experimentação-acontecimento-invenção: conceitos intercessores do processo educativo.....	17
2.2 <i>Nós Pesquisadores</i> : dispositivo prático para uma experimentação educativa.....	22
2.2.1. Roda de conversa 1: O catálogo, a pesquisa e a vida.....	24
2.2.2. Dramatizando sensações, afetos e percepções sobre pesquisa.....	25
2.2.3. Roda de conversa 2: A vacina, suas etapas e procedimentos para se transformar em uma tecnologia de cuidado em saúde.....	26
2.3. <i>Hódos-meta</i> : uma aposta ética-estética-política para pesquisa em educação.....	26
2.3.1. Cartografando mapas intensivos e extensivos do conhecimento e dos modos de subjetivação em uma experimentação educativa.....	26
2.3.2. Entre a experimentação e a pesquisa: os dados são interferências.....	30
2.3.3. Territórios de investigação: contexto da pesquisa e seus participantes.....	31
2.3.4. Para além da imagem do Jeca-Tatu: as mazelas de um lugar e a reprodução hegemônica da desigualdade social e do adoecimento.....	33
3. A PESQUISA, O LUGAR, AS PESSOAS E A VIDA: A POTÊNCIA DOS ENCONTROS EM UMA EXPERIMENTAÇÃO.....	35
3.1. Da imagem estática do catálogo para o cotidiano intensivo da vida no campo: uma abertura para a multiplicidade de modos de pesquisar.....	35
3.2. Uma baguinha com os corpos para novas montagens e desmontagens do conhecimento e suas apropriações para a vida.....	45
3.2.1. Cena de pesquisa 1: Plantio da mandioca.....	47
3.2.2. Cena de pesquisa 2: Ordenha de leite para o preparo do requeijão.....	49
3.2.3. Cena de pesquisa 3: Em busca de uma pedra preciosa.....	50
3.2.4. Corpos em cena: movimentos intensivos e extensivos.....	53
3.3. Frente ao conhecimento formal às problematizações.....	54
4. EXPERIMENTAÇÃO, PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E MODOS DE	

SUBJETIVAÇÃO.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	69
Anexo A – Catálogo <i>Nós pesquisadores</i>.....	69
Anexo B – Parecer nº 516/2011 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde.....	106
Anexo C – Carta de aprovação nº 2712010 de comitê de ética do Centro de pesquisas René Rachou.....	113
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	114

1. PESQUISA CLÍNICA EM SAÚDE E EDUCAÇÃO: DO ENFOQUE SOBRE A COMPREENSÃO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Ensaio clínico é o termo utilizado para denominar um processo de investigação científica envolvendo seres humanos. Consiste em uma pesquisa que visa à criação de novos usos terapêuticos e novas tecnologias em saúde para tratamentos e formas de cuidado de doenças. Novos produtos seguem um conjunto de práticas clínicas e de pesquisa, testes pré-clínicos e clínicos em seres humanos, para que tenham regulação e possam ser utilizados no cuidado da população.

O objetivo principal dos ensaios clínicos é avaliar possíveis efeitos adversos e a potencialidade de determinado produto para o cuidado em saúde. Os ensaios clínicos seguem desenhos de estudo validados cientificamente para trazer segurança e vantagens relativos ao tratamento da população. O início dos ensaios clínicos refere-se à fase pré-clínica, composta por testes *in vitro* e *in vivo* com o objetivo de verificar se uma molécula é segura para ser testada em humanos. Decorre dos conhecimentos produzidos nesta fase, a formulação de projeto de pesquisa, a ser submetido a órgãos regulatórios, como comitês de pesquisa e Agência Nacional de Vigilância Sanitária, para que sejam autorizadas as atividades de recrutamento e desenvolvimento da pesquisa. Caso aprovadas, a nova substância é testada em ambiente clínico em três fases de ensaios, classificadas como Fase I, II e III. Na fase I o objetivo é verificar a segurança e tolerabilidade da nova substância; na fase II avaliar a sua eficácia e investigar efeitos colaterais; e na fase III confirmar a eficácia e monitorar reações adversas.

Dentre as novas tecnologias testadas nos ensaios clínicos, destacam-se as vacinas que são estratégias fundamentais para intervenções em saúde pública, considerando seu potencial de intervir nas condições de saúde da população. No Brasil, desde o século XIX, vacinas são utilizadas como práticas de controle de doenças na saúde pública. Atualmente, o Brasil tem investido fortemente na biotecnologia para descobrir e testar novas vacinas para uma variedade de doenças, incluindo muitas doenças tropicais negligenciadas. Por essa razão, há a necessidade de realização de ensaios clínicos fase 1 para essas vacinas em populações brasileiras, incluindo os grupos vulneráveis em que essas doenças são mais prevalentes. (HOMMA, 2003)

Para o desenvolvimento destes ensaios clínicos voltados ao desenvolvimento de

vacinas, recorre-se à utilização de legislação ética tipificada no Brasil a partir da resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, em que se encontram recomendações que discorrem sobre o processo de obtenção da anuência do participante da pesquisa (BRASIL, 2012). Essa legislação ética é fundamental para a realização deste tipo de pesquisa, pois delimita premissas e procedimentos sobre o processo de consentimento voluntário de participantes.

A vacina teste desenvolvida pelo estudo clínico “Estudo de Fase 1 de segurança e imunogenicidade da NA-GST-1/Alhydrogel[®] com ou sem GLA_AF em adultos brasileiros” é uma tecnologia que visa o controle imunológico para infecção por Ancilostomíase. Trata-se de estudo multicêntrico conduzido simultaneamente por diferentes centros de pesquisa no Brasil e nos Estados Unidos, que tem seu campo de investigação estruturado em Minas Gerais.

Por definição, ensaios clínicos fase 1 são os que envolvem riscos para os possíveis participantes que aceitando participar do estudo, se submetem à possibilidade de evento adverso potencialmente prejudicial à sua saúde. Dado o desconhecido potencial de risco e a escassez de possíveis benefícios em ensaios clínicos fase 1, a compreensão dos riscos e dos benefícios é ainda mais crítica nesse tipo de pesquisa clínica do que em qualquer outro (BRASIL, 2012; HOMMA, 2003).

O Consentimento Informado é estimado como um dos princípios éticos fundamentais na condução de pesquisas que envolvem a participação de seres humanos. Tem por finalidade tratar o voluntário de uma pesquisa em sua dignidade, além de respeitar e promover a sua autonomia e protegê-lo de possíveis danos (JEFFORD; MOORE, 2008). O processo de consentimento torna possível, ainda, que o participante conheça e reivindique os seus direitos, tanto de proteção em relação à pesquisa quanto das consequências que dela decorram para pesquisadores e participantes (GRODIN; ANNAS, 1996).

Para que o Consentimento Informado seja considerado válido, são necessários que os participantes obtenham a informação integral sobre a natureza da pesquisa, os seus objetivos, os métodos, os benefícios e os riscos, bem como competência para compreender essas informações e decidir na ausência de coerção (WILL, 2011; BEAUCHAMP; CHILDRESS, 2002).

A compreensão das informações da pesquisa pelo participante é considerada fundamental para assegurar a sua qualidade ética, permitindo ao participante considerar a relevância do estudo, da sua participação e das respectivas implicações em sua vida pessoal. É entendida como essencial para que se assegure a autonomia dos participantes, principalmente,

quando se considera os estudos que apontam a baixa compreensão de sujeitos de pesquisa sobre o objetivo, os benefícios, os riscos e conceitos procedimentais, como placebo e randomização (SANCHINI ET AL, 2014; FALAGAS ET AL, 2009). A esse respeito, considera-se que

entre os critérios necessários à validade do consentimento livre e esclarecido, destaca-se a compreensão das informações sobre o estudo e os seus direitos. Sua importância reside no maior controle do sujeito sobre sua ação e na autenticidade de sua decisão, além de estar associada à menor chance de arrependimento da decisão tomada e à menor ansiedade no processo decisório (LOBATO et al, 2012, p.480).

Com o intuito de promover a compreensão das informações sobre pesquisa, propostas educativas distintas são desenvolvidas e avaliadas. Prevalece na literatura sobre estas propostas o uso de técnicas para legibilidade de informações do termo de consentimento, folhetos, panfletos, livretos, quadros demonstrativos, painéis, flip-charts, jogos de perguntas e respostas, vídeos, apresentações de multimídia, auto-instruções em áudio via gravadores, CD e computadores (MC GRORY ET AL. 2006).

Embora se reconheça a importância de buscar propostas educativas que potencializem a compreensão, ainda não se pode dizer que tais esforços tenham sido recompensados. Em um estudo de revisão sistemática sobre a compreensão de participantes sobre as informações de ensaios clínicos, os resultados revelaram que o entendimento de diferentes aspectos do consentimento varia de 52.1% a 75.8%, número inalterado nos últimos 30 anos (FALAGAS, 2009). Estes resultados apontam para a necessidade de se problematizar os pressupostos que têm orientado tais propostas educativas.

Ao analisar as propostas educativas voltadas para a compreensão de pesquisas clínicas que estão presentes na literatura, observa-se a existência de propostas que se apóiam em pressupostos tradicionais de educação e em pressupostos dialógicos. As propostas de educação tradicional pautam-se na noção de transmissão de informação e incluem estratégias para a comunicação da informação, pressupondo que o participante pode conduzir autonomamente o processo de assimilação das informações disponibilizadas no consentimento informado (KARUNARATNE et al, 2010; CAMPBELL et al, 2004; CASTELNUOVO et al, 2014). Nessas propostas o método tende a se organizar em um sistema de relações entre o saber e as pessoas, num sentido único da transmissão de conteúdos, por referência a valores e normas considerados ideais.

Os pressupostos tradicionais partem de uma base teórica empirista e cartesiana,

segundo a qual se enfatiza o conhecimento, em detrimento da ação do sujeito. A crença subjacente é a de que o saber é organizado de fora para dentro e que a educação consiste em uma espécie de introdução no sujeito de produções externas destinadas a formar o seu pensamento, cabendo a ele a internalização do conhecimento previamente estabelecido. Nessa perspectiva, nega-se ao sujeito qualquer papel ativo na produção do conhecimento.

Estes pressupostos estão ancorados em dicotomizações, como por exemplo, a separação entre a ciência e a política, que codifica a complexidade inerente a vida, aos sujeitos e suas ações. A partir destes pressupostos tradicionais, busca-se transcender, idealizar, estruturar e tipificar, o que torna impossível a produção de conhecimento pela experiência sensível, condição que molda a subjetivação e invenção de conhecimentos do sujeito (CAMBI, 1999).

Os pressupostos dialógicos de educação utilizados para favorecer a compreensão sobre pesquisa em ensaios clínicos mostram uma natureza interativa, preza-se o diálogo e a construção do conhecimento, ao invés da sua transmissão/assimilação. As estratégias educativas pautam-se na concepção de que a informação pode ser modificada de modo a permitir a construção de conceitos pelo participante. São estratégias suportadas em uma matriz interacionista, dialética, segundo a qual sujeito e objeto agem um sobre o outro reciprocamente, para mediar e alterar as informações sobre a pesquisa. Nesse caso, o que caracteriza a estratégia é que o pesquisador não impõe seu saber sobre o do participante. Como a informação é passível de modificação, no sentido de se ancorar na subjetividade e se articular com o contexto cultural do participante, este tem a oportunidade de construir o seu próprio entendimento sobre os conceitos do consentimento (WALLACE ,2006; TAIT 2015; CORNELI 2012; STREVEL, 2007; KASS 2015; 2014; CORNELI ET AL 2006; FREER 2009).

Informado por pressupostos dialógicos, o conhecimento configura-se como produto da consciência do sujeito sobre a realidade. As práticas dialógicas propõem modelos para a ação educativa que se comprometem com a finalidade de transformação social do sujeito, mantendo códigos e um regime de valores do próprio contexto social concebidos a priori na estrutura social. Este sujeito opera dialeticamente as forças materiais para a produção de novas sínteses de organização social, política e subjetiva. Trata-se de um sujeito fechado em si, que por meio da consciência faz a mediação de signos e materialidades como modo de conhecer. Nesta constante interação funda-se o diálogo capaz de produzir sínteses que possibilitam a superação das ideologias e dominações. Na concepção dialógica o sujeito é

determinado por aquilo que ele faz, sendo determinado pelo seu ser social. Neste sentido, esse pensamento, tem como núcleo o sujeito, entendido como reflexo do desenvolvimento material objetivo da história e da sua consciência (CAMBI, 1999).

Tanto as perspectivas tradicionais, assim como as dialógicas, embasam-se em pressupostos racionalistas em que o sujeito só se emancipa se dominar determinadas ferramentas de uma consciência organizada no bojo do conhecimento formal, posto como verdade. O enfoque destas práticas educativas sobre a compreensão sustenta-se em uma relação dual e totalizante para a produção do conhecimento, de modo que se torna fundamental problematizar sua efetividade para a promoção da autonomia de sujeitos. Neste sentido, ambas as correntes educativas, tradicionais e dialógicas, reintroduzem

pela porta dos fundos, a fantasia de um sujeito soberano no pleno exercício de seus atos. Libertar significa restaurar uma essência que foi alienada, corrompida ou pervertida. Libertar ou reprimir: a eterna dialética que resolve na re-instauração do mesmo – a consciência plena (SILVA, 2003, p. 13).

Trata-se de propostas fundamentadas na consciência plena, adquirida pela compreensão do conhecimento, que se estreita na ideia de uma autonomia, no domínio das faculdades e da razão. A esse respeito às práticas educativas serviriam de uma falsa imagem de autonomia, produzida desde a modernidade, que viriam contribuir para constituir um “mecanismo de captura, uniformização e padronização [...] em que não há abertura aos modos de ser, estar, sentir ou conhecer, mas a subordinação aos modos dados e ao controle da realidade pelas racionalidades hegemônicas” (CECCIM, 2007, p. 358). Por meio do discurso da conscientização e da autonomia, há a valorização do gerenciamento dos corpos por meio de um auto-cuidado fundado na responsabilização e individualização das decisões.

Assim, ao privilegiarem ora a transmissão de conteúdos explícitos para o sujeito, ora a postura ativa do sujeito sobre o objeto de conhecimento, ora a interação entre ambos, sujeito e objeto, por meio de um processo em que um atua sobre o outro reciprocamente, as propostas educativas empregadas no contexto das pesquisas clínicas legitimam a opção pelo pressuposto dual da relação sujeito e objeto e pela acentuação do poder da razão como objeto de conhecimento que leva as pessoas a pensarem com autonomia e objetividade.

Atravessando o campo da educação, e não só um domínio específico dos processos educativos no contexto das pesquisas clínicas, há os pressupostos filosóficos e educativos que convocam novos paradigmas de entendimento da relação sujeito e objeto. Trata-se do referencial pós-estruturalista cujos pressupostos escapam das lógicas dominantes na educação.

A partir desse pressuposto é possível encontrar uma alternativa de pensamento que norteia uma educação menor que fuja e resista à organização macro-política, ética e estética da educação, apontando na direção de uma micro-política do cotidiano. Uma educação menor que se faz nas relações do próprio coletivo, abdicando de formas representativas a priori, para produzir efeitos de desestabilização das macro-relações sociais.

Com os pressupostos pós-estruturalistas, esta educação menor empenha-se sobre os atos cotidianos, nos pequenos movimentos e singularizações advindos da ordem rizomática das coisas e suas composições. Parte do entendimento de uma natureza fragmentária do conhecimento, que nega radicalmente a falsa totalidade do conhecimento. Aos sujeitos reserva-se o papel de “pequeno faz-tudo do dia-a-dia, cavando seus buracos, minando os espaços, oferecendo resistências” (GALLO, 2003, p.82). Para esta educação não se espera a criação de modelos, proposições de caminhos, imposições de solução. Se intensifica neste entendimento teórico, agenciamentos que descodifiquem e recodifiquem as relações de saber-poder das mais diferentes instâncias de produção das práticas sociais, educativas, científicas e outras, de modo que possibilitem conexões infinitas, conexões sempre inventivas, fragmentadas, não totalizantes, muito menos prescritivas (GALLO, 2003).

O efeito desse entendimento de uma educação menor é que para a relação sujeito e objeto, não se pode falar mais de subjetividade em geral, guiada pela razão, mas de subjetivações produzidas num campo de práticas que se constituem na experiência social, política, ética e estética ao longo de diferentes trajetórias singulares de existência. As fronteiras entre sujeito e objeto diluem-se, tornam-se inócuas e as subjetivações que se produzem são para afirmar rupturas e escapes frente aos modos hegemônicos de conhecer e re-existir.

Resistir seria ainda re-existir ou se projetar para fora novamente (re-ek-sistir), continuar permanentemente a tornar-se o que se é. O esforço para se ultrapassar ou se superar que caracteriza a vontade de potencia nietzschiana, e que aparece como vontade de arte na dimensão da criação de algo exterior a nós, está, por conseguinte, muito longe de se reduzir a um esforço de resistência por negação ou oposição. [...] A vontade de potência, que é também vontade de resistir e se manifesta como vontade de arte, é muito mais da ordem da exposição (um colocar-se para fora de si mesmo) e da composição (entrar em contato com o que nos circunda) do que da oposição (ONETO apud LINS, 2004, p.202).

No contexto da discussão sobre as potencialidades do referencial pós-estruturalista que têm entre-cortado o campo da Educação e as limitações das propostas educativas tradicionais e dialógicas desenvolvidas no âmbito das pesquisas clínicas, insere-se o presente estudo. Este

estudo problematiza como a experimentação *Nós pesquisadores*, criada com inspirações na filosofia da diferença e esquizoanálise utilizadas no campo da educação e da filosofia, pode interferir na compreensão sobre pesquisa clínica, em novos modos de produzir conhecimento e de produção da subjetividade.

1.1 Objetivo Geral

Compreender as interferências entre a experimentação *Nós pesquisadores*, a produção de conhecimento sobre pesquisas e o agenciamento de novos modos de subjetivação com participantes de ensaio clínico.

1.2 Objetivos Específicos

- Criar a experimentação *Nós pesquisadores* a ser desenvolvida com participantes de ensaio clínico.
- Desenvolver a experimentação *Nós pesquisadores* com participantes de ensaio clínico.
- Mapear os processos de produção de conhecimento e de novos modos de subjetivação de participantes de ensaio clínico.

2. CAIXA DE FERRAMENTAS: CONCEITOS E PRÁTICAS PARA DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO EDUCATIVA

2.1. Estética-experimentação-acontecimento-invenção: conceitos intercessores do processo educativo

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever (DELEUZE, 2006, p. 10).

Como inspiração teórica para a experimentação *Nós pesquisadores* foram utilizados os pressupostos da filosofia da diferença e da esquizoanálise. Gilles Deleuze, Félix Guattari, Baruch de Spinoza, dentre outros que povoam o texto como intercessores ao longo deste trabalho para se pensar a produção do conhecimento e os modos de subjetivação no contexto da educação. Este campo filosófico contrapõe-se radicalmente ao paradigma empregado em práticas tradicionais e dialógicas de educação.

Há neste campo filosófico inspirações para se pensar a produção do conhecimento em uma alteração radical à racionalidade moderna, por meio de uma proposta paradigmática que afirme a diferença e não permita

nenhuma divisão do sentido do Ser por distribuições categoriais, nenhuma aproximação do seu movimento por recortes formais preliminares, por mais refinados que sejam. É preciso pensar “juntas” a univocidade do Ser e a equivocidade dos entes (a segunda sendo apenas a produção imanente da primeira), sem a mediação dos gêneros e das espécies, dos tipos ou dos emblemas, em suma: sem categorias, sem generalidades (BADIOU, 1997, p.43).

Para Deleuze (2006) o produzir conhecimento construído com a racionalidade moderna está pautado na representação, exercício do pensamento que se restringe a julgar e categorizar os fenômenos por codificações pré-estabelecidas de verdade, opera a dualidade corpo/mente para compreender o sujeito cognoscente. Julgar e categorizar são formas de tomar o conhecimento por generalizações e de atribuí-lo à reprodução moralizante, que ampara modos de produção de reprodução do conhecimento seja pela imposição dos hábitos ou ainda pela mediação que leva a permanência do falso movimento, do meio-termo imposto pela contradição. A produção de conhecimento inventiva se faz por desvios, fissuras, que permitem a emergência do novo e afirmação da diferença. Por essa via “a diferença é leve, aérea, afirmativa. Afirmer não é carregar, mas, ao contrário, descarregar, aliviar” (DELEUZE,

2006, p. 61).

Ao propor a experimentação *Nós pesquisadores* por meio dessas dimensões buscou-se uma prática sensível que convocasse os processos educativos à diferença, à criação, à invenção de novos modos de subjetivação e à produção de conhecimento que irrompesse pelos acontecimentos e na capacidade de agenciar novas formas de organizar o mundo e a vida. Almejou-se promover um campo de experimentação de corpos e pensamentos para recodificar o encontro educativo entre o pesquisador e o participante no contexto de ensaios clínicos. Intencionou-se que

no cotidiano das práticas, a realidade se constitua como campo de problematização, de intensificação da vida, de experimentação do pensamento. O sentido se instaura entre representação e expressão, facultando novos modos de apreensão-produção do real. Pensar não é uma questão de vontade, é um exercício que se dá por provocação: nos encontros com o inusitado, nos afetos deslocados, na tensão entre o que já ganhou forma como homem e mundo, sujeito e objeto e o que vai se produzindo, evocando novas formas. Desse modo, a representação não é uma dimensão de permanência como partes ou elementos de uma fotografia, mas um indicativo de trânsito para novas experiências (AGUIAR; ROCHA, 2007, p. 653).

Considera-se na intersecção *estética-experimentação-acontecimento-invenção* elementos para se produzir conceitos-ferramenta que engendrem processos educativos implicados e criativos para a produção de conhecimento e novos modos de subjetivação, inclusive no campo de pesquisas clínicas. O modo conectivo da apresentação conceitual, *estética-experimentação-acontecimento-invenção* expressa uma aposta na potência dessa intersecção conceitual para romper com determinadas lógicas de sujeito, aprendizagem, educação e conhecimento que fundamentam as práticas educativas nesse campo. Esta intersecção contempla um movimento de elementos teóricos e operativos que se colocam como concepções importantes para problematizar um contexto educativo.

Estética-experimentação-acontecimento-invenção referem-se a modos de produzir conhecimento que se caracterizam por engendrar um fluxo incessante de conexões entre as coisas e os seres, produzindo devires e novos estados corpóreos. Pautam-se (1) na negação radical de qualquer essência ou estado a priori, bem como na negação (2) do domínio do pensamento sobre o corpo, que impõe certa racionalidade e hierarquização pelo saber.

Os conceitos-ferramenta constituem potência de produção de conexões, de mudanças no modo de pensar e remetem sempre a outros conceitos, novos conceitos (GALLO, 2003). Os conceitos-ferramenta no contexto deste trabalho compuseram o plano conceitual sobre o qual se propôs o desenvolvimento de um campo de experimentação voltado para a promoção

da compreensão e invenção de conhecimentos sobre pesquisa.

A estética atravessa, por todos os lados, um plano conceitual e operativo, produzindo sentidos, direcionando e cortando vetores ao permear teorias e práticas de multiplicidade. Não se define por referir-se a um objeto de arte, nem por apresentar algum traço especial, como a beleza, mas por marcar e afetar o sujeito pela intensidade das sensações e das emoções que é capaz de produzir. Uma produção estética pode acontecer com a arte, mas também acontece na vida. Há situações que emergem da vida cotidiana e fazem com que ela não se apresente como um conjunto de fatos banais e corriqueiros, mostrando-se como entrecortada por experiências marcantes, que, pela estranheza e pela diferença, forçam o pensamento, constituindo-se como produções estéticas.

Na produção estética, a geração do conhecimento ocorre conectada ao próprio movimento existencial do ser em seus desdobramentos existenciais e de vida. Ela traz em si a possibilidade de singularização, na medida em que o sujeito é convidado a não repetir informações e conhecimentos dados, mas a agir em suas próprias dobras e experimentações sensíveis para produzir algo novo quanto a si e ao mundo. Desse ponto de vista, a estética configura modos ativos e de resistência. Conceber a estética como ato de resistência significa situá-la na produção de intensidades, forças e fluxos que instauram uma radicalidade contra-informativa, que resiste aos paradigmas da sociedade de controle e da disciplina para multiplicar-se na possibilidade de devir. É algo da potência dos encontros, para provocar destabilizações, choques e estranhamentos que levem a modos afirmativos, anômalos, frente às estruturações sociais, políticas e éticas das forças de captura e dominação. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

A estética, ao buscar entendimento em Guattari (2000) e Deleuze (2006), envolve uma dimensão de criação, na qual o choque e estranhamento provocam no sujeito algo que ainda não existia. Um sentimento, um gosto, um estado, uma emoção que se efetua como possibilidade, sempre *por vir*; uma *hecceidade*, zonas de indeterminação e da diferença. A produção estética opera não como a atitude contemplativa, típica da arte em suas vias representativas, mas como uma abertura para os acontecimentos que se produzem nas subjetivações durante uma experiência com signos sensíveis (KASTRUP, 2010). A produção estética possibilita a apropriação dos acontecimentos criando entretempos do possível para a emergência de afectos, perceptos e bloco de sensações - sempre parciais e sem pretensão de totalidade, pois, em si mesmos, e no encontro engendrado, proporcionam meios de experimentação de virtualidades e modos intensivos, que escapam e forçam uma produção de

sentidos.

O entre-tempo, o acontecimento, é sempre um tempo morto, aí onde não se passa nada, uma expectativa infinita que é já infinitamente passada, expectativa e reserva. Esse tempo morto não vem depois do que acontece, coexiste com o instante ou o tempo do acidente, mas como a imensidão do tempo vazio em que o vemos ainda por vir e já chegado, na estranha indiferença de uma intuição intelectual. Todos os entre-tempos se sobrepõem, enquanto os tempos se sucedem. (...) Cada componente do acontecimento atualiza-se ou efetua-se num instante, e o acontecimento, no tempo que passa entre instantes; mas nada se passa na virtualidade que só tem entre-tempos como componentes, e um acontecimento como devir composto. Nada se passa aí, mas tudo devém, ainda que o acontecimento tenha o privilégio de recomeçar quando o tempo passou. (DELEUZE, GUATTARI, 1992: 139-140)

Quem experimenta a produção estética deixa-se impregnar dela, mergulha no que ela oferece, de forma aberta e desinteressada, ampliando suas conexões com outros objetos, outras situações. O que confere à produção estética sua natureza educativa é a possibilidade do encontro com algo que surpreenda, provoque estranhamento, force a pensar, dispare nos sujeitos processos de reinvenção de si e das coisas por uma aprendizagem inventiva. A aposta na estética acontece por ela incluir as dimensões emocionais, práticas e intelectuais. A dimensão emocional responde pelo caráter de totalidade da experiência; é própria da dimensão prática a conexão do corpo com o seu entorno. A dimensão intelectual contribui, ao lado dessas, na produção do sentido, na tradução e na decifração dos signos sensíveis emitidos pelas situações estéticas vivenciadas, entendendo signo como tudo aquilo que exerce sobre a subjetividade uma ação direta. (KASTRUP, 2010)

Uma proposta de educação potencializada pela estética lança-se para a *experimentação*. Experimentar, vivenciar é, ao mesmo tempo, um movimento contínuo de abertura do território sensível, com a potência de emergência do singular, e um movimento de fechamento ao se incorporar os acontecimentos que irrompem nas relações e nos encontros. A experimentação não se dá primariamente no plano intelectual. Ao contrário, tem lugar no plano afetivo, atinge por dentro e por fora, despertando e/ou aguçando sentidos, percepções e atos. Nessa condição, não se busca explicar o que afeta, nomeando ou representando as sensações; ao invés disso, permite-se ser afetado, movimentando a sensação daquilo que afeta para outros lugares, para a produção de outros modos de subjetivação.

A experimentação acontece frente a qualquer afetação que insurge dos encontros entre sujeitos e coisas. Toda realidade é um campo de experimentação, já que os encontros são inerentes a ela. Como a experimentação é feita nos encontros, não pode ocorrer anteriormente aos entes que se colocam ali na vivência da experimentação, das forças, dos fluxos e das

intensidades que a compõem.

a experiência é a sucessão, o movimento das idéias separáveis na medida em que são diferentes, e diferentes à medida que são separáveis. É preciso partir dessa experiência, porque ela é a experiência. Ela não supõe coisa alguma, nada a precede. Ela não implica sujeito algum da qual ela seria a afecção, substância alguma da qual ela seria a modificação, o modo. Se toda percepção discernível é uma existência separada, nada de necessário aparece para sustentar a existência de uma percepção (DELEUZE 2001, p. 95).

Esses e outros traços fazem com que a experimentação se configure como o que se vivencia, uma experiência para a produção de novos sentidos. Marca-se aqui uma distinção entre o que encontra sentido e toca, como um acontecimento, e aquilo que não leva a novos campos de sentidos. Além de propiciar encontros que afetam os sujeitos, a experimentação caracteriza-se pelo seu potencial de buscar engendrar acontecimentos, entendido como o que interrompe o fluxo habitual de eventos e situações, instalando campos problemáticos sem pretensão de soluções. Resultado do acaso, o acontecimento não é o que acontece, mas é no que acontece. Irrompe como resultado de um processo de troca entre o estado de coisas e o improvável, forçando o sujeito a produzir algum tipo de sentido para dar conta do que lhe acontece.

o acontecimento não é o que acontece (o acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. [...] ele é o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece [...] tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne (DELEUZE, 2003, p. 152).

Uma abertura para os acontecimentos implica o transitar por passagens, irrupções, que produzem sínteses disjuntivas em relação à temporalidade. “O acontecimento não se preocupa com o lugar onde está, e não quer saber a quanto tempo existe” (DELEUZE; GUATTARI 1992, p.149). Por um campo obscuro, que não se conta com a suposta luz das enunciações e dos pressupostos informativos transcendentais, o acontecimento será o momento de aparição do novo e da diferença, permitindo singularizações, sempre por desterritorializações e reterritorialização dos afectos e perceptos das experimentações. Essa aparição, consequência de conexões que escapam do instituído-organizado e estabelecido, é substrato das transformações dos modos de existência, o resultado da atividade afirmativa do acaso, do virtual a se atualizar e a modificar os corpos e os pensamentos a partir dos encontros educativos.

Os sujeitos, ao vivenciarem uma experimentação, pelas relações efetuadas com o outro

e com as coisas, estão abertos a se afetarem pelos acontecimentos. Em função da imprevisibilidade dos acontecimentos, há a possibilidade do exercício de problematização, que é certa abertura, indeterminismo e inacabamento das operações cognitivas (KASTRUP, 2001). Quando acontece, o sujeito é colocado frente a uma situação desconhecida em que os seus esquemas conceituais disponíveis mostram-se insuficientes para a interpretação da situação. O desafio se coloca, pois as operações cognitivas habituais não dão conta da decifração da situação. Há, em consequência, um intenso movimento em que as faculdades – sensibilidade, memória, imaginação – atuam de modo divergente, inaugurando algo novo.

Nesse caso, o exercício de problematização convoca o sujeito à invenção de novos problemas (DELEUZE, 2003). Durante as situações de educação dominantes, tradicionais, normatizadas, o que se observa é o exercício de reconhecimento que, ao contrário do de problematização, envolve apenas uma síntese convergente entre as faculdades da sensação e da memória.

Na problematização, o que é assimilável do objeto é o seu diferencial, que por sua estranheza afeta violentamente uma ou mais faculdades, comunicando suas perturbações umas às outras, ocasionando a invenção do pensamento. Há na invenção algo que está fora da reconhecimento, algo que força o pensamento a pensar, que lança o pensamento na direção oposta à das significações já dadas (DELEUZE, 2003). Aposta-se na produção da diferença e não nos sistemas de semelhança que a reconhecimento oferta. No campo da educação, a reconhecimento se traduz pela situação em que o conhecimento parece já ter sido falado, tocado, sentido, imaginado, conhecido em outro lugar, em outro tempo e em outra circunstância; há possibilidade somente de repetição e transmissão. (KASTRUP, 2001)

Neste ponto específico a aposta aqui, é em outras vias, por meio das quais se busca romper com os circuitos de reconhecimento, baseados, estritamente, em elementos científicos, para propor uma experimentação educativa aberta, fluida que viabilize a produção de experiências sensíveis com potência inventiva e afirmativa dos modos de vida.

2.2. Nós Pesquisadores: dispositivo prático para uma experimentação educativa

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma partida daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento) (DELEUZE, 2006, p. 237).

A experimentação *Nós pesquisadores* compreendeu três momentos educativos distintos: (1) Roda de conversa O catálogo, a pesquisa e a vida; (2) Dramatizando sensações, afetos e percepções sobre pesquisas; (3) A vacina, suas etapas e procedimentos para se transformar em uma tecnologia de cuidado em saúde. A experimentação *Nós pesquisadores* foi criada a partir do catálogo, recebendo a mesma designação. O catálogo (quadro 1) incluiu texto sobre pesquisa, imagens e pequenos relatos de história de vida de pesquisadores e voluntários participantes de ensaios clínicos desenvolvidos em região endêmica para Ancilostomíase, interior de Minas Gerais.

Quadro 1. Descrição do Catálogo *Nós pesquisadores*

O catálogo revela um encontro entre a ciência e o modo de ser e viver dos pesquisadores e dos participantes da pesquisa. Tem como objetivos conceituar pesquisa, distinguindo-a de tratamento e horizontalizar as relações entre pesquisador e participante da pesquisa. Além disso, tem como fim, desmistificar a figura do pesquisador como aquele que ocupa uma posição superior em relação ao participante, por conhecer mais e deter o poder de decidir sobre a sua participação na pesquisa ou não. Inclui um texto ilustrado sobre pesquisa e breves biografias com fotos dos pesquisadores e participantes de estudos anteriores que, no seu conjunto, produzem e criam sentidos sobre suas histórias, experiências, crenças, sonhos e o que mais gostam de fazer. O texto do catálogo resulta da transcrição ¹ das respostas dos pesquisadores e dos participantes à pergunta “o que é pesquisa?” e “como a pesquisa se relaciona com a sua vida?”. No desenrolar do texto, o trajeto da produção do conhecimento vai se revelando, desde a dúvida, passando pelo trabalho, até chegar às descobertas e à concepção de novas ideias e ações. Buscar conhecer, duvidar, perguntar, construir, criar, descobrir, experimentar e aventurar são sentidos apresentados no texto para o ato de pesquisar. Em busca de uma definição do que é pesquisar, intenta-se, no catálogo, mostrar que “todo ser, em seu dia-a-dia, é um pesquisador”; seja garimpeiro, cozinheira, professor, poeta, estudante, ou pedreiro, as pessoas trazem, dentro de si, o desejo de conhecer. As fotografias multiplicam sentidos sobre cenários onde a vida e o trabalho dos pesquisadores e dos participantes entrelaçam-se com a pesquisa na procura de uma resposta frente às dificuldades

1 CORAZZA ET AL, 2014.

2.2.1. Roda de conversa 1: O catálogo, a pesquisa e a vida

Este momento da experimentação envolveu a apresentação dos participantes e pesquisadores, para dizerem de si, o que gostam de fazer e o que os motivaram para estarem presentes. Em seguida incluiu a exposição do catálogo *Nós pesquisadores* (Anexo A) por meio de uma versão audiovisual e outra impressa, para que os participantes pudessem assistir e manuseá-lo.

Após esta apresentação, foram utilizadas provocações para tatear e rastrear quais percepções e afetos se compõem a partir da exposição do instrumento e do seu conteúdo. Estas provocações foram: “Como vocês se sentiram ao assistir e manusear o catálogo?”; “De que modo o catálogo toca e afeta vocês?”; “Existe algo do que foi aqui apresentado que se aproxima da vida de vocês?”; “Em que este catálogo faz vocês pensarem?”

Este momento da apresentação teve como objetivo a produção de conceitos sobre pesquisa e o modo como essa acontece na vida cotidiana dos participantes à partir do compartilhamento de percepções, afetos, sensações, memórias e reflexões que emergiram da interação com o instrumento do catálogo.

Para o alcance deste objetivo a roda de conversa é entendida como forma de promover o diálogo e abrir possibilidades para a produção e recodificação de sentidos, saberes e experiências dos participantes. Sua escolha baseia-se na horizontalização das relações de poder em que se pode romper com estruturas prévias do processo educativo, por exemplo, a figura de mestre, professor e pesquisador que, em outras abordagens, é figura central. As rodas de conversa partem de uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social. Por meio delas, intencionam-se novas possibilidades de pensar e agir, por meio de um movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar. (AFONSO; ABADE, 2008)

2.2.2. Dramatizando sensações, afetos e percepções sobre pesquisa

Este momento da experimentação consistiu em um exercício de dramatização realizado pelos participantes e pesquisadores a partir da leitura e discussão do catálogo *Nós*

pesquisadores. O objetivo deste momento foi a produção de conceitos sobre pesquisa por meio de uma experiência estética e corporal. Para o alcance deste objetivo utilizou-se o Esquizodrama - arte de criar múltiplos dispositivos de intervenção - sejam clínicos, sociais, educativos, teatrais, psicológicos, dentre outros – para interferir em aspectos subjetivos, sociais, semióticos e tecnológicos de modo a produzir experiências de desterritorialização e de agenciamentos em meio aos substratos instituídos que emergirem nas dramatizações (BAREMBLITT, 2002; HUR, 2012). Os processos de desterritorialização viabilizam o trânsito de fluxos (psíquicos, corporais, grupais) para a emergência de novos regimes de signos/sentidos e processos de singularização.

O esquizodrama busca um processo de desterritorialização das identidades e papéis sociais estratificados, para que as singularidades possam se conectar e atuar como coletividade que objetiva potencializar os participantes e os atos criadores do pensamento e dos afetos. É um modo de inventar dispositivos coletivos, corpóreos e estéticos, que produzem ou intensificam a transformação criativa do conhecimento e dos modos de subjetivação. (HUR, 2012)

Este momento da experimentação envolveu jogos corporais como ponto de partida para a dramatização. Os jogos foram acompanhados por um fundo musical, *Cio da terra* de Chico Buarque e Milton Nascimento.

CIO da Terra
Milton Nascimento e Chico Buarque (1977)

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão

Após os exercícios foi iniciada a dramatização de uma cena a partir do que o catálogo foi capaz de afeta-los. Neste sentido, os participantes foram provocados para expressarem com movimentos corporais, gestualidades e com a criação de personagens, seus encontros

com o catálogo e/ou algo discutido a partir dele. Participantes e pesquisadores fizeram parte desta tarefa de dramatizar, elaborar e vivenciar uma cena conjuntamente.

2.2.3. Roda de conversa 2: A vacina, suas etapas e procedimentos para se transformar em uma tecnologia de cuidado em saúde

O objetivo deste momento também desenvolvido por meio de uma roda de conversa foi problematizar conceitos e procedimentos da pesquisa clínica, tais como: aspectos relacionados à ancilostomíase, como funciona a vacina testada, objetivos desta etapa de ensaio clínico, sua duração, quais os procedimentos clínicos previstos (exames, avaliações e tratamentos), bem como os direitos, responsabilidades dos participantes e, riscos e benefícios a que são submetidos. Ao demonstrar o que é - e como funciona- o ensaio clínico, pretendeu-se problematizar o que é uma pesquisa, as implicações da participação e o modo como ela pode modificar aspectos da vida cotidiana. As perguntas e problemas apresentados sobre a pesquisa e a participação, permitiriam que novas discussões fossem coletivamente produzidas por participantes e pesquisadores.

2.3. *Hódos-meta*: uma atitude ética-estética-política para a produção de conhecimento

2.3.1. Cartografando mapas intensivos e extensivos do conhecimento e dos modos de subjetivação em uma experimentação educativa

Este estudo referiu-se à criação, desenvolvimento e análise da experimentação *Nós pesquisadores* com participantes de Ensaio Clínico desenvolvido em área endêmica para Ancilostomíase, Vale do Mucuri, Minas Gerais.

Adotou-se neste estudo uma abordagem qualitativa, considerando que o foco foi sobre a análise dos sentidos e modos de subjetivação produzidos em um processo de investigação em que a ênfase recai sobre as relações, os processos e os fenômenos que são parte de uma realidade vivida e compartilhada no contexto de investigação. O caráter qualitativo de uma pesquisa pode favorecer o enfoque sobre a análise dos sentidos produzidos no contexto de investigação.

Qualitativo refere-se à análise dos sentidos que vão gradativamente ganhando consistência nas práticas. O sentido é a virtualidade que pulsa nas ações, é processualização da vida e atravessa o significado, uma vez que está na ordem das intensidades (...) ir além do conhecimento das representações estabelecidas nas comunidades investigadas, dos consensos que dão forma e apresentam a vida como uma estrutura definida nos seus valores, produções e expectativas. O qualitativo refere-se, então, à possibilidade de recuperar as histórias dos movimentos da comunidade, sendo percebido nos conflitos, nas divergências, nas ações que fazem diferença, que facultam a produção de sentidos outros, frente ao hegemônico, para um futuro indeterminado. Isso implica escapar ao crivo que serve para diagnosticar os desvios na funcionalidade cotidiana afirmando a diferença como um modo de ser possível nas relações do coletivo. (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 66)

A pesquisa qualitativa pode escancarar os meandros, um entre, das relações entre sujeitos, que se revela no cotidiano e nas experiências vivenciadas, tomando como percurso diversas montagens e desmontagens do conhecimento que encontram sua materialidade nos contextos de vida, experiências, sensações, afetos, percepções e problemas experimentados no contexto educativo. Essa forma de pesquisa ainda pode captar os diferentes modos de ser, pensar e agir que expressam o processo de subjetivação e singularização da vida.

Dentre as metodologias de pesquisa de abordagem qualitativa, optou-se pela pesquisa-intervenção. A pesquisa-intervenção busca investigar a vida de coletividades considerando sua diversidade qualitativa. No campo da educação, pode ser pensada como um modo de produção de conhecimento em que se aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais e participativos. No contexto deste estudo, trata-se de uma proposta de investigação que se atenta para a transformação da realidade investigada e, ao propor romper com os jogos de saber/poder estabelecidos no processo educativo entre pesquisador e participante, buscou produzir interferências para favorecer a produção de conhecimento e modos de agir ativos e potentes. Neste campo de pesquisa investe-se na criação de novos referenciais que questionem as formas hegemônicas de produzir conhecimento, pois “a pesquisa-intervenção, por sua atitude crítica (inventiva) e implicativa (desnaturalizadora), se afasta de posturas e posições reativas (de negação e julgamento) e amplia as condições de um trabalho compartilhado” (AGUIAR; ROCHA, 2007, p. 661).

Neste sentido, não é a técnica ou o campo que define uma pesquisa-intervenção, mas sim a posição do pesquisador frente ao saber na tentativa de criar zonas de indeterminação e desestabilização que favoreçam a produção do próprio coletivo em sua auto-gestão e auto-análise. (PAULON, ROMAGNOLI, 2010; ROCHA, AGUIAR 2003). Deste modo a pesquisa coloca em questão

uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a idéia de interferência na relação

sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67).

Ao estilhaçar a compreensão sobre o conhecimento, pautada na relação dual entre sujeito e objeto, a pesquisa-intervenção abre campo para entender o modo como se estabelecem os processos de subjetivação e objetivação do conhecimento. Estes processos agenciam um plano múltiplo de determinações para o conhecimento, pois estão em constante tensionamento e não totalizam os sentidos produzidos nos conflitos inerentes à produção da vida.

A cartografia é um método da pesquisa intervenção (BARROS; BARROS, 2013) que visa a produção de mapas intensivos, em que a diferença é a força produtora que movimenta o ser. A noção de mapa configura-se como algo aberto e passível de interseções em todas as suas dimensões. “Ele [o mapa] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE, 1995, p.22).

A cartografia coloca-se como um registro de mapas compostos a partir de infinitas sobreposições e rupturas entre as linhas do plano colocado em questão. A pragmática da cartografia de um plano de realidade é inteiramente voltada para uma experimentação seja dos corpos ou do pensamento (DELEUZE, 1995). Passos et al. (2009) pensam a cartografia como um método possível desde que haja uma reversão de sua finalidade.

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. (PASSOS et al., 2009, p. 10)

Estes autores apresentam algumas pistas de como funciona a cartografia, são elas: acompanhar os processos e não somente observar a realidade como objeto; não dissociabilidade entre o conhecimento e a transformação provocada tanto no pesquisador quanto na realidade; prática de análise e construção de planos teóricos e práticos, nos quais se analisam forças e elementos que dão contorno aos objetos, formas e sujeitos; e por fim, o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento como gestos da atitude cartográfica para compreensão das linhas de fissura. Estas pistas são modos de investigar que permite a

composição dos encontros experimentados, para os quais há uma longa preparação.

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre “fora” e “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15).

Para Rolnik (1989), corroborando com Deleuze, cartografar é desmanchar certos mundos pelo “fora” e “entre”, para formar outros sentidos e expressar afetos contemporâneos. O cartógrafo deve estar mergulhado em intensidades que lhe permitam compor um mapa, não mais como na geografia de modo estático e representativo, mas na irregularidade do que se apresenta no mapa como intensivo (ROLNIK, 1989). Cabe ao cartógrafo absorver os signos e matérias

de qualquer procedência, não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. (ROLNIK, 1989, p. 2)

Trata-se, portanto, de embarcar em territórios provocados por problemas que não se apresentam mais pelo caráter de falso ou de verdadeiro, nem empírico ou teórico, mas por considerá-lo ativo e reativo, vitalizante e destrutivo. (ROLNIK, 1989). Na análise dos “dados” na cartografia, não há uma proteção ao que se delimita pela objetividade do contexto cientificista, se tem na realidade do processo educativo, mas sim se volta para a dimensão genética das experiências, rompendo as fronteiras que limitam o sujeito e o objeto, para acompanhar os processos em que ambos se definem mutuamente, por seus movimentos, encontros, signos e rupturas. Cartografar é a tarefa de dar língua para afetos que pedem passagem, de mergulhar nas intensidades, transcriar os sentidos com os encontros.

O método cartográfico mostra-se adequado para conduzir o presente estudo considerando que a experimentação *Nós pesquisadores* desenvolvida fez-se por diferentes elementos conceituais, signos, afetos e estéticas emergentes em processos educativos. O referencial teórico utilizado para a experimentação diz da operação de perceptos e afectos, que agenciam conhecimentos e posições subjetivas que escapam à racionalidade científica hegemônica, pois compreende que

É da própria razão que emergem os afectos, efeitos de potência sobre a vida, e os perceptos, novas maneiras de ver ou perceber. Por isso, falamos em signos, não em representações. Os signos reenviam aos modos de vida, que resistem a todas as formas de captura, as possibilidades de existência. O que é encontrado, só pode ser

apreendido por tonalidades afetivas diversas – a ênfase, aqui, é sobre o que só pode ser sentido e é a esse respeito que o signo se opõe à reconhecimento (SORDI, 2009).

Essa forma de analisar permite uma investigação do território conceitual e prático desenrolado na experimentação, buscando intercessões com o paradigma ético, estético, político da esquizoanálise e da filosofia da diferença em termos dos processos de produção de conhecimento e de subjetivação. No trilhar dos discursos e corporeidades produzidas a partir da experimentação, buscou-se, como alternativa aos modos representativos e homogeneizantes, cartografar as forças, intensidades e interferências do contexto da experimentação. Considerou-se para isso como e quais agenciamentos de produção de conhecimento e subjetivação funcionaram durante o desenvolvimento da experimentação, objeto deste estudo.

2.3.2. Entre a experimentação e a pesquisa: os dados são interferências

a diferença não é o diverso. O diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso. A diferença não é o fenômeno, mas o número mais próximo do fenômeno. (DELEUZE, 2006, p. 361)

Para a coleta de dados e o desenvolvimento da experimentação utilizou-se de gravações com equipamento audiovisual para registro e posterior transcrição e análise das falas, acontecimentos e gestualidades. Além das falas obtidas, estas filmagens possibilitaram o registro dos movimentos corporais dos participantes e expressões corpóreas, principalmente com a dramatização, para o campo de análise e investigação da produção do conhecimento e dos modos de subjetivação. Os nomes dos participantes foram alterados e constam identificados de forma fictícia, com letras aleatórias, para garantia de sigilo e formalizações éticas conforme resolução nº 466/2012 para execução de pesquisas clínicas. O ensaio clínico consta dos seguintes pareceres de aprovação do estudo, um de nº 2712010 referente ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas René Rachou e outro N°. 516/2011 Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde. (ANEXO B e C)

A partir das falas, afecções e perceptos de participantes e pesquisadores capturadas com a imagem e o áudio foram mapeadas quais as possíveis interferências entre a experimentação educativa e a produção de conhecimento e os modos de subjetivação. Por interferências compreende-se

as interferências que nos interessam se dão em uma multiplicidade de ações de teoria e prática que transbordam os insuficientes limites do eixo sujeito-objeto (...)

interferência é uma relação ou um conjunto de relações de forças que incidem, de maneira casual ou intencional, sobre outra relação ou outro conjunto de relações de forças. Isto quer dizer, nos termos de certas filosofias contemporâneas da diferença, que interferir é estar presente em um jogo de forças e, portanto, em um complexo jogo de poderes, entendendo que poder implica sempre correlações plurais de forças. (NEVES, 2004, p.4-5)

Neves (2004) coloca que as interferências dão sinal de vida, pois ao pensar a articulação entre teoria e prática elas afirmam a possibilidade concreta para acolher e evidenciar a disparidade dos problemas que se efetuam sobre o campo de realidade. Não se trata de perceber os dados produzidos no contexto investigado como mera interferência “de um objeto dado sobre outro objeto dado” (NEVES, 2004, p.4). Trata-se de uma prática de intervenção e análise compromissada ético-politicamente aos “combates afirmativos e criativos de metamorfoses nos modos de viver, sentir, coexistir e pensar” (Id. p.4). Retomando os pressupostos spinozianos sobre o corpo, pensamento e encontros a autora ainda propõe que as interferências possam ser compreendidas como extensivas e intensivas. As interferências extensivas são atualizações que estabilizam o processo de subjetivação ou conhecimento sob aspectos programáticos, segmentares e de serialização nas quais corpo e pensamento padecem. As interferências intensivas são aquelas que agitam parcialmente as coisas e acolhem o acontecimento imanente ao promover movimentos pela potência de agir, ressoando em um conjunto indeterminado de perspectivas, problemas e sentidos que não esgotam novas composições de subjetivação e conhecimento.

2.3.3. Territórios de investigação: o contexto da pesquisa e seus participantes

Este estudo integra o “Ensaio Clínico de Fase 1 de segurança e imunogenicidade da NA-GST-1/Alhydrogel[®] com ou sem GLA_AF em adultos brasileiros” – estudo duplo-cego, randomizado e controlado cujo objetivo é estimar a frequência de efeitos adversos relacionados a vacina contra a Ancilostomíase, em adultos expostos ao ancilostomídeo, residentes em áreas endêmicas, Distrito de Americaninhas, município de Novo Oriente, Vale do Mucuri, Minas Gerais. Participam do Ensaio Clínico de Fase 1 adultos, de ambos os sexos, moradores de Americaninhas, área endêmica em Ancilostomíase.

O Ensaio Clínico foi desenvolvido por uma parceria entre pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade George Washington, Instituto Sabin e Universidade Federal de Minas Gerais, no de 2011. O consentimento para a participação em Ensaios Clínicos realizado

por este grupo de pesquisadores prevê o desenvolvimento da educação dos participantes, tendo como horizonte favorecer a compreensão do estudo e a decisão informada sobre a participação. (ANEXO D)

Pensar e atuar no campo da pesquisa clínica, como uma atividade realizada com seres humanos, implica responsabilidade social e ética. Cabe ao pesquisador informar os participantes não só de modo que compreendam as informações, mas para que também sejam capazes de refletir sobre as implicações da decisão de participação nas suas vidas. Isso envolve necessariamente uma tomada de decisão pela educação. Neste sentido, aos que se ocupam das pesquisas clínicas, é requerido que façam opções pedagógicas para promover a compreensão pelos participantes de conceitos relacionados à pesquisa.

Tomando como referência o debate epistemológico que atravessa o campo da Educação, experiências desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores para a educação em contextos de ensaio clínico e estudo de revisão sobre os referenciais e pressupostos empregados para guiar processos voltados para a compreensão sobre pesquisas clínicas, decidiu-se desenvolver essa proposta de educativa.

O estudo aconteceu com 52 participantes do ensaio clínico que aceitaram o convite para fazer parte da experimentação. Constituíram como plano análise do estudo três experimentações desenvolvidas durante o processo de consentimento do ensaio clínico. Em cada uma destas experimentações participaram grupos com 16, 17 e 19 moradores respectivamente. Com todos eles foram agendados os encontros, respeitando a melhor disponibilidade em termos do dias e horários para os três momentos da experimentação. Não houve ausências em nenhum dos três grupos para os três momentos da experimentação.

Outras experimentações educativas foram executadas ao longo deste processo de consentimento. Entretanto, análise prévia do material proveniente de três experimentações caracterizou-se por proporcionar denso campo de análise e permitir investigar e problematizar os processos de produção do conhecimento e de novos modos de subjetivação agenciados nos processos educativos.

2.3.4. Para além da imagem do Jeca-Tatu: as mazelas de um lugar e a reprodução hegemônica da desigualdade social e do adoecimento

Os participantes do estudo eram moradores de Americaninhas, distrito onde se desenvolveu o Ensaio Clínico. A Fundação Nacional de Saúde Brasileira estima que existam

1.000 pessoas que vivem no centro urbano municipal de Americaninhas, com outras 4.000 vivendo nas áreas rurais circundantes. (VALENTE, 2013) Nesta região existem condições ambientais, climáticas e sociais que favorecem altos percentuais de endemia para Ancilostomíase, dado observado a partir de estudos epidemiológicos indicaram que o “principal ancilostomídeo humano presente na área é o *Necator americanus* com uma prevalência de 69,8%. A prevalência foi significativamente maior em homens do que em mulheres (74,9% vs 65,1% $p < 0,001$)” (VALENTE, 2013, p. 24).

A Ancilostomíase também é conhecida como "amarelão", "doença do jeca-tatu", "mal-da-terra" e "opilação". É uma doença que requer para o seu tratamento, além do uso de medicamentos, mudanças nos contextos culturais, sociais e econômicos voltados para o uso de proteção corporal na exposição em solos contaminados, o destino adequado às fezes humanas, para impedir a contaminação da superfície do solo, com uso de fossas sanitárias e latrinas ligadas a um sistema de esgotamento. (REYS, 2001)

O Município de Novo Oriente de Minas possuía em 2010 um Índice de Desenvolvimento Humano baixo, com percentual de 0,555 que o coloca na 5128ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros. Este índice revela percentuais alarmantes quanto ao acesso a direitos básicos como educação, saúde, renda, longevidade, entre outros. Destacam-se alguns desses fatores no município, nos quais se descreve que: 25% da população adulta tinha o ensino médio completo e 41% de adultos constam com o fundamental incompleto e eram analfabetos; 65% da população era considerada vulnerável socialmente e estavam classificados em nível de pobreza do ponto de vista econômico com renda per capita de 274,37; e 68% de pessoas acima de 18 anos estão em situação informal de trabalho. Todas estas características sociais, econômicas e políticas são as condições de vida enfrentadas pelos participantes, cuja influência é direta para a consolidação do quadro endêmico para a ancilostomíase (REYS, 2001).

Em Americaninhas as casas são predominantemente feitas de concreto ou de uma combinação de madeira e de barro e possuem telhas ou chapas de ferro para telhados. Apenas cerca de 50% destas casas tem latrina e água encanada e as pessoas geralmente recolhem a água das nascentes locais (VALENTE, 2013). Há apenas um posto de saúde na área, composto por poucos trabalhadores de saúde envolvidos na atenção básica desta população e da microrregião.

A maioria dos habitantes está envolvida na agricultura familiar, de subsistência, principalmente café, mandioca e feijão. A pecuária, a extração de minério e fabricação

artesanal de queijos são outras importantes fontes de renda. Essas formas de trabalho acontecem em meio à adversidade suplantada pelos regimes econômicos da atualidade. O Vale do Mucuri é dominado por lógicas agrícolas de monocultura e atividades de mineradoras que demarcam forte concentração de terra e renda, sendo que este processo econômico-social possui efeitos nefastos para as atividades geradoras de renda desta população “classificada” por fatores de vulnerabilidade social.

3. A PESQUISA, O LUGAR, AS PESSOAS E A VIDA: A POTÊNCIA DOS ENCONTROS EM UMA EXPERIMENTAÇÃO

a experiência pode ser vivida em seu aspecto criador de si e do mundo, mostrando a co-dependência entre o mundo que nos aparece e o ponto de vista a partir do qual se experimenta o mundo (KASTRUP; PASSOS, 2013)

3.1. Da imagem estática do catálogo para o cotidiano intensivo da vida no campo: uma abertura para a multiplicidade de modos de pesquisar e ler o mundo

Os pesquisadores apresentaram o catálogo para os participantes na forma de vídeo e, posteriormente, o distribuíram em versão impressa para que pudessem manuseá-lo livremente. Os participantes, no início da experimentação com o catálogo, demonstraram, com o silêncio e cabeças baixas, certo constrangimento e timidez. Alguns chegaram a negar o material em suas mãos alegando não saber ler. Neste momento, disseram ‘eu não entendo nada disso aqui (catálogo) é por que não sei ler’ (J) e ‘se quiser entender algo mais tem que ler né?’ (T). Os pesquisadores argumentaram que era possível compreender o que estava no catálogo de diferentes formas, não somente por sua leitura, insistindo que cada um poderia ler do seu jeito, como fosse possível naquele momento.

Na medida em que começaram a folhear as páginas do catálogo, os participantes fizeram comentários espontâneos demonstrando surpresa com as fotografias do lugar e de pessoas conhecidas. Em alguns desses comentários foram imediatas as expressões de curiosidade, alegria, satisfação e inquietação em reconhecer pessoas da localidade.

Tia Nilva fazendo um queijinho gostoso (MJ)
Nilva? Isso. Eu conversei com ela hoje, eu gostei muito. Eu gostei muito da foto dela, ela é muito bacana né? Eu conversei com ela, e eu acho que a gente pode também né, assim, ver porque que ela está aí, né? Porque que os outros estão aí, eu estou tentando aqui pensar alguma coisa (RA)
A Miléria tinha o cabelo comprido ainda (L)
Careca tá diferente, tá com a cara mais cheia (TI)
Esse povo aqui é tudo conhecido (ER)
O pessoal do vídeo é o pessoal que a gente conhece (A)
Esse material me chamou muito a atenção, visto que ele apresenta autores, pessoas da minha comunidade (GA)
Ver o pessoal da gente participando me enche de satisfação (...) pra gente que conhece cada um isso tem um valor mais significante... (DU)

O sorriso expresso no rosto dos participantes, o dedo apontado para as imagens, os

burburinhos e cochichos com os colegas do lado romperam com o constrangimento e timidez inicial na experimentação. O encontro dos participantes com estas imagens foi movido pelo “valor mais significante”, a satisfação e o orgulho em conhecer as pessoas que cotidianamente fazem parte da vida em comunidade. A vinculação entre a experimentação com o catálogo e o estudo que os pesquisadores estão desenvolvendo na região foi notória entre alguns participantes.

Outros comentários espontâneos foram motivados pela identificação de diferenças no lugar, paisagens e construções. Os participantes identificaram as imagens expostas no catálogo como algo do passado e as atualizaram, descrevendo como as percebem hoje no presente a partir de novas cores, aparências e sentidos para o lugar.

Voltando um pouquinho o passado (...) ali em baixo o rio ta bem fininho, la na foz ta bem baixo, aqui já tá mais cheio(...) É passado porque hoje tá diferente... pode não ter muitos dias(GE)
O que chamou muito minha atenção foi o verde (JR)
O capim ta mais verde(N)
Essa aqui é minha rua... (risos) ela tá feia parecendo rua dos sem terra, tudo juntinho (DI)
Achei importante a estrada, achei bonita, as mata fechadinha (AD)
A estrada no livro ela achou bonita, mesmo vendo ela todos os dias (LO)
Ah, tudo, né? Tudo que vocês falaram aqui mostrou a realidade do lugar também né? que tem muitas coisas que passam por, sei lá, melhoras (A)
Eu vejo, por exemplo, a minha sociedade as fotos do meu lugar e eu creio que aqui, que mais está sendo procurado é os vermes, e tem que ser orgulho nosso essa pesquisa (GA)

As falas a respeito de locais, estradas, rio e construções surgiram como um novo registro sobre o lugar, quando se vê ‘uma mata ou o capim mais verde’, ‘o rio mais cheio’, uma rua que ficou parecida com rua de sem-terras. Todos esses registros parecem ser tomados pelos participantes como algo que faz parte ‘da minha sociedade’, algo que mostra ‘a realidade do lugar’ e como as coisas ‘passam por melhoras’. Por mais que os participantes tenham afirmado que o catalogo apresenta a realidade do lugar ou a sociedade deles, não deixaram de percebê-la diferente em relação às sensações cotidianamente formuladas sobre o lugar.

Os participantes utilizaram da noção de tempo, passado e presente, para demarcar diferenças e mudanças entre o que vivem e o que está apresentado no catálogo. Lançaram mão de expressões estéticas como feio, bonito e o realce às cores para destacar como o catálogo os afetou.

A superação do constrangimento em ler o catálogo *Nós pesquisadores* demarca uma abertura para produzir conhecimento de modo autogestivo, coletivamente e para singularizar

afectos e perceptos em relação ao catálogo. O que se supera é uma posição de padecimento dos participantes e pesquisadores no processo de aprendizado e um possível enrijecimento da produção de conhecimento nos moldes tradicionais e dialógicos de educação. Ao ampliar as possibilidades de como se lê e ao abrir espaço para o compartilhamento de um conjunto de sensações e percepções, viabiliza-se a produção um território conceitual amplo, em que se pode criar diferentes composições de sentido com o catálogo. Todo este movimento não significa apenas disposição dos participantes para receber o material, mas ao tomarem posse e se apropriarem ao seu modo do que ali está para ser “lido”, eles encontram um modo de leitura de mundo que precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989).

Há no posicionamento inicial dos participantes, quando recusam receber o catálogo, uma auto-restrição, uma menoridade auto-imposta, que os limita quanto possibilidade de compreender e produzir conhecimentos em si e por si mesmos. Esta posição corrobora com um processo de padecimento do ser cognoscente na diminuição de sua potencia de produzir sentidos em que se reforça a passividade e o assujeitamento no processo educativo. (KANT, 2005)

O estranhamento e a surpresa são afecções criadas principalmente em relação ao lugar e as pessoas, demonstrando que o catálogo na sua montagem estética e poética provocou deslocamentos e diferenciações, com as quais novos sentidos e perceptos poderiam ser produzidos. O estranhar e o surpreender desdobram-se em um conjunto de formas perceptivas parciais e polifônicas singularizadas por pequenas composições de sentido como o verde mais verde da mata, as caras mais cheias, casas que parecem de sem terra, dentre outras. Ao serem coletivizadas e experimentadas pelo grupo, essas percepções não são apenas objetos da conformação de um sujeito cognoscente em seu exercício representativo, mas são produto de um “nós” que se abre para a multiplicidade de sentidos sobre o catálogo, um ritornelo montado e remontado pelas conexões e afetos que atualizam esse encontro educativo (GUATTARI, 2000). Nesse território, pesquisadores e participantes, se dispõem a coletivizar seus corpos, percepções e sensações para problematizar e conceituar pesquisa.

O diálogo estabelecido pelos participantes e pesquisadores sobre o texto e as imagens do catálogo fazem parte de novas composições de sentido, pois não acontecem como formas de representação do que foi compartilhado pelo material. Essas falas manifestam uma potência conectiva que não cessa a produção de relações entre territórios existenciais e de sentidos dos participantes, nas quais não é preciso dicotomizar, comparar e utilizar da contradição, da negação, como forma de produzir conhecimento. Neste sentido, ao encontrar

novas formas de ler e produzir conhecimento, abandona-se o constrangimento prévio da estrutura, de relações hierarquizadas e do método educativo, para se consolidar um encontro educativo que, no próprio território comum e mundano, aquece e anima afectos e perceptos que invocam a afirmação da diferença e da recodificação do lugar e das pessoas. Trata-se de uma aposta no comum e mundano

mais como premissa do que como promessa, mais como um reservatório compartilhado, feito de multiplicidade e singularidade, do que como uma unidade atual compartilhada, mais como uma virtualidade já real do que como uma unidade ideal perdida ou futura. Diríamos que o comum é um reservatório de singularidades e, variação contínua, uma matéria anorgânica, um corpo sem órgãos, um ilimitado (apeiron) apto às individuações as mais diversas (PELBART, 2008, p.36).

Após estas manifestações espontâneas ao folhear o catálogo, os participantes foram provocados para dizer o que mais o catálogo possibilitou pensar e sentir. Esta provocação encadeou, de modo recorrente nas experimentações, reflexões e manifestações dos participantes sobre a temática do trabalho. Para eles, havia no catálogo um sentido sobre trabalho que remeteu à luta pela sobrevivência e ao trabalho de pessoas que buscam viver melhor.

Faz de conta que isso aqui está falando assim, é o trabalho da gente, que a gente vai lutando, então a gente tem que romper pra frente, continuar o trabalho da gente (MA)

Esse trabalho é importante porque é para a gente sobreviver. (ER)

Ali a gente vê e aprende, por que não da pra ficar de braços cruzados (...) as pessoas que estão ai, é pessoas que buscam, tão trabalhando, buscando, vivendo e aprendendo, cada dia da vida, cada passo que a gente dá, consegue viver melhor, aprender mais e ensinar mais. (MH)

Eu sei é que essa pesquisa que passou ai, que nós num pode é ficar de braços cruzados, nós temos que fazer qualquer coisa, dá mais um passo pra frente, pelo o que passou ai, eu entendo assim, nós temos é que dar mais um passo pra frente, por que se nós ficar de braços cruzados, num aprende nada. Esse passo vai para qualquer canto do mundo, vai se nós saber a setinha para onde que vai num volta... vai pra qualquer canto... (AP)

Uai que não pode parar né, que já tá lutando aqui na revistinha e que a gente tem que Tem que meter o pau né (...) tem que trabalhar mesmo né (CE)

Eu acho que se ela (Nilva) está aí é uma forma de mostrar a renda dela, a forma dela se sustentar, eu imagino que é isso porque, se ela está ali, é o trabalho dela aquele. Igual ao Lourival também é uma forma dele se manter, a família e ele, daquele jeito.

A forma dele trabalhar é daquele jeito. Eu represento assim. (A)
Interessante, cada dia que passa a gente aprende mais um pouco, essa frase de Nilva foi interessante, 'enquanto pisca é vida', é uma lição de vida mesmo, uma pessoa que trabalha tanto, e quando a gente acha que já sabe tudo, ai vem alguém e diz mais uma frase pra completar (...) a cada dia a gente se surpreende (LU)

O destaque ao trabalho, como meio de sobreviver e de seguir em frente, o colocou na condição de aporte necessário para a transformação da vida. A conexão com a forma

ininterrupta e infindável de trabalhar para obter o sustento apareceu nas expressões ‘continuar para frente’, ‘braços cruzados’ e ‘romper para frente’. Para os participantes as pessoas que estão no catálogo são exemplos de quem busca alguma transformação por meio de diferentes formas de trabalhar. A sobrepujança da ideia de que o trabalho é para sustentar a si e à família reforçou uma responsabilização frente ao empenho, julgado como necessário, em dar conta de melhorar a vida. Ficar de braços cruzados, em estado de ócio, pareceu inadmissível visto que o trabalho representa para os participantes o passo para frente e a luta para alcançar transformações de suas condições de vida.

A busca do pesquisador pela ampliação dessas percepções sobre o trabalho desaguou em novas provocações para os participantes sobre a relação entre o trabalho e o cotidiano de suas vidas. A intenção foi a de que os participantes pudessem singularizar tais percepções em relação à própria vida. Nesta direção, os participantes prosseguiram na discussão sobre o sentido do trabalho, desta vez, destacando suas diferenças na roça e na cidade.

A gente precisa trabalhar, mexer com a roça, tem que vender, tem que sair dinheiro, tem que comprar também. Porque esse trabalho não existe sem mim... (E)

Eu estava pensando um pouquinho de cada coisa que falaram que demonstram um trabalho assim, um trabalho que nem eles têm, fixo e acaba passando uma ideia para cada um de nós. Eu penso assim. (L)

Sem esse trabalho nós não vive aqui na roça não, no comércio a gente tem um emprego bom, tem um emprego bom na cidade, agora nas roças não pode parar não, eu tenho que continuar durante a vida, enquanto tiver vida eu tenho que funcionar. (EL)

A diferença da zona rural pra zona urbana é só isso aqui ó, dinheiro, lá ganha mais e aqui ganha menos (SE)

É a mesma coisa moço, tem serviço lá que você ganha menos também, não vai pra lá achando que você vai ganhar um bom salário que não é todo serviço que você vai ganhar um bom salário(JM)

Então, lá já vai um emprego de doméstica, vai um emprego de pedreiro ai então vai só rompendo pra frente, então pra nossos filhos que é pequeno e tão crescendo (...) é uma explicação, nós que somos pais vai explicando pra eles ai que é esse trabalho que eles tá trabalhando aqui, que eles tá fazendo aqui. (M)

Para os participantes o trabalho na roça referiu-se a “lida com o mato enquanto na cidade referiu-se a um emprego, ou serviço, seja no comercio ou como doméstica e pedreiro. Ao expressarem esta idéia os participantes afirmaram que em cada um desses lugares há condições distintas para os proverem financeiramente. Eles sugeriram a ideia de que o catálogo revela como cada pessoa encontrou seu trabalho fixo e sua forma de trabalhar, ou ainda, que é preciso exercer várias atividades para o próprio sustento.

Alguns destes participantes qdestacaram o trabalho como uma atividade em que seus corpos precisam estar em pleno funcionamento, ou seja, operativos de modo a não ceder ao ritmo e intensidade das atividades cotidianas, como se percebeu na fala “enquanto tiver vida

eu tenho que funcionar”. A ideia de que o catálogo pode servir para os pais ensinarem a seus filhos sobre seus ofícios emergiu na fala ‘então pra nossos filhos que é pequeno e tão crescendo é uma explicação, nós que somos pais vai explicando pra eles ai que é esse trabalho’.

A indagação dos pesquisadores sobre a relação do trabalho com o cotidiano também possibilitou uma reflexão sobre o cuidado em saúde e o caráter endêmico do local para a verminose. Entretanto, aspectos dessa relação foram identificados pelos participantes como dificuldades e barreiras com as quais frequentemente se depara na vida.

Nós estamos tratando aqui a respeito da saúde. Isso é uma coisa que mexe na nossa vida profissional, às vezes por que não consegue cuidar por condição financeira, transporte, ou a burocracia no SUS (O)
É que a gente vive trabalhando nos matos, passa muita dificuldade, perigo e de vez em quando a gente passa mal a gente precisa de ir no médico (ER)
Quem vive na roça aqui sabe que pega mais verme do que quem vive na cidade.(JN)
É assim que nem no caso né é... ai a gente vai e continua o trabalho né. Oh menino, faz de conta, não faz isso, talvez não vai pra esse lugar que aqui tem muito verme e tal, é um lugar perigoso ai então a pessoa não obedece porque tem uns ponto que tem que faz a doença e tem os ponto que não tem. Aonde nós morava quando a gente era criança não existia, e aqui aonde nós mora aqui é o lugar onde existe mais xistose no mundo, então vocês tão entendendo como é que é? Ai então as pessoas vai crescendo e vai aprendendo, faz de conta que é esse trabalho aqui ó. (MA)

Os participantes relacionaram o trabalho à saúde, pois para eles esse é um tema que “mexe na vida profissional”. Esta relação emergiu quando alguns participantes, ao olharem atentamente as fotografias, exploraram situações que favorecem o contágio pelo verme. A relação que teceram é a de que cuidar da saúde é fundamental para que eles tenham condições de trabalhar. Neste ponto específico complementaram que o sistema de saúde local apresenta problemas, além de eles, os participantes, disporem de recursos limitados para cuidarem da saúde.

O tema do trabalho emerge e faz intercessão com o catálogo na produção de sentidos dos participantes. Há neste campo discursivo estabelecido entre o catálogo e o tema do trabalho, um bloco de sensações que encadeiam agenciamentos de enunciação sobre a luta pela sobrevivência e uma busca de uma vida melhor. Nesse contexto os participantes são afetados por características de suas realidades cotidianas nas quais o trabalho é o meio para se buscar o próprio sustento e melhorar as condições financeiras, inclusive para cuidar da saúde.

Nas percepções dos participantes o trabalho tem um caráter emancipatório – por meio dele idealiza-se uma ‘vida melhor’ e a possibilidade de transcender às limitações vividas. Isto

significa que para os participantes o trabalho é intrínseco à sua existência uma vez que 'esse trabalho não existe sem mim', 'enquanto tiver vida eu tenho que funcionar' e 'não ficar de braços cruzados'. Esta forma de perceber e experimentar o trabalho é condizente com a acepção moderna de trabalho. No ocidente, a derivação etiológica para o termo trabalho toma forma na contradição entre o *ponos* – referencia a esforço e penalidade – e *ergon* – que designa a criação, a obra de arte. (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2012)

Considera-se que por meio do trabalho o ser humano encontra elementos da natureza para suas criações e invenções, inaugura um campo compartilhado de objetos e ferramentas para transformar as coisas e situações. O sentido do trabalho se dá na direção da transformação da natureza para a satisfação de necessidades vitais e desejos, o que lhe confere a conotação de território concreto para a produção da própria vida. Há, entretanto, no conjunto de percepções dos participantes sobre o trabalho, uma forma de repetição que reforça um modo servil e esperançoso do tema.

No intuito de explorar a ênfase atribuída pelos participantes às dificuldades do cotidiano, quando discutiam sobre o trabalho, os pesquisadores os estimularam a identificar no catálogo ferramentas e estratégias para fazer frente à estas limitações. Neste momento, a pesquisa foi apontada pelos participantes como meio de eles se haverem com os problemas que vivenciam no dia a dia.

Cada um tem uma forma de trabalhar né, então, no que trabalhamos, cada um de nós, a gente sempre tenta mudar alguma coisa, aí faz uma pesquisa para saber se aquilo vai dar certo ou não, então cada um de nós somos pesquisadores também.(G)
Na verdade, eu acho que na vida da gente, é sempre pesquisa né? Sempre você tenta conhecer alguma coisa. (J)

É não vou dizer que todos nós somos profissionais, mas que a gente faz alguma pesquisa, faz sim. No dia-a-dia da gente, a gente faz pesquisa. (PE)
As vezes aquela correria que a gente convive, as vezes a gente acaba fazendo varias pesquisas e no mesmo tempo não tem nem tempo para parar pensar, nossa eu fiz uma pesquisa, ela deu tão certo, nem eu mesma to percebendo(...) depois que vc vai ver. (RA)

Na verdade o material, a maioria das fotos, não vou dizer todas né, tem a ver com a forma de pesquisa, que cada coisa, cada um, cada coisa tem uma forma de se pesquisar ela. Cada um tem uma forma de viver. Em cada dia, pesquisando alguma coisa nova.(BI)

a pesquisa ta no dia a dia, no todo, a cada busca... (D)

Eu acho que na verdade esse catálogo tenta nos mostrar que cada um de nós somos pesquisadores também e cada coisa que a gente faz que a gente tenta mudar aqui igual, às vezes uma receita, no plantio, ou...cada coisa que a gente faz, às vezes a gente tenta mudar, então é uma forma de estar pesquisando também. (GE)

Uai no caso a gente mesmo somos os pesquisadores. (U)

E como é um grupo cada um pesquisa de uma forma, cada um tem um jeito, por exemplo eu tenho qualidade pra conhecer uma coisa, ela de uma, ela de outra, você de outra, tem conhecimento de um de outro, um comentando com o outro e acaba passando, cada um conhece uma coisa de uma forma diferente. (Z)

A pesquisa para os participantes apresentou relação com o conhecimento que se adquire, com uma qualidade singular de cada sujeito e com uma ação que pode provocar mudanças nas situações de vida. Os participantes reconheceram as pesquisas que realizam no cotidiano pela diferença no modo de pesquisar de cada um e suas implicações nas suas vidas. As falas ‘no dia-a-dia da gente, a gente faz pesquisa’, ‘cada um pesquisa de uma forma’ e ‘eu acho que na verdade esse catálogo tenta nos mostrar que cada um de nós somos pesquisadores também e cada coisa que a gente faz que a gente tenta mudar’ expressaram este reconhecimento. Sentidos para a pesquisa que se conectam a ideia de um todo um infinito, ao se considerar cada busca, retendo virtualidade da vida que se efetiva e atualiza as formas existências e de produção de conhecimento.

Perceber a pesquisa como meio de mudança foi uma maneira dos participantes atribuírem a ela o papel de favorecer novas formas de lidar com as situações do cotidiano. Neste ponto observou-se que a identificação dos participantes com o pesquisador favoreceu a valoração de suas atividades que passaram a ser vistas como pesquisas voltadas para a produção de conhecimentos e resolução de problemas cotidianos. Como parte deste processo de valoração, os participantes destacaram que é fundamental o compartilhamento das descobertas com os seus pares.

Falando da pesquisa, também mostrou o conhecimento, tipo assim, vocês vem lá de fora pra nos pesquisar, nós aproveita enquanto vocês vem pra aprender com vocês, é pesquisa em grupo, um pesquisando o outro, e juntando né, o conhecimento (E1)
Tem que aprender a tirar a goma, tem de aprender a acender o fogo, tirar lenha, tem que aprender muita coisa. Não ficar sempre parado no que você já sabe, sempre tentar saber um pouquinho mais. (JU)
isto tudo que nós vivemos aqui hoje é um melhoramento do nosso lugar. Agente vai aprendendo.(VI)
Um vai aprendendo com o outro, um passa para o outro. (HI)
É bão aprender por que uma coisinha sempre fica na memória. (Z)

Para os participantes destacou-se a ideia de que os conhecimentos produzidos em suas pesquisas devem ser compartilhados. É justamente no compartilhamento que a idéia de aprender emergiu. Ao apreenderem uns com os outros novas formas de agir e pensar frente aos problemas, os participantes exercitaram o ‘juntar conhecimento’ para ‘não ficar parado no que já sabe’. Tais aprendizados podem proporcionar aos participantes a descodificação e recodificação de si mesmos e do lugar, condição essencial para tornarem-se ativos e transformadores da sua própria realidade.

Estimulados pela ideia de compartilhar seus conhecimentos produzidos em pesquisas

cotidianas, os participantes destacaram algumas de suas experiências vividas no trabalho da roça.

A coisa mais bonita que tem é plantar uma planta em poucos dias você tá colhendo com as próprias mãos o que você plantou (MP)
Se o bolo não der certo olha na receita e aumenta mais os ingredientes. Aumenta mais o trigo, aumenta mais o leite, aumenta mais a margarina, vai aumentando para o bolo sair certo (ME)
É como você falou da plantação, se não está dando de um jeito, tenta de outro, se não é desse jeito, tenta de outro, até que a terra produza (...) Será que vai chover, será que hoje dá para arrancar o feijão? (JO)
Mas outro dia eu coloquei foi uns dois ventiladores para secar o feijão, porque eu não podia perdê-lo de jeito nenhum. (JA)
O problema da frutinha, as vezes não tá só na flor, está na raiz, vai perdendo as forças, as vezes acha que é culpa da lagartinha, tem que investigar tudo. (TE)
Nós aqui vende laranja e mexerica nas feiras, então ela só tem aquela data para dar (...) uai mas por que todo tempo que a gente chega aqui tá dando? ai eu falando com um moço da feira, ele falou né 'sabe o que você tem que fazer, as vezes tem uns vinte pé de laranja eles vai produzir naquela data que você tem costume, ai chega nuns dois e balança até cair as flor dele, os outros vão dar na data, e esses outros que tiver balançado vai dar num tempo que ninguém tiver, depois ela vai dar temporão (BR)

Para os participantes 'é a coisa mais bonita' perceberem o resultado direto de suas pesquisas e o que conseguem alcançar por meio delas. Eles falaram com entusiasmo e alegria sobre as soluções que criaram para agirem frente às dificuldades. Apareceu entre alguns participantes o relato de estratégias por eles inventadas para proteger a colheita da chuva, na estocagem de feijão e milho, melhorar as condições da terra para o plantio, encontrar o tempo certo para plantar, ou ainda, contornar um erro de ingredientes na receita 'para o bolo sair certo'.

Os participantes mapearam que há neste contexto de vida um conjunto de dificuldades e barreiras, sendo que a pesquisa abordada no catálogo é ferramenta para que de fato possam mudar, transformar, buscar e produzir conhecimentos para melhorar a vida e sobrevivência. Essa percepção sobre pesquisa trouxe uma lógica de que cada um singularmente encontra, em si e por si, modos de mudar sua própria realidade. Re-conhecer a pesquisa como transformadora dos contextos de vida constituiu uma afecção que alterou a percepção de si mesmo: trabalhadores do campo/roça transformaram-se em pesquisadores.

Re-conhecer-se pesquisador é uma modo de romper a dialética repressão x libertação imposta pelas afecções de trabalho, da vida dura, que não pode cruzar os braços. Desviar-se da condição de trabalhador, ou ainda re-conhecer nela a possibilidade da diferença, deu a possibilidade de outros modos de singularizar a vida que escapem às matrizes identitárias da subjetividade moderna que ratifica a impotência e servidão. Deste modo, considera-se que foram produzidas pelos participantes, novas formas de lidar com as dificuldades e barreiras do

cotidiano de modo a potencializar o *conatus*,

o movimento interno do corpo e o nexu interno das idéias na mente que constituem a essência do homem – esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir-se e realizar-se plenamente. O mundo exterior surge como um conjunto de causas que podem aumentar ou diminuir o poder do *conatus* de cada um. A ação consiste em apropriar-se de todas as causas exteriores que aumentam o poder do *conatus*; a paixão, em deixar-se vencer por todas aquelas que diminuem seu poder. (JUNIOR, 2009, p. 372)

Ainda com o ensejo de buscar soluções para os problemas, os participantes fazem conexão com aspectos de religiosos. Como solução para os problemas frente aos quais os participantes sentem-se impotentes diante de tanta mudança evocam uma figura Divina, causa e consequência de toda a natureza.

Pede a Deus pra ajudar a gente [...] Então põe nas mãos de Deus. Por quê? O sol estava quente, não estava? Nós vamos desesperar? Não vou desesperar [...] Tem que fazer o que? Pedir a Deus, não é? [...] As águas são em dezembro e chegaram agora. Agora que nós estamos tranquilos para colher. Está mudando, então o que a gente tem que fazer? Pedir a Deus mesmo. A nossa solução é Deus. (NA.)

Eu sente é alívio né, a gente fica mais né (e movimentava a mão do peito para fora) (...) as vezes tá pensando alguma coisa, a gente muda é... sabe que tá com Deus, que tá alegre... (J)

São recorrentes falas que buscam na relação com Deus formas de amenizar o sofrimento ou angústia diante um problema. Os participantes buscaram apaziguar o desespero ou alguma intenção errônea diante dos problemas por meio de suas religiosidades. A ideia de que ‘Deus sabe de tudo’(MP), apontou que caso enfrentem algo desconhecido e que não disponham de conhecimento para lidar com tal situação, acreditam esperançosos em uma intervenção divina. Tal percepção por mais que esteja assentada em uma visão cristã, enquanto cultura dogmatizadora e culpabilizadora do sujeito da modernidade, deixa escapar uma conexão com o Divino de modo mais leve, alegre, momentos alívio ‘sabe que tá com Deus, que tá alegre’, isso quando algo recai sobre o pensamento e pede mudança.

Por meio do catálogo e sua potencialidade para afetar e imbricar os participantes e pesquisadores na produção de sentidos sobre pesquisa à partir da própria vida, trabalho e conhecimentos compartilhados, foi possível produzir uma experimentação estética que apontasse para modos de transformar e inventar a própria vida. Os sentidos de pesquisa evocados e conectados às pequenas modificações dos territórios existenciais foram: leitura do mundo por meio das transformações da realidade e das coisas; frente aos problemas e barreiras enfrentados, uma atitude, uma contraposição radical a posição passiva e

esperançosa; a configuração de sentidos transformadores. Entre as formas duras de existência calcadas nos diferentes discursos das instituições sociais – família, trabalho, escola, o capital, campo, cidade, Deus, ciência – movimenta-se sentidos e percepções mais fluidos e conectivos, que margeiam modos de re-existir.

3.2. Uma baguinha com os corpos para novas montagens e desmontagens do conhecimento e suas apropriações para a vida

Os pesquisadores convidaram os participantes para encenarem o que discutiram sobre o conteúdo do catálogo. Eles, os participantes, foram provocados a construir uma cena que expressasse o que o catálogo foi capaz de despertar neles, em termos de pensamento, sentimento, ação. Antes disso, acompanhados por um fundo musical, os participantes realizaram, sob a orientação do pesquisador, jogos corporais cujo objetivo era sensibilizá-los corporalmente para a atividade de dramatização de cenas que envolveria afetos, dramas e novos modos de subjetivar-se frente aos acontecimentos e ao inédito. Esses jogos caracterizaram-se por abrir espaço para a experimentação de novas formas para o corpo e o pensamento pelo caminho estético da arte de dramatizar e do brincar.

Os participantes, inicialmente, com os corpos duros, movimentos arrastados, tímidos e contidos esboçaram pouca disposição para algo leve e alegre. Suas tendências iniciais foram compatíveis ao corpo funcional, à força de trabalho e à ferramenta de sustento. Neste momento, eles pareceram demonstrar estranheza em correr, trombar, dançar e movimentar, mas ao fazer tais ações não deixaram de se render aos risos. Aos poucos, ao realizarem jogos cujo desafio era equilibrar os corpos uns nos outros, os participantes exercitaram a confiança no outro, aventurando-se em novos movimentos distintos dos realizados no primeiro momento. Parece ter ocorrido aqui uma ruptura com o constrangimento inicial frente à dramatização e à experimentação corporal.

Durante a realização do jogo “nó humano” os participantes mostraram-se envolvidos com a tarefa de desembaralhar o nó que se formava com os seus corpos. De forma espontânea, deram sugestões de como desatar o nó, ao mesmo tempo tentaram fazê-lo sem interferências dos pesquisadores, que apenas incentivavam o jogo. Com cessar, novas sugestões misturaram-se à algazarra e ao divertimento expressos em gargalhadas.

Os jogos foram comentados por alguns participantes que destacaram o modo como foram por eles afetados. Atribuindo um novo sentido para a pesquisa, uma participante expôs

que tais 'brincadeiras', também uma forma de pesquisar, pois é uma pesquisa muito boa essa brincadeira, porque ela faz parte da nossa vida' (AP). A participante parece ter encontrado, em sua experiência com os jogos, novas saídas para o cotidiano, pois para ela 'essa brincadeira é um começo de saída... nós temos que caminhar, nós temos de andar, num tanto, tem que entender o que ta fazendo, saber pra onde vai, participar, por na mente' (AP).

Outra fala sobre os jogos destacou o seu caráter de divertimento: 'bom que se diverte, por que a gente fica com a cabeça só nos problemas, eu gosto de uma baguncinha assim' (MH). Para a participante, essa 'baguncinha', ou possibilidade de diversão possibilita um rompimento com o foco habitual sobre os problemas vividos no cotidiano. Outros comentários manifestaram o ensejo de compartilhar este jogo e outras brincadeiras já experimentadas por eles com outras pessoas da comunidade. Estes comentários revelaram que o jogo teve potencia para movimentar na memória registros afetivos sobre o brincar, bem como o interesse em repeti-lo mais vezes e ensiná-lo para outras pessoas.

Os jogos experimentados corporalmente afetaram os participantes para a produção de percepções que desdobraram novos usos para o brincar, pesquisar, divertir, rememorar e compartilhar. Esta proposta inicial da experimentação, que buscava aquecer os participantes para a composição da cena, pareceu convidá-los para um processo subjetivo mais ativo, disponível para uma 'baguncinha', em que se articulariam novos modos de singularizar e de agir na vida.

Deste modo, os jogos produziram deslocamentos nos sentidos de pesquisa. Um dos sentidos produzidos foi o de que pesquisar também é uma brincadeira, pois é uma forma de colocá-los em movimentos. Dançar, pular, andar, entender, saber, falar, caminhar, roubar, bagunçar configuraram-se para os participantes como formas possíveis de lidar e agir na vida. Neste exercício, eles experimentaram-se como um corpo brincante e não somente trabalhador ou de vulnerável por suas condições sociais.

Há neste contexto uma relação corpo e mente que afirmativamente cria território para o devir. Como brincante há a possibilidade de um outramento, uma virtualidade, que não se faz como um exercício de representação, mas antes como uma dobra sobre a própria vida para apontar o que escapa. Para tanto, considera-se que o brincar agencia elementos de blocos de infância, em que o "conceito de devir-criança porta a idéia de "uma" criança que persiste no adulto enquanto virtualidade e enquanto condição de divergência e diferenciação da cognição, abrindo caminho para a exploração da dimensão inventiva da cognição" (Kastrup, 2000).

Após vivenciar os jogos corporais, os participantes passaram para produzir as cenas do

plantio da mandioca, ordenha para o preparo do requeijão e procura de pedras preciosas. Estas atividades foram produzidas a partir da provocação dos pesquisadores para compor uma cena com movimentos que expressassem os sentidos produzidos por eles para o catálogo.

3.2.1. Cena de pesquisa 1: Plantio da mandioca

É tempo de lavoura. Mas é preciso reconhecer o terreno. O olhar esquivo, por todos os cantos, localiza por onde começar. Começos feitos em pequenos passos e sorrisos, ambos empenhados com o trabalho. O esforço prepara a terra para o plantio da mandioca. Não tarda, são dois, depois, quatro e, de repente, já são dez, doze braços insistentes, num sobe e desce ritmado. Levanta e golpeia, golpeia e levanta, não para, não cansa. A rigidez do movimento se repete, ora com um vigor camuflado em braços femininos estreitos, ora com a vitalidade de ombros másculos, esculpidos pelo labor. Dos corpos suados, das mãos firmes no cabo da foice, da força do golpe, nasce o sustento que vem da terra, surge o alimento do homem do campo e da cidade. Plantação boa é plantação asseada. Capina, tira o mato, levanta a enxada, abaixa a enxada. O fogo queima o capim morto no chão, esse mais tarde torna-se símbolo de vida. E lá vai a mulher de novo, instrumento na mão, finca na terra, joga pra fora, até que raízes não se tenham mais no solo. A enxada limpa o espaço para a plantação e ajuda a abrir as covas, linhas retas pelo espaço, compassadas, espaçadas, faz andar não para frente, mas para trás. Aos poucos multiplicaram outras fileiras do mesmo modo. A métrica começa a não se sustentar mais. Os corpos, ao buscarem espaços, se chocam e forçam o desvio. Novamente é a alegria despertada no que não se previa, que arranca do automatismo e constrangimento. Aos poucos, o terreno cheio de mato e de aparência infértil se transforma em solo roçado. Começa-se a enterrar as manivas. O olho da maniva pede direção para brotar e o olhar de quem vai plantar precisa ver por menor e não mais calcular e fazer compassos. Um enterrar com cuidado, com jeito; um plantar com sabedoria, na terra que concebe novas raízes e o fruto do amanhã. É dança, os pés deslizam, levam a terra e apertam com firmeza. É momento de retomar a alegria o sorriso sincero daquele que vive com esforço. Cobrir, deixar descansar, aguardar; é tempo de cultivar. O trabalho no campo é diário, o homem cuida do que lhe compete, enquanto a natureza age por si e em si. Dentro de dez meses, em terra boa, já se colhe. Em solo difícil, até dois anos pode demorar. E quando é tempo de colher, ainda não se finda a labuta. A colheita traz fartura, a colheita traz trabalho. A mão descasca, rala, prensa, torra. O corpo se move, sente a

canseira de maneira satisfeita. O dever de cada dia, o de viver com todo esforço, o de construir modos de transformar a terra e nela cultivar são cumpridos. Mãos que se movem, corpo que trabalha, são as alegrias com as piruetas de farinha que fazem não ceder ao cansaço.

Na primeira cena apresentada, os participantes utilizaram do contexto de trabalho do plantio da mandioca para dramatizarem os conhecimentos e estratégias produzidos em suas pesquisas no cotidiano.

Os participantes não responderam à chamada inicial dos pesquisadores para se produzir uma cena. Olharam entre si, alguns ficaram cabisbaixos, tentando se esquivar da exposição. Mais um convite e questionamento se de fato era o que queriam vivenciar e eles começaram a se mexer. Decidiram dramatizar o plantio da mandioca, sem recorrer ao catálogo que estava disponível para auxiliar na criação de um mote inicial do exercício dramático. Na medida em que começaram os movimentos, os participantes gradualmente diminuíram as conversas e buscaram entre risos e sons fazer os movimentos de plantio. São eles os movimentos de sobe e desce, avança e recua, agacha, debruça e mira, de modo que todos colocaram seus corpos implicados na operação improvisada de plantar a mandioca.

O trabalho da capina e da abertura das covas foi destacado pela métrica e pelo ‘compasso’ no uso e manuseio das ferramentas (a foice e a enxada). O rigor, o cuidado e o ‘asseio’ foram os critérios empregados para os trabalhadores emitirem juízo de valor sobre o próprio trabalho e o dos outros como agricultores. O trabalho duro e métrico foi, portanto, o sentido produzido pelos participantes sobre pesquisa.

Este sentido de pesquisa modificou-se ao longo da dramatização: da repetição dura, compassada e metódica característica da ideia de que somente pelo labor e rigidez se transforma a realidade, deslocou-se para o trabalho atravessado pela alegria, demonstrado por corpos ativos e múltiplos nas formas de singularizar o trabalho. Os movimentos tornaram-se mais leves e fluidos, ocupando o lugar daqueles duros e métricos, que, no início da dramatização, invocaram um padecimento entristecido na forma de trabalhar.

Na cena, o tema do trabalho, quando motivado pelos afetos de alegria, foi metamorfoseado e experimentado com movimentos que convocam novos modos de agir, expressos em uma forma de dramatizar que escapa à representação do trabalho duro, afeito ao sofrimento, ao juízo de valor, à dureza métrica e à idealização. Os movimentos fluidos, intensivos e sem pretensão de simbolizar o trabalho duro ora antes experimentado, voltaram-

se para a produção de uma experiência estética não intermediada pelo caráter representativo teatral. A métrica cedeu lugar à multiplicidade dos modos de plantar, reorientando o entendimento de trabalho para a potência de transformação da realidade, a partir da afirmação da diferença dos modos de pensar e agir frente à realidade.

3.2.2. Cena de pesquisa 2: Ordenha de leite para o preparo do requeijão

É com silêncio e contemplação que tudo começa. O curral é o cenário de pesquisa. Arrasta-se um banquinho e um homem, a principio solitário, senta e se acomoda. O moço lhe traz o balde e a menina, a corda. Instrumentado para o trabalho, ele, o ordenhador, começa o puxa-puxa, num movimento ligeiro e coordenado. Aos poucos, bem aos poucos, mãos se multiplicam e passam a apertar e soltar, apertar e soltar, incansavelmente. Os braços vão e voltam, firmes, ritmados. O leite vai, aos poucos, enchendo o balde. O som do leite caindo no balde é suave e incessante: 'tchiii.... tchii.....' e, quanto mais gente chega para o trabalho, mais forte fica a sinfonia, 'tchiiii....., tchiiii.....'. O leite segue a jorrar e as mãos a trabalhar, sincronizadas. Um, dois, três baldes, tanto leite que atrai concorrência. Lá vem o bezerro a reclamar seu alimento. A corda ganha serventia e agora, amarrado, o filhote tenta mamar sem sucesso, preso a berrar. Os braços dos ordenhadores não param, até que finda a ordenha, quando se enchem todos os baldes e é hora de parar. Repousam os braços cansados, descansa também, no balde, a matéria prima do requeijão. O leite fica ali até coalhar, aguardando as cozinheiras lhe darem cabo. Recomeça o trabalho. Do curral, para a cozinha, os braços fortes das mulheres assumem o comando e os homens, de braços cruzados, ficam a observar. A receita, elas sabem de cor: passa o coalho do balde para o saco, pendura o saco para escorrer, passa a massa do saco para o tacho, e, no tacho, começa a bater. Colheres na mão, elas misturam sem parar. A dança só para, quando cuidadosas, acham o ponto da massa. Preenchem-se as formas, enfim acabou e tudo termina na mesa, com a faca na mão, um cafézinho quente e uma fatia de requeijão.

Na segunda cena, os participantes utilizaram do contexto da ordenha e da produção do requeijão para dramatizarem uma relação com a pesquisa voltada para a capacidade de transformação e modificação da realidade e das coisas.

A cena iniciou-se de forma semelhante à anterior, com participantes esquivos, tímidos e silenciosos, até que a imagem da produção do requeijão, presente no catálogo, disparou um

movimento. Um dos participantes, com um gesto simples das mãos, iniciou a cena reproduzindo os movimentos típicos de uma ordenha. Os outros, logo se dispuseram a imitá-lo. Entretanto, improvisando e utilizando diferentes materiais, cada participante teve a oportunidade de singularizar o ato da ordenha e fazê-lo a seu modo. A lixeira foi utilizada como balde para a ordenha que, em seguida, tomou a forma de um tacho para o preparo de requeijão. Igualmente, quando os participantes conseguiram dispor seus corpos para devirem bezerros, ordenhadores (as) e preparadoras de requeijão. Nestes atos simbólicos de recodificação, há a manifestação da capacidade de inventar que brota do pensamento e dos corpos, afirmando a potência para inaugurar novas formas de produzir sentidos e de agir.

O sentido produzido sobre pesquisa emergiu vinculado ao contexto de trabalho, dramatizando-o como uma forma de transformar a realidade e as coisas. Seja transformando leite em requeijão, ou alterando a finalidade dos objetos e de seus corpos durante a dramatização, os participantes expressaram a pesquisa como processo, um entre coisas e sentidos, capaz de transformar e inventar a própria realidade.

A divisão do processo de trabalho a partir de uma distinção por gênero, aparentemente vivida pelos participantes em seu cotidiano, também apareceu na cena. Os homens se dispuseram para a ordenha do leite, enquanto o trabalho na cozinha para a confecção do requeijão foi exclusivamente feminino. Os movimentos e composição da cena foram estabelecidos de forma distinta visto que os homens montaram uma linha reta para a ordenha e as mulheres prepararam o requeijão em roda. O entendimento produzido nesta cena da ordenha foi o de uma ação transformadora e desestabilizadora do que está dado a priori em termos de fins e sentidos dos objetos e materiais. Isso aconteceu quando os participantes espontaneamente transformaram a função dos objetos e fizeram outras construções da realidade por meio da dramatização. O ato de criar novos personagens permitiu recodificar suas posições subjetivas e corpos, favorecendo uma ampliação dos modos de singularizar-se por meio da diferença.

3.2.3 Cena de pesquisa 3: Em busca de uma pedra preciosa

Para buscar as pedras preciosas, deve-se seguir as trilhas dos cascalhos. É uma trilha intensiva, que deixa o corpo leve e sensível para conectar-se ao meio e por ele perambular. Com essa leveza, se abre um território com infinitas possibilidades de percurso, apostas em pequenos estilhaços que inspiram para o encontro com o desejado. Os caminhos são percorridos com atenção redobrada: deve existir algo que escape ao maciço verde e cinza

das terras, outrora abundantes em riqueza. Buscar os vestígios do que a própria terra fez, faz rumo ao seu interior, essa é a tarefa quando se encontra o local de pouso. Buscar as pedras agora é escavar, inclusive os sonhos e desejos. É preciso apostar alto, pois os riscos de vida são muitos! Antes bastasse a procura infinita, ainda é preciso submeter-se ao claustrofóbico buraco. Dias afincando escavando, parece que se chegaria a outros lados do mundo. São poucos pedregulhos o que se espera encontrar, principalmente se tiverem um verde translúcido da esperança. Ainda cabe ajeitar o corpo e dispor-se na melhor posição para peneirar tudo o que foi coletado, pois os joelhos já doem por tamanho esforço e repetição. O tempo é duro em anunciar que com o passar da idade, há uma diminuição do tônus e vigor do corpo, pois se é usurpado da força antes tida. Mesmo reconhecendo tudo o que se esvai com o trabalho, o que apodrece as juntas, busca-se no mais profundo do mundo algo para fazer brilhar a esperança brotada da terra. A 'macegueira', roubo de terra com pequenos pacotes de sal, quase um tiro no escuro, também é forma de procura. O produto são jóias e são preciosas, são para poucos. Poucos que ainda matam para continuarem a ser poucos. Talvez essa demonstração de riqueza que se está acostumado a imaginar com a exuberância das jóias, não permite perceber que não é a mesma riqueza para aqueles que dobram seus corpos por esperança, sonho e esforço. Mesmo com dores, caminhadas longas, procura e esperança é o sorriso com poucos dentes restantes que se destaca, pois mesmo frente ao padecimento, manifesta a resistência para viver.

Na terceira cena os participantes dramatizaram a pesquisa como uma forma de buscar, procurar e investigar a realidade. O trabalho nas minas contextualizou esse entendimento de pesquisa, bem como sinalizou para a relação feita pelos participantes entre esta e os seus desejos e sonhos de transformar a vida.

A cena iniciou-se desta vez sem os participantes manifestarem limitações ou constrangimentos para movimentarem-se. As imagens do catálogo que ilustraram o trabalho do minerador e uma imagem representando os seus sonhos constituíram o mote para o começo da dramatização. Logo, os participantes arriscaram movimentos que encadearam outros, sem sentidos prévios.

Os movimentos dramáticos foram compatíveis com a busca e procura que ocorrem na terra para se encontrar algo desejado. Esses movimentos expressaram que a pesquisa experimentada com corpos lentos, leves e suaves tem potência para tornar os corpos ativos para explorarem as pistas e sinais encontrados. Nesta forma de pesquisar, os movimentos dos

participantes foram afeitos de alegria compondo diferentes formas ativas e singulares de buscar uma pedra preciosa baseadas na potência do corpo, em sua capacidade de afetar e ser afetado. Quando os participantes abaixaram, ajoelharam e peneiraram, observou-se o esforço despendido pelo corpo no ato de busca uma pedra preciosa. Neste instante alguns participantes foram tomados por certo entristecimento decorrente do reconhecimento das dores e limitações físicas impostas pelo trabalho. Mas, mesmo assim, encontraram seu próprio modo de abaixar ou dispor o corpo, retomando a alegria antes manifesta. Tudo isso mostrou que dramatizar a busca de uma pedra preciosa parece ser um caminho para vivenciar corporalmente o sentido de pesquisa como uma busca por algo que possa mudar o curso da vida e dirigir-se para a concretização do que se deseja e sonha.

A cena foi interrompida e encerrada por uma discussão feita pelos participantes para destacar que, além dos efeitos nocivos no corpo advindo das condições de trabalho nas minas, há o risco de trabalhadores do garimpo sofrerem assassinados em alguma disputa com proprietários ou grileiros de terra que contratam capangas e seguranças para proteger determinadas áreas. Mesmo com outras provocações dos pesquisadores para buscar dar continuidade a vivencia dramática, ou retomar o que vinha sendo produzido, mas os participantes não se implicaram mais com a produção da cena.

A partir disso, eles passaram a descrever o que sonhavam para si mesmos, como por exemplo, obter casa própria e terminar a formação. Neste momento, houve o compartilhamento da percepção de que são poucos que conseguem transformar a vida pelo garimpo e há mais riscos e perdas do que ganhos. Deste modo, encontrar uma pedra preciosa foi reconhecido como uma condição ideal que surge de forma inesperada para suprir e preencher algo essencial que falta.

Neste ponto específico da cena, os movimentos criados pelos participantes para dramatizarem uma busca e procura, os potencializaram para a produção de um novo sentido para a pesquisa. Prevaleceram aqui relatos de violência, sofrimento e disputa imputada neste contexto do trabalho com a mineração. A alegria, leveza e sensibilidade demonstrada ao singularizarem as formas de se buscar uma pedra preciosa foram constrangidas por afetos tristes montados com histórias de assassinatos e paraplegias por ferimento à arma de fogo.

Identificou-se neste momento como um padecimento traduz-se em impotência que paralisa os corpos dos participantes. Esta impotência acontece por meio de um movimento desejante, demarcado como desejo faltoso, ou como um movimento que se estabelece dependente de algo externo a si para efetivar-se, ao invés de ser um movimento que aposta na

utopia ativa e sua potencia de produzir vida em si e por si mesmo (GUATTARI, 2000).

3.2.4. Corpos em cena: seus movimentos intensivos e extensivos

Os participantes utilizaram dos sentidos sobre trabalho para dramatizarem conhecimentos e estratégias que reconheceram ter produzido em suas pesquisas no cotidiano. Tal tema parece ter sido para os participantes uma via para se dizer e problematizar a vida. Na dramatização busca-se uma produção de sentido em que é possível orientar-se por “uma vida não mais vivenciada a partir da necessidade, em função dos meios e dos fins, mas a partir de uma produção, de uma produtividade, de uma potência, em função das causas e dos efeitos.” (DELEUZE, 2002, p. 9). A vida não é uma idéia e nem uma questão teórica, trata-se de uma maneira de ser cuja aposta está na potência do viver, na imanência, rompendo com os valores transcendentais que corrompem e estão contra a produção de uma vida (DELEUZE, 1997).

As cenas, em seu conjunto, foram constituídas por movimentos dramáticos agenciados por afetos de alegria e tristeza, com maior ou menor grau da potencia de agir. Neste sentido, os participantes ora dramatizaram a dureza do trabalho e a conformação do corpo revelando padecimento, tristeza e repetição, ora dramatizaram o trabalho afetado pela alegria que proporciona fluidez e inventividade ao corpo. “Os autómatos param e deixam que a massa inorgânica que articulam apareça. O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível” (DELEUZE, 2004, p. 13).

A afecção de alegria compreende uma via por meio da qual o corpo e o pensamento ascendem para uma perfeição maior. Ao contrário, a afecção de tristeza compreende uma via por meio da qual corpo e pensamento passam a uma perfeição menor. As afecções implicam no esforço de preservação do seu ser, permitindo novas composições para re-existir, aumentando o *conatus*. Neste sentido, as cenas revelam uma permanente tensão entre atividade e passividade que dizem do aumento ou diminuição da potência de agir dos modos de ser produzidos pelos participantes

somos ativos (agimos) quando se produz em nós, ou fora de nós, qualquer coisa que somos a causa adequada, isto é, quando se segue da nossa natureza, em nós ou fora de nós, qualquer coisa que pode ser conhecida clara e distintamente apenas em nossa natureza. Mas, ao contrário, digo que somos passivos (sofremos) quando em nós se produz qualquer coisa ou qualquer coisa se segue da nossa natureza, de que não somos senão a causa parcial. (SPINOZA, 1979, p.178)

Admite-se que a dramatização organiza-se considerando uma ética que aponta para

estratégias de formação de redes entre afecções que suscitam e reforçam a alegria, resistindo à tristeza e às causas da tristeza. Isso ressalta o movimento interno do corpo e o nexos das idéias que visam à construção de um devir ativo que possa colocar o ser em condições de exercer a sua potência de conhecer.

Cria-se deste modo com a dramatização zonas de vizinhança onde a produção de novos conhecimentos e modos de subjetivação acontece e tem como condição o desejo. Estas zonas de vizinhança são agenciadas maquinicamente, pelo processo do desejo, que produz fluxo e corte de conexões entre homem-ferramenta-animal-coisa (GUATTARI, 2000). As montagens corporais apresentam essas formas do desejo agenciadas no coletivo como máquina abstrata ou corpo sem órgãos, naquilo que trata de um processo preenchido de si, e por si só, carrega um continuum de intensidades, uma conjugação de fluxos e blocos de devires que visam o aumento da potência de agir.

As cenas produzidas com a dramatização demonstram um processo de montagem e desmontagem feito pelos participantes para compor sentidos a partir de desejos e afetações provenientes da relação com o cotidiano, os sentidos para o trabalho, a própria aceção de vida, conhecimento e pesquisa. Existiram momentos em que as formas parciais montadas nas cenas corporais padeceram frente às causas externas evocadas por memórias e lembranças sobre a realidade do lugar, quando, por exemplo, foi dramatizada a métrica do trabalho na roça e a violência promovida pelo garimpo. Nesta linha de segmentariedade dura, houve o enrijecimento dos participantes a afecções passivas ou paralisantes, de modo que as estratégias pautadas na alegria foram comprometidas.

3.3. Frente ao conhecimento formal às problematizações

Nesta última etapa da experimentação educativa foram apresentadas pelos pesquisadores informações sobre o ensaio clínico e a ancilostomíase. Essas informações pautaram-se no termo de consentimento livre e esclarecido, no protocolo do estudo, na literatura científica e em experiências anteriores da equipe de pesquisa em processos educativos e de consentimento. Com base nestas informações, definiu-se um percurso narrativo composto dos seguintes conteúdos e enfoques: o que é - e como é - esta pesquisa; o que é esta doença; quais os critérios de inclusão e exclusão para a participação, quais os riscos e benefícios; e quais as relações da pesquisa com o lugar e as pessoas.

Inicialmente abordou-se com os participantes que outras pesquisas foram

desenvolvidas na comunidade em anos anteriores pela equipe da Fundação Oswaldo Cruz. Eles foram, então, informados de que se tratava de mais uma das ações dessa instituição pública que em parceria com outras instituições de pesquisa do Brasil, Estados Unidos e patrocinadores desenvolveriam uma vacina contra a ancilostomíase, conhecida como amarelão. Os pesquisadores pontuaram que o amarelão é uma doença causada por um verme que habita o intestino humano e que, ao eliminar ovos pelas fezes, liberam larvas no solo, que podem contaminar as pessoas. O vale do Mucuri por ser uma região quente e úmida tem o clima favorável para o verme se desenvolver, por esta razão a região é reconhecida como endêmica, ao lado disso está a ausência de saneamento básico. Os sintomas típicos do amarelão como cansaço, fraqueza, anemia e problemas de aprendizagem foram também indicados pelos pesquisadores. Neste ponto específico destacou-se que o amarelão é uma doença silenciosa que muitas vezes não dá sinais e nem acarreta sintomas, podendo agravar a saúde de uma pessoa anos depois de se infectar.

A noção de que a vacina, elaborada a partir de uma proteína chamada *Na-GST-1*, uma pequena parte deste parasita, ajuda a imunizar e proteger o corpo das pessoas foi exposta no terceiro momento da experimentação aos participantes. Destacou-se que esta etapa a ser vivenciada pelos participantes referia-se à avaliação dos aspectos relativos à segurança e tolerabilidade desse produto desenvolvido. Dito de outra forma, que se tratava de uma fase em que buscava saber como esta vacina reagiria no corpo, se produziria reações adversas e em que intensidade.

Foi comunicado aos participantes que haveria uma nova reunião em que eles receberiam e leriam o termo de consentimento livre e esclarecido, tendo em vista a tomada de decisão informada sobre a participação. As informações sobre o tempo de duração do estudo, os procedimentos e exames a que os participantes se submeteriam, o número de doses a serem ministradas, os tipos de vacina e os grupos que as receberiam foram disponibilizadas durante a intervenção. Para a organização destas informações, foi confeccionado um calendário de visitas, exames, avaliações clínicas e vacinações distribuídos nestes dezesseis meses. Neste momento o foco da exposição recaiu sobre os riscos de se submeter ao processo de teste de um novo produto, considerando a possibilidade de diferentes reações adversas, principalmente alérgicas.

Demarcou-se, além disso, na apresentação, os critérios para participação no estudo, a saber: ter idade entre 18 e 45 anos, de ambos os sexos, não estar grávida ou em período de amamentação. Também foi informado aos participantes que outro grupo de voluntários, com

essas mesmas características, estaria participando do estudo, em Belo Horizonte, em razão da necessidade de analisar as diferenças entre as pessoas que residem ou não em área endêmica para a Ancilostomíase.

Uma vez encerrada a apresentação, abriu-se um espaço para o diálogo com os participantes, principalmente, para o acolhimento e resposta às dúvidas relativas às implicações em participar e sobre a pesquisa. As perguntas e discussões realizadas pelos participantes constituíram indícios do modo como estas informações foram apreendidas, reelaboradas e apropriadas pelos participantes. Essas questões realizadas expressaram o modo como os participantes se implicaram com tais informações e conhecimentos, revelando aspectos de como compreendem ensaio clínico e consentimento da pesquisa. Os participantes ao estabelecerem conexões entre o ensaio clínico, pesquisa e elementos da vida cotidiana, produziram diferentes modos de singularizar a decisão de participar ou não do estudo, levando em consideração aspectos diferentes da pesquisa.

Estas perguntas foram agrupadas por apresentarem conexões em termos do tema problematizado pelos participantes, demarcando o modo como este convite à participação e os conhecimentos da pesquisa os afetaram. As primeiras problematizações que se destacaram das falas dos participantes foram àquelas relacionadas à vacina.

Então tomando essa vacina vai tá curado do amarelão? (VO)
Tomando essa vacina a gente pode voltar a pegar verme? (ZI)
Então essa vacina não é certa né? (BR)
Ta em pesquisa ainda né e precisa da gente para os testes né isso? (OD)
Essa vacina vai ser igual da gripe? Toma ela hoje e fica dez anos sem pegar gripe?(JA)
Essa vacina de agora foi testada em Belo Horizonte em alguém? E qual vacina foi testada? (DU)

Estas questões demonstraram como os participantes compreenderam a vacina, problematizando o seu potencial, ou não, de cura do amarelão, seus efeitos imunológicos e as experiências dos pesquisadores em testes anteriores. De um modo geral, os participantes sinalizaram ter compreendido que esta pesquisa tem a vacina como objeto de estudo. Contudo nem todos se apropriaram da noção de que trata-se de um teste da vacina. Ao indagarem por vezes se 'tomando essa vacina vai tá curado do amarelão?' apresentaram a expectativa de que a vacina pode ser uma forma de cura da doença. Esse entendimento se sobrepôs a outras informações relevantes sobre a reinfecção, pesquisa, tratamento da doença e os efeitos de uma vacina no corpo.

Por outro lado, ocorreram as perguntas 'essa vacina não é certa né?' e 'ta em pesquisa

ainda né e precisa da gente para os testes né isso?' que indicaram uma apreensão de que o processo refere-se a um teste. Já, outro participante, utilizou de noções sobre imunização adquiridas em experiências com outras vacinas para questionar se de fato esta em teste seria eficiente para impedir a reinfecção pelo verme. Ainda com relação à eficiência da vacina teste, outros participantes a compararam com outras vacinas e o seu tempo de imunização, como exposto na fala 'essa vacina vai ser igual da gripe? Toma ela hoje e fica dez anos sem pegar gripe?'. Por fim, alguns participantes demonstraram ter apreendido informações sobre as etapas da pesquisa ao indagar 'essa vacina de agora foi testada em Belo Horizonte em alguém? E qual vacina foi testada?'

No segundo grupo de problematizações foram destacadas questões dos participantes que envolveram os critérios e procedimentos da pesquisa.

Aqui e antes de tomar a vacina vai ter exame antes, de sangue e tal, para saber se
tem verme ou não?(HI)
Vocês fazem os exames de sangue e fezes pra ver quem tem verme?(PA)
A pesquisa é só pra esse verme né, o amarelão? E se a pessoa tiver com outro verme,
o que acontece? (FL)
Precisa estar com o verme para participar? (AN)
Quem não tem o verme, vai tomar vacina também ou não?(FE)
Por que não pode participar quando esta amamentando? (U)
Pode viajar depois que entrar na pesquisa?(SE)
Quem tá velho não tem só para os novos, eu dei meu nome e vim, mas porque não
podemos?(ZI)

Os participantes demonstraram compreender que há critérios para participar da pesquisa, bem como a necessidade de, ao tornar-se voluntário, submeter a determinados procedimentos, como por exemplo, exame de fezes e sangue. Expressaram curiosidade em saber se estão com verme ou não. Ainda, com relação aos procedimentos da pesquisa, os participantes consideraram os sentimentos de medo e coragem.

Tem que tirar sangue né... o problema vai ser como lidar com a agulha... o problema
é o medo né (risos) (NA)
Daqui até o momento da pesquisa, quero ver se vou ter coragem de tomar
agulhada... (risos) (JA)

O reconhecimento do medo e da necessidade da coragem para *lidar com a agulha* emergiu nestas falas dos participantes. Foi notável certo constrangimento deles em falarem do medo.

No terceiro grupo de problematizações destacaram-se questões relativas aos possíveis riscos e efeitos do teste da vacina. Surgiram aqui aspectos relacionados aos riscos, alergias e

acompanhamento clínico.

Mas essa vacina trás riscos não né? (BF)
Pode ter algo mais sério do que isso de uma reação alérgica? (LO)
Eu tenho alergia de três qualidade, por isso fica difícil pra mim participar (M)
É igual às pesquisas que falamos, nessa pesquisa se nós não tomar a vacina, não vai valê de nada...(TI)
Já ia perguntar como é que faz se der problema com essa vacina, como fazia, mas você já tá ai dizendo do acompanhamento. (MP)

O participante quando disse 'mas essa vacina trás riscos não né?' revelou estranhar e negar a possibilidade de riscos em decorrência do teste da vacina. Ao compreender que há riscos de reações alérgicas, outra participante auto-analisou suas condições de saúde e a impossibilidade de participar. Reconhecer o risco de reação alérgica também motivou questionamentos sobre outras possíveis reações. O risco também foi assumido como algo que é necessário experimentar quando se busca identificar novas formas para lidar com os problemas da vida cotidiana. A frase 'se nós não tomar a vacina, não vai valê de nada' é ilustrativa.

No terceiro momento, frente à exposição de conhecimentos e conceitos científicos sobre a pesquisa clínica, os participantes tensionaram pressupostos éticos e procedimentais da vacina tomando como referencia elementos da vida cotidiana, sensações e informações apreendidas. Neste tensionamento observou-se um modo de produzir conhecimento que escapou à repetição do conteúdo e informação dispostos sobre pesquisa. Existiram nas questões formuladas, aspectos de vida que foram potencializados, que escaparam e tiveram força para constranger o equívoco terapêutico, sendo uma alternativa frente ao padecimento diante de informações científicas e com status de verdade.

As questões dos participantes compuseram um exercício de problematização que agenciou diferentes sentidos e modos de agir, pois ampliou o território conceitual sobre pesquisa que estava estabelecido na experimentação.

Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. E, primeiramente, considerando-se o saber como problema, pensar é ver e é falar, mas pensar se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. (DELEUZE, 1998, p. 124)

Nas problematizações, foram evocados diferentes modos de agir e pensar relacionados à pesquisa, criou-se um campo para a composição de resistências, em que a figura

representativa do pesquisador, como detentor de suposto saber, que ampara o equívoco terapêutico, perdeu intensidade e permitiu que os participantes se deslocassem autogestivamente de uma condição de menoridade. As questões, aparentemente por menores, favoreceram movimentos de criação pelas indagações ao implicarem modos ativos conectados a outras forças e conhecimentos que não somente a estreita compreensão científica de efeitos colaterais, procedimentos e etapas de uma vacina teste

O problema e a questão não são determinações subjetivas, privativas, marcando um momento de insuficiência no conhecimento. A estrutura problemática faz parte dos objetos e permite apreendê-los como signos, assim como a instância questionante ou problematizante faz parte do conhecimento e permite apreender-lhe a positividade, a especificidade no ato de aprender. (DELEUZE, 2006, p.70)

O exercício de problematização desconstruiu o distanciamento imposto pelos lugares de saber entre participantes e pesquisadores, na medida em que favoreceu uma mútua disposição para conhecer junto com, em que as questões foram aberturas para enlaçar outros elementos de conhecimento e modos de vida. Tais questões estabeleceram diferenciações, afastamentos e aproximações, no que há de comum entre os conceitos formais de pesquisa e o modo como percebem e fazem pesquisas no cotidiano, para a produção da vida.

A relação pesquisador e participante também sinalizou para movimentos que se estabelecem para além da passividade construída em processos educativos em que a figura do pesquisador ocupa lugar de saber e verdade. Isto aconteceu porque os participantes utilizaram elementos próprios para desestabilizar o discurso prévio e montado sobre ensaio clínico. Apresentaram formas de compreender que vão além da apreensão da informação, pois conectaram outros elementos de vida que deslocaram os sentidos do conhecimento formal disposto. Nesse campo criado foram produzidas subjetivações ativas que se esforçaram para ampliar a relação entre a pesquisa e a vida cotidiana.

4. EXPERIMENTAÇÃO, PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Na porosidade afetiva dos corpos
No que podem tempestivamente
Sem moral
Sem engano
Com mãos que medem
Para além de sua própria extensão
Grata surpresa do anti-reflexo
Que no pequeno território
Seu próprio infinito
Faz múltiplos
Não precisa ser único
Mas no seu contrário
Uma multidão de vozes
Cor- pôs para ver o visível
Atos que transformam tristezas
Na mais pura alegria
Inventam-se outros modos
Acaba-se a necessidade
Di-visão
Uma impessoalidade
Subjacente aos movimentos
Para gozar com a cara
Da pretensa plenitude
Está ai a oportunidade
Raspar as durezas
Da própria pele
Na tarefa
Imprecisa
De sentir... mundo

A experimentação *Nós pesquisadores* fez funcionar um contexto motivado pela liberdade de se compor conhecimentos e subjetivações com qualquer matéria ou procedência. Esses conhecimentos e subjetivações, durante a experimentação, constituíram como agenciamentos no plano de realidade firmado entre participantes e pesquisadores. Foram agenciados aqui fluxos criativos e inventivos que se contrapuseram às formas pré-concebidas de agir e pensar, que caracterizam-se por enrijecer modos de subjetivação com definições dos padrões sociais, morais e outros funcionamentos instituídos pela racionalidade moderna.

(...) algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. (Gallo, 2003, p. 81)

Os movimentos leves, ziguezagueantes, do corpo e das percepções do cotidiano

formaram redes e estratégias de alegria para se escapar as lógicas de dominação e controle sobre os sujeitos presentes na convencionalidade do educar e viver. A afecção de alegria experimentada no decorrer da experimentação fez re-existir a vida no campo dos participantes, para além das forças que os fazem padecer.

Experimentou-se o que pode o corpo e o pensamento, suas gestualidades, fazendo funcionar em instantes uma engenhoca de perceber, produzir, intensificar e dar vida às linhas de fuga, no sentido de furar as lógicas de restrição de direitos, do quadro endêmico para helmintos, do trabalho para subsistência, dos diferentes modos de opressão, inclusive dos discursos educativos que já partem de uma acepção despontencializadora do ser, ao impor a autonomia como suposto.

Foi uma experimentação que ao deixar-se guiar pela inspiração no personagem conceitual do pequeno faz tudo, mostrou a possibilidade dos sujeitos poderem com suas próprias ferramentas e conhecimentos engendrar a potência para produzirem e gerirem suas próprias vidas. Estes personagens criados ao longo da experimentação se compuseram entre as representações de pesquisador e trabalhador do campo; revelaram afectos e perceptos capazes de agenciar com potência a tarefa cotidiana de transformar os objetos, as coisas e a si próprios; e produziram invenções, novos modos de saber e fazer frente aos problemas e dificuldades de vida.

A experimentação parece ter promovido uma abertura para produzir conhecimento sobre pesquisa de um modo radical em relação aos moldes dialógicos e tradicionais encontrados nos processos educativos estabelecidos em pesquisas clínicas de saúde. A produção do conhecimento nos moldes tradicionais e dialógicos é arborescente, pré-estabelecida em uma lógica binária e dual, reprodutiva, transcendente e estruturante do sujeito e do conhecimento, esvaziando-os da potência de transformação da vida.

Como alternativa viu-se a possibilidade de produzir conhecimento por uma lógica rizomática, pois a experimentação se dispôs à multiplicidade de saberes e modos de ser, marcada pelas rupturas com os sentidos forçados e reforçados do conhecimento cientificista, moralizante e hegemônico dos equipamentos e com os mecanismos de captura da subjetividade e do conhecimento. Isto permitiu que os sentidos para a pesquisa, a vida e o lugar nesse plano de multiplicidades, pudesse movimentar e singularizar uma potência de transformação da vida, fazendo re-existir uma posição ativa dos participantes e pesquisadores na criação de novos problemas.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (Deleuze, 1995, p. 17)

Com este entendimento do rizoma, não é preciso um ponto de partida, o processo educativo precisa ser visto não como um mecanismo para produzir modos de agir e conhecimentos absolutamente novos, tomados por uma aceção idealizada de criação. Mas sim um processo educativo que no entre as coisas, sentidos, afetos e perceptos, se afirme a invenção das experiências. Só assim, ao produzir alterações de percurso e modos de vida pode-se apropriar e fazer uso dos conhecimentos e práticas para colocar a vida em movimento, num processo ativo e inventivo.

Considera-se que a experimentação *Nós pesquisadores* é um recorte do processo educativo produzido com participantes ao longo do processo de pesquisa da vacina. Este processo educativo aqui recortado, colado e montado – feito por bricolagens (DELEUZE, 2004) consolida-se como um movimento inicial de sondagem, mapeamento, em que os modos de subjetivação e de produção do conhecimento associados à pesquisa, à vacina, ao trabalho e ao lugar se dão não pela totalidade desses sentidos para a vida.

Para além dos resultados com os participantes, a experimentação constituiu espaço propício para que o pesquisador pudesse investigar as suas proposições e o modo como foi por elas afetado, sendo esta sua primeira experiência educativa no contexto de pesquisa clínicas. Percebe-se que a escrita do pesquisador poderia ter rompido com determinadas lógicas de registro do campo do discurso científico e ou representativo, para de fato transcriar todo ponto, letra e sentido. Decodificar a postura de pesquisador-educador exigiu um esforço na apropriação de sentidos e práticas da vida no campo, de modo a torná-los o campo material e imaterial das interferências e intervenções produzidas durante a experimentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO M. L., ABADE, F. L. Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: **RECIMAM**, 2008.
- AGUIAR K. F., ROCHA M. L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia Ciência E Profissão**, 2007, 27 (4), 648-663
- NEVES C. A. B. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 56, n. 1, 2004.
- BADIOU A. **Deleuze: o clamor do ser**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BAREMBLITT G.F. **Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama**, 2002 (online). Disponível em <http://artigosgregorio.blogspot.com.br/2008/02/dez-proposies-descartveis-acercado.html>. acessível em: 03/06/2016.
- BARROS L. M. R E BARROS M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Rev. Psicol.** v. 25 – n. 2, p. 373-390, Maio/Ago. 2013
- BEAUCHAMP T. L., CHILDRESS I.F. **Principles of biomedical ethics**. New York: Oxford; 2001
- CAMBI F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999
- CAMPBELL F.A et al. The effect of format modifications and reading comprehension on recall of informed consent information by low income parents: a comparison of print, video and computer presentation. **Patient Educ Couns.** 2004;53(2):205-16.
- CASTELNUOVO B, NEWELL K, MANABE YC, ROBERTSON G.. Multi-Media Educational Tool Increases Knowledge of Clinical Trials in Uganda. **J Clin Res Bioeth.** 2014;5:165
- CECCIM RB. “Um sentido muito próximo ao que propõe a educação permanente em saúde!” O dever da educação e a escuta pedagógica da saúde. **Interface - Comunic, Saúde, Educ.** v.11, n.22, p.345-63, mai/ago 2007.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 03/02/2016
- CORAZZA SM et al. Escriteiras: um modo de ler-escrever em meio a vida. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1029-1044, out./dez. 2014

- CORNELI A. L., SORENSON J Ret al. Improving participant understanding of informed consent in an HIV-prevention clinical trial: a comparison of methods. **AIDS Behav.** 2012;16(2):412-21.
- CORNELI A. L. et al. Using formative research to develop a context-specific approach to informed consent for clinical trials. **J Empir Res Hum Res Ethics.** 2006;1(4):45-60.
- DELEUZE G. **A imanência: uma vida...** In: Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência. Tradução e organização de Jorge Vasconcellos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- DELEUZE G, **Foucault**; Coleção Perfis; Vega, 2a edição;1998.
- DELEUZE G. **Espinosa: filosofia a prática.** São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE G. **Diferença e repetição.** Tradução Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado: RJ, Graal, 2006.
- DELEUZE G. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume** (L. B. L. Orlandi, trad.). 2001. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE G., GUATTARI F. **O anti-édipo.** Capitalismo e Esquizofrenia 1. Lisboa: ed. Assírio & Alvim, 423 p. Junho 2004.
- DELEUZE G. **Lógica do sentido.** Trad. de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- DELEUZE G., GUATTARI F. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE G., PARNET C. **Diálogos.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: editora Escuta, 1998, 184p.
- DELEUZE G. GUATTARI F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**; vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa; Rio de Janeiro: ed. 34; 94 p. 1995.
- FALAGAS M. E. et al. Informed consent: how and what do patients understand? **Am J Surg** 2009; 198: 420-435.
- FREER Y., MCINTOSH N., TEUNISSE S., ANAND K. J., BOYLE E. M. More information, less understanding: a randomized study on consent issues in neonatal research. **Pediatrics.** 2009;123(5):1301-5.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GALLO S. **Deleuze & Educação.** Belo Horizonte : Autêntica, 2003.
- GRODIN M. A., ANNAS G. J. Legacies of Nuremberg. Medical ethics and human rights.

JAMA. 1996 Nov 27; 276(20):1682-3.

GUATTARI F. **Caosmose: um novo paradigma estético** - 3a ed. - São Paulo: Ed. 34, 2000.

HOMMA A. et al. Desenvolvimento tecnológico: elo deficiente na inovação tecnológica de vacinas no Brasil. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** v.10 supl.2 Rio de Janeiro 2003, p. 671-96

HUR D. U. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetravalencia e esquizodrama. Vínculo – **Revista do NESME**, 2012, v.9, n. 1, pp 1-60

JEFFORD M., MOORE R. Improvement of informed consent and the quality of consent documents. **Lancet Oncol.** 2008 May;9(5):485–93 [http://dx.doi.org/10.1016/S1470-2045\(08\)70128](http://dx.doi.org/10.1016/S1470-2045(08)70128) pmid: 18452859

JUNIOR J. P. C. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 369-386, Maio/Ago. 2009.

KANT, I. Resposta a pergunta: **Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005. Pg. 63-71.

KARUNARATNE A. S., et al. Improving communication when seeking informed consent: a randomised controlled study of a computer-based method for providing information to prospective clinical trial participants. **Med J Aust.** 2010;192(7):388-92.

KASS N. E. et al. An intervention to improve cancer patients' understanding of early-phase clinical trials. **IRB.** 2009;31(3):1-10.

KASTRUP V. Devir-Criança e a Cognição Contemporânea. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.13 n.3 Porto Alegre. 2000

KASTRUP V. Experiência Estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na Educação: Teoria & Prática.** Porto Alegre, v.13, n.2, 2010.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo.** Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001.

KASTRUP V., PASSOS E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013

LINS D., (org). **Nietzsche e Deleuze. Arte e Resistência.** Fortaleza: Forense Universitária, 2004.

LOBATO L., et al. Legibilidade dos termos de consentimento livre e esclarecido em ensaios clínicos. **Rev. bioét.** (Impr.). 2013; 21 (3): 557-65

MC GRORY E, FRIEDLAND B, WOODSONG C. et al. Onformed consent in HIV

prevention trials: report on an internacional workshop. New York: **Population Council**; 2006.

OLIVEIRA M. C. L., SILVEIRAS. B., O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade. Veredas (on-line) – Temática: 1/2012 – **PPG linguística/UFJF** – Juiz de Fora; p. 149-165.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31

PAULON, SM; ROMAGNOLI, RC. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e pesquisas em psicologia**. v. 10, n. 1, p. 85-102, 2010.

PELBART P.P. Elementos para uma cartografia da grupalidade. Em Saadi, F; Garcia, S (Orgs) Próximo ato: Questões da teatralidade contemporânea. **São Paulo: Itau Cultural**. pp: 33-37

REYS L. Um século de experiência no controle da ancilostomíase. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**. v.34:61-67, jan-fev, 2001

ROCHA M. L., AGUIAR K. F. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. **Psicologia ciência e profissão**, 2003, 23 (4), 64-73

ROLNIK S. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

ROLNIK S. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. **Núcleo de Estudos da Subjetividade**. **PUC-SP**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf> Acessado em 15/12/2015

SANCHINI V., RENI M., CALORI G., et al. Informed consent is an ethical requirement in clinical trials: an old, but still unresolved issue. An observacional study to evaluate patients informed consent comprehension. **J Medical Ethics**. 2014; 40: 269-275.

SILVA, T. T. **Composições**. Belo Horizonte/MG. Ed. Autêntica, 2003.

SORDI R. O. Proust-Deleuze: do aprendizado da vida ao aprendizado da arte. **Arq. bras. Psicol.** v.61 n.3 Rio de Janeiro dez. 2009

SPINOZA B. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondências** / Baruch de Espinoza; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Marilena de Souza Chauí ... [et al.] - 2. ed. - São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

STREVEL EL, NEWMAN C, POND GR, MACLEAN M, SIU LL. The impact of an educational DVD on cancer patients considering participation in a phase I clinical trial. **Support Care Cancer**. 2007;15(7):829-40.

TAIT A. R., VOEPEL-LEWIS T., LEVINE R. Using digital multimedia to improve parents'

and children's understanding of clinical trials. **Arch Dis Child**. 2015;100(6):589-93.

VALENTE V. F. **Dinâmica da infecção e reinfecção por ancilostomídeos seguido ao tratamento anti-helmíntico em crianças residentes em seis comunidades dos municípios de Novo Oriente de Minas e Carai na região nordeste de Minas Gerais, Brasil**. 2013; Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/7292>. Acesso em: 22 de agosto de 2015.

WALLACE K. et al. Impact of a multi-disciplinary patient education session on accrual to a difficult clinical trial: the Toronto experience with the surgical prostatectomy versus interstitial radiation intervention trial. **J Clin Oncol**. 2006;24(25):4158-62

WILL J. F. A brief historical and theoretical perspective on patient autonomy and medical decision making. **Chest**. 2011 Jun;139(6):1491. Acessível: <http://dx.doi.org/10.1378/chest.11-0516> pmid: 21652559

ANEXOS

Anexo A – Catálogo *Nós pesquisadores*





nós, pesquisadores
são pesquisadores
encontros

Supervisão e Coordenação Geral

Maria Flávia Gazzinelli

Elaboração e Produção

Maria Flávia Gazzinelli
Patricia Fernanda de Melo
Relbson Matos

Texto e Arte

Fabício da Silva Goes
Leonardo G. S. Carneiro
Patricia Fernanda de Melo
Relbson Matos

Fotógrafo Convidado

Thiago Cupertino

Projeto Gráfico e Diagramação

Leonardo Carneiro

Realização

LHES – Escola de Enfermagem UFMG

Apoio

Fiocruz - Universidade George Washington - Instituto Sabin

Apresentação

Ao ouvirmos a palavra pesquisa, é comum relacioná-la imediatamente ao cientista vestido de branco manipulando seus confusos e sofisticados aparelhos em um laboratório impecavelmente branco e organizado. E, normalmente, acreditamos que esse homem de branco detém todo o conhecimento do mundo. Entretanto, o ato de conhecer está muito mais próximo do que imaginamos. Está no simples fato de perguntar, de questionar, de querer saber um pouco mais como as coisas funcionam. Se a quitanda não está boa, podemos testar uma nova receita de bolo. Explorando melhor uma montanha podemos encontrar pedras preciosas. Trabalhando com a terra, o agricultor aprende a hora certa de plantar, o jeito mais adequado de cuidar, o tempo certo de colher. Todo homem, em seu dia a dia, é um pesquisador. Este trabalho pretende apresentar a pesquisa através do cotidiano e da sabedoria dos voluntários de um Ensaio Clínico no interior de Minas Gerais. Num cenário onde a simplicidade da vida se entrelaça com o labor da luta cotidiana, a pesquisa entra em cena buscando também uma resposta frente às dificuldades da vida. Entre exames e biscoitos, reuniões e cumprimentos, a vida simples do interior ensina que o conhecimento é natural do homem nos revelando quem são os verdadeiros pesquisadores.

Agradecimento

Aos voluntários do ensaio clínico contra helmintoses do Nordeste de Minas Gerais – Brasil,
nossos agradecimentos.

EQUIPE DE PREPARO DE COMUNIDADE – (FIOCRUZ – SABIN – The George Washington University – UFMG)



Começa assim...
com uma pergunta,
uma dúvida que não quer calar...





Observando a natureza, as
circunstâncias, o piscar da vida...
e se perguntando por que?



Trabalhando todos os dias
para conhecer bem a
fundo uma realidade...

É entender que nem todos os dias
são iguais e prosseguir sem desistir...





Vencer etapas, seguir passo a passo,
apesar das dificuldades do caminho...



Pesquisa é teste, é experiência...
não é só criar, é revelar o que já
existe definindo novas formas de
se fazer as coisas.

Assim, pesquisa não acontece só
dentro do laboratório, fazemos
pesquisa todos os dias da nossa
vida...



A pesquisa está em
tudo ...

09





em tudo se pode ver a
pesquisa.





Pesquisar é como construir
tijolo a tijolo o mundo ao
nosso redor...





e escavar a terra, separando e
analisando, procurando algo
brilhante e precioso...

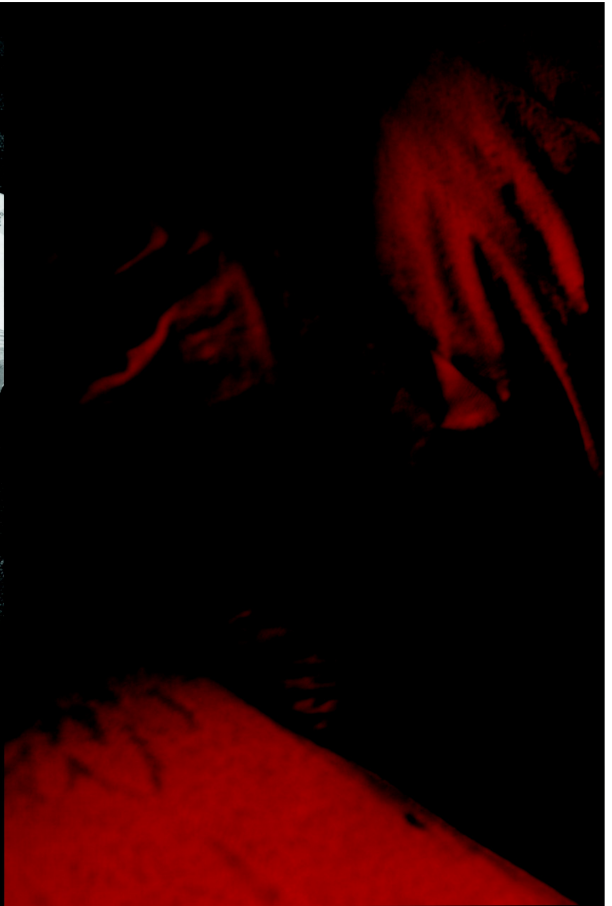


Pesquisar é colocar a mão na massa...
é como inventar novas receitas e criar
novos sabores...





ou como ousar com as
palavras para escrever
novas poesias...





Pesquisar é se aventurar
em busca do saber, nos
livros...





No certo ou errado, quente ou frio,
bonito ou feio...



é imaginar, fazer de conta e brincar...



jogar bola e perseguir o alvo para fazer um "gol".

Misturar as várias cores e desenhar novos modelos.





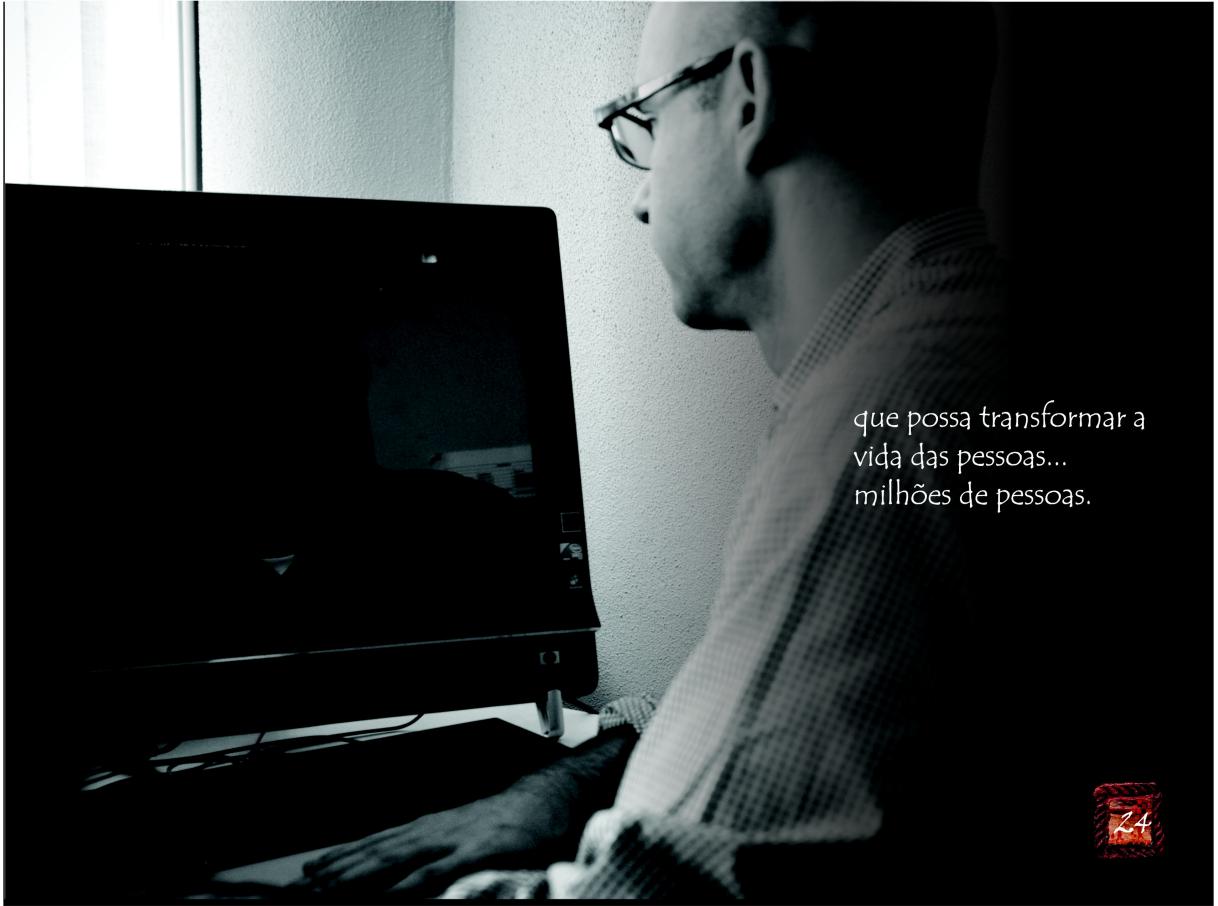


É acreditar e ter fé, desejar e ver além do tempo...





e procurar respostas, em busca
de algo bem diferente...



que possa transformar a
vida das pessoas...
milhões de pessoas.



Pesquisar é trocar esperanças...
dar e receber...
aprender e ensinar...



Aprender a reaprender a cada dia...
com cada estória

Educar

É viver dividindo sonhos e
expectativas...





e sonhar novas ideias para
levantar novos vôos.



É ser gente...
e ser junto...
Descobrimo o quanto se é forte...
é fazer história e escolher fazer a diferença.





Jeffrey, 48 anos casado, nasceu nos Estados Unidos, atualmente mora e trabalha em Belo Horizonte -MG. Dedicado e determinado, valoriza a honestidade e o senso de humor. Durante 05 anos atuou como médico militar na Tailândia e atualmente é pesquisador e professor na Escola de Medicina da Universidade George Washington-EUA. Seu trabalho é estudar como as doenças acontecem e podem ser evitadas. Para ele ser pesquisador é divertido e criativo. Jeffrey pratica exercícios físicos, corre, malha, pratica Jiu-jitsu e participa de campeonatos.

Wesley Soares dos Santos tem 09 anos mora com a família na região de Pedra Lanhada, zona rural de Americaninhas. Wesley é o filho caçula, algumas pessoas o chamam de "U". Estuda na escola de Pedra Lanhada e está no 4º ano do Ensino fundamental. As coisas que mais gosta de fazer é desenhar e brincar de carrinho.



José Maria Caldeira Alves tem 40 anos, mora com sua esposa e seus 6 filhos na região do Pará, zona rural de Maranhão. Conhecido como "Zezinho", trabalha procurando pedras preciosas nas minas do Córrego dos Neves. Todos os dias ele entra na mina e, como diz, "rompe para dentro do subterrâneo" furando a rocha à procura de uma pedra chamada Águas Marinhas. Ele já encontrou algumas pedras, fica emocionado quando detona o explosivo e "fica tudo azul da cor do céu, cor da pedra". O que Zezinho quer é viver bem e feliz com sua família e tem esperança de um dia encontrar muitas pedras.





Zenilca Rodrigues Silva tem 69 anos, é viúva e mora no Batatal, zona rural de Maranhão. Dona Zenilca tem 14 filhos, muitos netos e alguns bisnetos. Trabalhou como professora e ensinou durante 32 anos. Começou dando aula de catecismo em sua casa para as crianças da comunidade. Como parteira já ajudou a “panhar” muitas crianças da região. As pessoas da localidade a chamam de “Mãe” da comunidade, pois foi a partir de seu trabalho com as crianças que nasceu a educação na região onde mora.

Lourival Batista dos Santos, mais conhecido como Careca tem 30 anos, é casado e pai de 2 filhos. Para ajudar a família, saiu de casa bem jovem para trabalhar. Durante muito tempo morou em São Sebastião e atualmente voltou para Americaninha. Careca é pedreiro há mais de 15 anos e tudo que sabe aprendeu na prática. Como sempre foi bastante curioso na área da construção civil, aproveitou todas as oportunidades para aprender e crescer no seu ofício. Careca gosta muito do que faz, é batalhador e, apesar das dificuldades, nunca desistiu. Através de seu trabalho realizou muitos sonhos em sua vida e dedica suas conquistas à sua família que tanto valoriza.



Nilva Andrade Oliveira Figueiredo tem 45 anos, é casada, mãe de três filhos, e avó de um neto, todos moram em Americaninha. Nilva é produtora de queijo, requeijão, manteiga de garrafa e manteiga batida fabricados de forma artesanal. O trabalho ajudou a superar dificuldades, a melhorar de vida, por isso sente-se honrada e feliz. Atualmente envia seus produtos para Padre Paraíso (MG), Campinas (SP), litoral de São Paulo e Rio de Janeiro. Nilva é uma mulher batalhadora, não cruza os braços, gosta de por a mão na massa. Uma frase que ela acredita e sempre repete é “Enquanto pisca, há vida”.





Marilete Figueiredo Lopes tem 33 anos, é casada e mãe de três filhos. Mora com a família no Pará, zona rural de Maranhão/MG. É dona de casa e cozinha para os “camaradas” que trabalham com seu marido. Sempre foi muito curiosa, gosta muito de ler, de cozinhar, inventar e criar novas receitas. Na infância superou muitas dificuldades, hoje se considera uma pessoa feliz. Marilete acredita muito em Deus, é ministra da eucaristia há 08 anos na igreja de sua comunidade. Seu principal valor é a solidariedade, seu maior sonho é ter o suficiente para poder ajudar as pessoas que passam necessidades.

David Diemert mora em Washington – EUA. Seus principais valores são: Honestidade, Lealdade, Dedicção e Comprometimento. Formado em Medicina se especializou em doenças infecciosas e microbiologia. David trabalha na universidade George Washington como pesquisador. Gosta de cozinhar para os amigos e praticar esportes, é competidor de corridas e no inverno gosta de esquiar. É pesquisador porque quer ajudar, transformar e melhorar a vida das pessoas no mundo todo.



Erlete Figueiredo Lemos tem 45 anos, mora com a família no Pica-Pau, comunidade do Pará zona rural de Maranhão. Vive com o companheiro há 25 anos, tem 4 filhos e 3 netos. Erlete começou a trabalhar com 11 anos, ajudando o pai a torrar farinha. Trabalha na roça, planta, colhe, tira leite, cuida da casa e cozinha para os “camaradas” que trabalham em sua terra. Todos os dias ela acorda às 5 da manhã monta em seu cavalo e vai para as chapadas chamar as vacas. É uma mulher batalhadora, não tem medo do trabalho e enfrenta com coragem as adversidades da vida. Seu principal valor é o compromisso, tudo faz com boa vontade e o desejo de que as coisas dêem certo.



Miléria Nunes de Souza, tem 20 anos e mora com sua família em Americaninhas-MG. É alegre, espontânea, extrovertida. Concluiu o ensino médio e quer fazer faculdade de Biologia. Trabalha como alfabetizadora na zona rural, dando aulas para jovens e adultos. Gosta de escrever poemas desde a infância e já participou como atriz do Teatro “Amarelão não quero não” apresentado em várias comunidades da região. Seu maior sonho é ir para a África para trabalhar e ajudar as pessoas. Miléria acredita que todos nós somos artistas, cada um tem a sua própria arte.

Emilly Gonçalves Costa tem 10 anos. Nasceu em São Sebastião e atualmente mora em Pedra Lanhada/Americaninhas-MG com seu pai e sua mãe. Emilly está no 5º ano do Ensino Fundamental. Gosta de estudar, desenhar e brincar. Sua brincadeira preferida é Esconde-Esconde.



Carmelita Gonçalves de Souza Santana tem 44 anos, é casada e mãe de três filhas: Keile, Thayne e Giane. Mora com a família no Peniche, zona rural da comunidade do Maranhão/MG. Carmelita é professora no Peniche e começou a dar aulas com 19 anos. Enfrentou muitas dificuldades para estudar, trabalhava fora e cuidava da casa e da família. Com coragem e o apoio do marido prosseguiu com os estudos, fez magistério e faculdade de Pedagogia. Ela gosta muito de ensinar e tem muitos afilhados na comunidade. Seu maior sonho é continuar trabalhando para ver as filhas formadas.



Anexo B - Parecer nº 516/2011 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde



CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER Nº 516/2011

Registro CONEP 16345 (Este nº deve ser citado nas correspondências referentes a este projeto)

CAAE: 0028.0.245.000-10

Processo nº 25000.011637/2011-13

Projeto de Pesquisa: "SVI-10-01 – Estudo de fase 1 de segurança e imunogenicidade da Na-GST-1/Alhydrigel® com ou sem GLA-AF em adultos brasileiros". Protocolo versão 1 de 1 de setembro de 2010; TCLE para um novo Projeto de Pesquisa – Grupo Parte I, Parte II, versão 2 de 31 de Março de 2011; Brochura do investigador versão 02 de 10 de janeiro de 2011.

Pesquisador Responsável: David Joseph Diemert

Instituição: Centro de Pesquisas René Rachou/ Fundação Oswaldo Cruz (centro único brasileiro)

CEP de origem: Centro de Pesquisas René Rachou/ Fundação Oswaldo Cruz

Área Temática Especial: Pesquisa com cooperação estrangeira, Novos fármacos

Patrocinador: Albert B Sabin Vaccine Institute

Sumário geral do protocolo

Há uma necessidade urgente de novas ferramentas para o controle da infecção da ancilostomíase humana e da redução da carga da doença nos países em desenvolvimento. Isto é especialmente verdade para crianças e mulheres em idade reprodutiva que representam populações que são altamente vulneráveis aos efeitos da ancilostomíase. Têm sido atribuídas anualmente até 65 mil mortes pela infecção por ancilostomíase humana. No entanto, a mortalidade se apresenta fraca em comparação com os danos estimados globais da doença que sugerem que a ancilostomíase pode explicar pela perda de capacidade de vida de até 22 milhões anualmente. Com exceção da malária, a ancilostomíase é a mais importante doença parasitária do homem.

A infecção pela ancilostomíase humana é uma infecção helmíntica transmitida pelo solo e causada por parasitas nematóides *Necator americanus* e *Ancylostoma duodenale*. É uma das infecções crônicas mais comuns em humanos, afligindo uma estimativa de 740 milhões de pessoas em nações em desenvolvimento nos trópicos. O número maior de casos ocorre em áreas rurais empobrecidas da África subsaariana, Sudeste da Ásia, China e regiões tropicais das Américas. Aproximadamente 3.2 bilhões de pessoas estão em risco nestas áreas de infecção ao ancilostomídeo. O *N. americanus* é o ancilostomídeo mais comum em todo o mundo, embora o *A. duodenale* esteja mais restrito geograficamente.

A abordagem primária para o controle da ancilostomíase em todo o mundo tem sido frequente e periódico o uso dos antihelmínticos benzimidazol para crianças em idade escolar. Em 2001, a Organização Mundial de Saúde adotou a Resolução 54.19 a qual pressiona os estados membros a providenciarem tratamento antihelmíntico regular para os grupos de alto risco com o alvo de um tratamento regular de pelo menos 75% de todas as crianças em idade escolar que estejam em risco. Entretanto, foram reportados níveis de cura para uma dose única de benzimidazol variando com valores baixos de 61% (400 mg) e 67% (800 mg) para albendazol e 19% (dose única) e 45% (dose repetida) para mebendazol.

Estas considerações possuem um pronto interesse em desenvolver ferramentas alternativas para o controle da doença. A vacinação para prevenir altas intensidades de infecção para ancilostomídeo poderiam aliviar as deficiências da saúde pública de se ter somente o tratamento.

A viabilidade do desenvolvimento de uma vacina contra a ancilostomose é baseada no sucesso anterior de usar larvas vivas irradiadas de ancilostomídeos (fase L3), como uma vacina contra infecção por ancilostomídeo canino. Isto forneceu a base experimental para o desenvolvimento comercial de uma vacina contra a ancilostomíase canina, que foi comercializada nos Estados Unidos durante a década de 1970. No entanto, não é realista desenvolver uma vacina viva L3 para seres humanos devido a vários motivos, incluindo altos custos de produção, requisitos de armazenamento (8-10°C), curto período de vida útil, e falta de imunidade esterilizante. Alternativamente, a estratégia a ser perseguida é de identificar as proteínas chave do ancilostomídeo cujas respostas imunes são dirigidas para esta infecção em modelos animais (ou seja, o modelo canino) e para a produção de proteínas recombinantes como estas que poderiam então ser utilizadas como antígenos de vacina. Este esforço tem se concentrado principalmente na identificação de antígenos expressos pelas larvas invasoras (L3).

Ter uma vacina de comparação é particularmente útil no ensaio de Fase 1 realizado em áreas endêmicas, uma vez que a imunidade de fundo e exposição natural a infecção por ancilostomídeo pode tornar difícil a interpretação dos dados de imunogenicidade. O uso de um grupo controle permitirá a comparação das respostas imunes entre os vacinados com a Na-GST-1 e os não vacinados com esse antígeno, e irá resultar em uma melhor interpretação dos resultados da imunogenicidade. Embora um grupo controle placebo possa alcançar o mesmo objetivo, utilizar uma vacina comparadora aumenta para os participantes a relação risco-benefício, que é sempre relativamente baixo em ensaios de Fase 1.

A vacina contra a hepatite B (Instituto Butantan, São Paulo, Brasil), Butang® foi escolhida como vacina comparadora devido a cinco razões principais: (1), é susceptível de conferir algum benefício aos participantes, (2) possui registro de segurança já estabelecido, (3) é uma proteína derivada de leveduras recombinantes adsorvida a um imunostimulante contendo alumínio (4), possui a mesma aparência física com a Na-GST-1 imunostimulada com Alhydrogel, e (5) o seu esquema de dosagem permite fácil incorporação ao desenho do estudo. Além disso, a Butang® é a mais amplamente utilizada vacina de hepatite B no Brasil, com mais de 15 milhões de doses distribuídas anualmente.

O objetivo primário do estudo é determinar a frequência dos EAs relacionados à vacina, graduado pela severidade, para cada dose e formulação da Na-GST-1. Os objetivos secundários são: (1) Determinar a dose e a formulação da Na-GST-1 que gera a maior resposta de anticorpos IgG no Dia 126, conforme determinado por ensaio imunoenzimático indireto (ELISA); (2) avaliar e comparar a duração da resposta de anticorpos para Na-GST-1; (3) Realizar estudos exploratórios da resposta imune celular para o antígeno Na-GST-1 ambas antes e após a imunização.

O estudo será dividido em duas partes: Parte I: será um ensaio de fase 1 aberto de dose escalonar de Na-GST-1/Alhydrogel® administrado com ou sem GLA-AF realizado em voluntários adultos saudáveis, sem história da ancilostomíase, em Belo Horizonte. Ensaio aberto de fase 1 em indivíduos adultos virgens de ancilostomíase. Número de participantes: 36 em 6 grupos de 6. O primeiro, terceiro e quinto grupo irão receber Na-GST-1/Alhydrogel® e o segundo, quarto e sexto, irão receber Na-GST-1/Alhydrogel® mais GLA-AF. Os coortes serão registrados consecutivamente, com o primeiro e segundo recebendo 10 µg Na-GST-1, o terceiro e quarto 30 µg Na-GST-1, e o quinto e sexto 100 µg Na-GST-1.

Parte II: será um ensaio clínico de fase 1, randomizado, controlado, duplo-cego de dose escalonar, em voluntários adultos saudáveis morando na área endêmica por ancilostomídeos de Americaninhas. Esta parte do estudo é desenhada para avaliar a segurança, reatogenicidade e imunogenicidade da Na-GST-1/Alhydrogel® com ou sem GLA-AF, em comparação com a vacina contra hepatite B Butang®. Número de

participantes: 66 em 6 grupos, randomizados para receberem tanto Na-GST-1/Alhydrogel®, Na-GST-1/Alhydrogel®/GLA-AF, ou a vacina Butang® hepatite B, Doses de Na-GST-1 a serem testadas: 10, 30 e 100 µg. Doses de Alhydrogel®: 80, 240 e 800 µg para as doses de 10, 30 e 100 µg de Na-GST-1, Dose de GLA-AF: 5 µg, A segunda parte do estudo durará 21 meses; e cada participante será seguido em um total de 42 semanas.

A população alvo são voluntários saudáveis do sexo masculino e mulheres não grávidas em idade entre 18-45 anos, inclusive. Os critérios de inclusão e exclusão estão descritos nas páginas 34 e 35 do protocolo.

Local de realização

Trata-se de um estudo nacional e de centro único brasileiro. Estão prevista a participação de 102 sujeitos de pesquisa, todos no centro em tela.

De acordo com a carta circular 008/CONEP/CNS/MS de 18 de abril de 2005, o país de origem são os Estados Unidos, no entanto o estudo será conduzido apenas no Brasil (páginas 146-147, numeração do CEP).

Apresentação do protocolo

Constam no protocolo: TCLE (páginas 91-101, numeração do CEP); brochura do investigador (páginas 103-129, numeração do CEP); regulamento para armazenamento de materiais biológicos humanos (páginas 168-172, numeração do CEP); orçamento detalhado (página 181, numeração do CEP); currículo do investigador principal (páginas 183-199, numeração do CEP); carta de anuência da instituição (página 209, numeração do CEP). Declarações do patrocinador: termo de compromisso do patrocinador (páginas 15-16, numeração do CEP); declaração de responsabilidade (páginas 135-138, numeração do CEP); situação de registro do produto (páginas 140-141, numeração do CEP); justificativa para não realização do estudo no país de origem (páginas 148-153, numeração do CEP); declaração de tratamento e assistência (páginas 155-156, numeração do CEP).

Declarações do investigador: declaração quanto ao delineamento do projeto (página 20, numeração do CEP); declaração de responsabilidade do pesquisador e da instituição (páginas 131-133, numeração do CEP); declaração sobre o uso e destinação do material (página 160, numeração do CEP); justificativa quanto a necessidade para usos futuros de material biológico dos participantes (páginas 162-164, numeração do CEP); declaração de infra-estrutura (páginas 174-176, numeração do CEP); declaração sobre a forma de recrutamento (páginas 178-179, numeração do CEP); declaração de confidencialidade (página 201, numeração do CEP). Segundo cronograma apresentado o início do estudo está previsto para janeiro de 2011, com encerramento em setembro de 2012 (páginas 143-144, numeração do CEP).

Comentários/Considerações

1. Na Folha de Rosto não consta a identificação de quem assina pela Instituição. Solicita-se adequação.

Resposta: A Folha de Rosto foi devidamente adequada. Encontra-se assinada pelo Diretor da Instituição (Centro de Pesquisa René Rachou – FIOCRUZ em Minas Gerais), Dr. Rodrigo Correa de Oliveira. O carimbo do Diretor foi adicionado à Folha de Rosto.

Análise: Pendência atendida.

2. O documento apresentado à página 148 (numeração do CEP) justifica a não realização do estudo no país de origem (Estados Unidos), informando que "uma aplicação da Nova Droga Investigacional (IND) para a vacina será submetida ao Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos da América em Setembro de 2010". Solicita-se esclarecimento quanto a situação atual desse encaminhamento.

Resposta: Um IND foi submetido pelo Instituto Sabin de Vacinas (EUA), patrocinador deste estudo, ao FDA para a vacina Na-GST-1/Alhydrogel® (com ou sem GLA-AF) no dia 13 de janeiro de 2011. O FDA avaliou o IND e não teve qualquer dúvida significativa sobre a proposta do presente estudo de Fase 1 nem

qualquer dúvida que levasse o estudo a ser colocado em "clinical hold" (pausa clínica). Desta forma, passado o período de 30 dias após a submissão do IND, o ensaio de Fase 1 encontra-se apto a prosseguir (de acordo com o FDA).

Análise: foi apresentado o documento citado do FDA e a aprovação do estudo pelo CEP da George Washington University & Medical Center. **Pendência atendida.**

3. Na brochura do investigador estão relatados os ensaios realizados com animais (hamsters, cães, ratos, camundongos), mas não são apresentadas relações entre as doses utilizadas e o peso dos animais. Considerando que o presente estudo é a primeira aplicação em seres humanos, não está informado o critério para adoção das doses descritas dos produtos *Na-GST-1* e *Alhydrogel*. Solicita-se esclarecimento.

Resposta: Em camundongos BALB/c, nós demonstramos uma relação dose-resposta, entre a dose de *Na-GST-1* utilizada para vacinar e a resposta de anticorpos específica ao antígeno (ver a Figura 5 na Brochura do Investigador). Nestes animais, a dose de pelo menos 1.25 µg *Na-GST-1/Alhydrogel*[®] parece ser requerida para induzir uma resposta de anticorpos. Entretanto, nós não podemos iniciar um ensaio clínico em humanos com uma dose equivalente, por duas razões: 1) a resposta de anticorpos em animais não é necessariamente preditiva da resposta imune em humanos, e nós devemos em vez disso, fazer um estudo inicial cauteloso de dose escalonar com baixas doses do antígeno (i.e., 10 µg *Na-GST-1*) para doses significativamente maiores (até 100 µg *Na-GST-1*); e, 2) o equivalente, peso por peso, de uma dose de 1.25 µg em camundongo, poderia ser aproximadamente 3.5 gramas em humanos – isto é uma dose extremamente alta de antígeno, e pode não ser seguro começar os testes com esta quantidade de antígeno. Isto também poderia não ser viável, devido ao volume da solução de vacina que necessitaria ser injetado. Em cães, demonstrou um efeito protetor com dose de *Na-GST-1* de 100 µg. Os cães foram os maiores animais em que testamos esta vacina – estes animais foram os mais próximos aos humanos em termos de tamanho e complexidade. Mas, não pode-se começar a testar uma dose de 100 µg em seres humanos por razão de segurança. Iniciaremos com uma pequena dose (10 µg) e gradualmente aumentar até a dose de 100 µg, considerando que as doses menores não demonstram problemas de segurança. Assim como para a maioria das proteínas recombinantes, a escolha das doses iniciais testadas no ensaio de Fase 1 são empíricas e principalmente, guiadas por medidas de segurança. A partir da experiência com outras proteínas recombinantes que são formuladas com *Alhydrogel*[®], a dose em algum ponto entre 10 e 100 µg é normalmente a ideal para indução de fortes respostas de anticorpos. Nós deveremos começar os testes de forma segura em humanos com uma baixa dose por razões de segurança. Uma vez que tivermos certeza que a dose baixa (i.e., 10 µg) seja segura, aí sim prosseguiremos testando doses maiores do antígeno de forma a determinar a dose ideal, em termos de resposta induzida por anticorpos.

Análise: **Pendência atendida.**

4. No protocolo de pesquisa (página 44, numeração do CEP), está descrita a previsão de "ensaio de Fase 1 da *Na-GST-1* em crianças brasileiras em idade escolar" para o outono de 2011, se "não ocorrerem problemas de segurança em adultos do presente estudo". Solicita-se esclarecimento.

Resposta: O ensaio clínico de Fase 1 da *Na-GST-1* em crianças é planejado somente após as vacinações do presente estudo. Devido ao atraso do início do presente estudo, o estudo em crianças não começará este ano e o mais provável será começar em 2012 (o início do estudo em crianças será dependente do final das vacinações em adultos). Após o dia 140 do estudo do último participante registrado (o último participante registrado e vacinado no coorte 12), o estudo será desvendado para os investigadores (ver Seção 8.10 do protocolo do estudo). Um relatório provisório (interino) será preparado após este ponto de tempo e uma reunião do Comitê de Monitoramento de Segurança (CMS) do estudo será convocada com objetivo de avaliar os dados (ver Seção 9.2.1 do protocolo). Se os membros do CMS

independente e o Patrocinador considerarem a não ocorrência de problemas de segurança em adultos vacinados com Na-GST-1, um novo protocolo para um estudo de Fase 1 de Na-GST-1 em crianças será submetido pelo CEP do Centro de Pesquisa René Rachou para a sua consideração. Um estudo em crianças será iniciado somente após a revisão do protocolo deste novo estudo pelo CEP.

Análise: Pendência atendida.

5. O título do projeto de pesquisa (SVI-10-01 – *Estudo de fase 1 de segurança e imunogenicidade da Na-GST-1/Alhydrogel® com ou sem GLA-AF em adultos brasileiros*) caracteriza o projeto como sendo de fase 1. Os estudos de Fase I, conforme a Resolução CNS 251/97, são aqueles que constituem a primeira fase do teste de uma nova droga em seres humanos, usando-se normalmente voluntários sadios, para gerar informação preliminar sobre a ação química e segurança da droga. Esta situação é caracterizada, no presente estudo, pela Parte I, a ser realizada com sujeitos de pesquisa saudáveis em Belo Horizonte. No entanto, na Parte II do estudo, com voluntários de Americaninha, local com endemicidade da doença, há a possibilidade de que sujeitos parasitados participem desta segunda etapa, o que poder caracterizar-se como uma Fase II de estudo. Solicitam-se esclarecimentos.

Resposta: Os participantes da Parte II do estudo serão adultos saudáveis, mesmo que já tenham sido infectados com ancilostomídeo no passado. Normalmente, um estudo de Fase 1 da vacina é conduzido em um pequeno número de participantes saudáveis, sendo a segurança a principal medida a ser tomada: A Parte II do presente estudo se encaixa nesta descrição. De fato, nós estamos repetindo o estudo de Fase 1 de Belo Horizonte em Americaninhas. Entretanto, acreditamos ser ainda um estudo de Fase 1 em Americaninhas porque será a PRIMEIRA vez que esta vacina será testada nesta população. Nós sabemos, a partir de nossa própria experiência com a vacina Na-ASP-2 que resultados de segurança dos testes de uma nova vacina para ancilostomídeo em área não endêmica, deve ser diferente do que os resultados de segurança de uma área endêmica. Por esta razão, nós acreditamos ser muito importante repetir de forma cautelosa um ensaio de Fase 1 tipo "dose escalonar" em Americaninhas, antes de fazermos um ensaio de Fase 1 em crianças e depois um ensaio maior de Fase 2 desta vacina. Normalmente, um ensaio de Fase 2 envolve um número maior de participantes (mais de 200) e em seguida, medidos os principais resultados, que são a imunogenicidade e algumas vezes, a eficácia. Desde que a principal meta da Parte II do estudo é avaliar a segurança da vacina Na-GST-1 em indivíduos adultos saudáveis vivendo em área endêmica para ancilostomídeo, sendo que não faremos qualquer avaliação da eficácia, acreditamos ser mais apropriado nos referirmos a este estudo como estudo de Fase 1. Somente após demonstrarmos que a vacina é segura no estudo de Fase 1 em área endêmica é que consideraremos os testes para um número maior de indivíduos no ensaio de Fase 2. A dose da vacina que será utilizada no ensaio futuro de Fase 2, será escolhida baseada no ensaio de Fase 1 (Parte II do presente estudo).

Análise: Pendência atendida.

6. Em relação ao armazenamento das amostras dos participantes, à página 64 (numeração do CEP) é informado que "as amostras de soro, plasma e fezes serão armazenadas por pelo menos cinco anos". No entanto, na página 171 (numeração do CEP), no regulamento do banco de amostras, é informado que "o material biológico será composto por soro e plasma". Solicitam-se esclarecimentos.

Resposta: Foi um erro no regulamento do banco de amostras. O material biológico será composto por soro, plasma e fezes, como descrito no protocolo do estudo (Seção 7.8.5). Submetemos um documento corrigido intitulado, "Norma ou Regulamento para Armazenamento de Materiais Biológicos Humanos."

Análise: Pendência atendida.

7. Quanto ao TCLE – parte I:

a. Na página 2/5 é informado que mulheres grávidas não poderão participar da pesquisa, no entanto, não são informados quais os procedimentos a serem tomados caso a

mulher engravide durante a pesquisa, e não são informadas as garantias de acompanhamento da gestante e do concepto. Solicita-se adequação.

Resposta: Na página 2/5 do TCLE da Parte I do estudo, é informado que a mulher que estiver grávida durante o estudo, "não poderá receber qualquer outra injeção, mas nós ainda queremos que você vá até o Centro de pesquisa para termos certeza de que você e o seu bebê estejam bem" (o quarto parágrafo da Seção intitulada, "O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER NESTA PESQUISA ?"). Para esclarecer que a equipe do estudo continuará a acompanhar a gestante (sem custo ao participante) até a resolução da gravidez. Nós mudamos este parágrafo para: "Se você estiver grávida, você não poderá receber qualquer outra injeção, mas nós iremos acompanhar você ao Centro de Pesquisa – sem custo para você – para termos certeza de que você e o seu bebê estejam bem. Nós a acompanharemos pelo menos até o final da sua gravidez."

Análise: O TCLE foi modificado, incluindo o texto "(...) Nós acompanharemos você até o final da sua gestação, durante o parto e, caso necessário, após o parto, pelo período que for necessário." **Pendência atendida.**

b. Solicita-se informar que o documento será elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito de pesquisa e uma arquivada pelo pesquisador, sendo as duas vias assinadas (Resolução CNS 196/96 item IV.2 "d").

Resposta: Na seção do TCLE intitulada "INTRODUÇÃO", o texto foi adequado para: (...) "Este documento será elaborado em duas vias. Nós lhe daremos uma cópia para guardar com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador, sendo as duas vias assinadas.

Análise: **Pendência atendida.**

c. No campo de indicação de contato com os pesquisadores, solicita-se a inclusão de um número telefônico disponível 24 horas, considerando a necessidade de contato imediato em casos de eventos adversos.

Resposta: Foi incluído um número telefônico, que ficará disponível 24 horas, em casos de necessidade de contato imediato para relato de eventos adversos.

Análise: **Pendência atendida.**

d. Se, por questões de configuração, a página de assinaturas do TCLE se apresentar em uma folha em separado, solicita-se o cuidado de obter a rubrica do sujeito de pesquisa ou responsável legal nas demais folhas dos TCLE, considerando-se a proteção do sujeito, bem como do pesquisador. Solicita-se adequação.

Resposta: Teremos todo cuidado para manter as páginas dos TCLEs juntas para que a página de assinaturas não se separe das outras páginas do TCLE. Para cada TCLE, as páginas serão grampeadas e a pessoa responsável pela explicação do estudo ao voluntário confirmará que o TCLE contém todas as páginas. Após o voluntário assinar o TCLE, o documento será colocado num plástico e armazenado no pasta do voluntário.

Análise: **Pendência atendida.**

8. Quanto ao TCLE – parte II:

a. Na página 2/5 é informado que mulheres grávidas não poderão participar da pesquisa, no entanto, não são informados quais os procedimentos a serem tomados caso a mulher engravide durante a pesquisa, e não são informadas as garantias de acompanhamento da gestante e do concepto. Solicita-se adequação.

Resposta: Na página 2/5 do TCLE da Parte II do estudo, é informado que a mulher que estiver grávida durante o estudo, "não poderá receber qualquer outra injeção, mas nós ainda queremos que você vá até a clínica de pesquisa para termos certeza de que você e o seu bebê estejam bem" (o quarto parágrafo da Seção intitulada, "O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER NESTA PESQUISA ?"). Para esclarecer que a equipe do estudo continuará a acompanhar a gestante (sem custo ao participante) até a resolução da gravidez. Nós mudamos este parágrafo para: "Se você estiver grávida, você não poderá receber qualquer outra injeção, mas nós iremos acompanhar você à clínica de pesquisa – sem custo para você – para termos

certeza de que você e o seu bebê estejam bem. Nós a acompanharemos pelo menos até o final da sua gravidez."

Análise : O TCLE foi modificado, incluindo o texto "(...) *Nós acompanharemos você até o final da sua gestação, durante o parto e, caso necessário, após o parto, pelo período que for necessário.*" **Pendência atendida.**

b. Solicita-se informar que o documento será elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito de pesquisa e uma arquivada pelo pesquisador, sendo as duas vias assinadas (Resolução CNS 196/96 item IV.2 "d").

Resposta: Na seção do TCLE intitulada "INTRODUÇÃO", o texto foi adequado para: (...) "Este documento será elaborado em duas vias. Nós lhe daremos uma cópia para guardar com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador, sendo as duas vias assinadas.

Análise: Pendência atendida.

c. No campo de indicação de contato com os pesquisadores, solicita-se a inclusão de um número telefônico disponível 24 horas, considerando a necessidade de contato imediato em casos de eventos adversos.

Resposta: O número telefônico já listado após o nome do gerente do campo (Renata Diniz) está disponível 24 horas. Modificamos o TCLE para esclarecer que este número de telefone estará disponível 24 horas (versão 2, datada de 31 de março de 2011).

Análise: Pendência atendida.

d. Se, por questões de configuração, a página de assinaturas do TCLE se apresentar em uma folha em separado, solicita-se o cuidado de obter a rubrica do sujeito de pesquisa ou responsável legal nas demais folhas dos TCLE, considerando-se a proteção do sujeito, bem como do pesquisador. Solicita-se adequação.

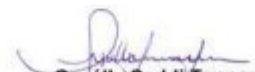
Resposta: Teremos todo cuidado para manter as páginas dos TCLEs juntas para que a página de assinaturas não se separe das outras páginas do TCLE. Para cada TCLE, as páginas serão grampeadas e a pessoa responsável pela explicação do estudo ao voluntário confirmará que o TCLE contém todas as páginas. Após o voluntário assinar o TCLE, o documento será colocado num plástico e armazenado no pasta do voluntário.

Análise: Pendência atendida.

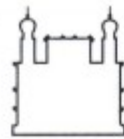
Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: **Protocolo aprovado.**

Brasília, 29 de agosto de 2011.


Gyséle Saddi Tannous
Coordenadora da CONEP/CNS/MS

Anexo C – Carta de aprovação nº 2712010 de comitê de ética do Centro de pesquisas René Rachou



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisa René Rachou

Comitê de Ética



CARTA DE APROVAÇÃO Nº 27/2010 – CEP / CPqRR / FIOCRUZ / MS

Protocolo CEP - CPqRR nº: 30/2010

Projeto de Pesquisa: "SVI-10-01 - Estudo de Fase 1 de Segurança e Imunogenicidade da Na-GST-1/Alhydrogel® com ou sem GLA-AF em Adultos Brasileiros". **GI - Pesquisa com Cooperação Estrangeira, Novos Fármacos.**

Pesquisadora Responsável: David Joseph Diemert

Instituição Realizadora: Centro de Pesquisa René Rachou

CAAE: 0028.0.245.000-10

Após submissão e análise criteriosa do protocolo em questão, no Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Centro de Pesquisas René Rachou, constatamos que o estudo atende aos aspectos fundamentais da Resolução 196/96 CNS, sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

Diante do exposto, o Comitê de Ética do CPqRR / FIOCRUZ Minas, de acordo com as atribuições à ele concedidas pela Legislação vigente, manifesta-se pela homologação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: **PROJETO APROVADO.**

Firma-se diante deste documento a necessidade de serem apresentados os relatórios:

- Parcial 01: Janeiro 2012;
- Final: Outubro 2012.

Bem como a notificação de eventos adversos, de emendas ou modificações no protocolo para apreciação do CEP.

Belo Horizonte, 16 de Novembro de 2010.




João Carlos Pinto Dias
Coordenador do CEP/SH-CPqRR
Dr. João Carlos Pinto Dias
COORDENADOR
COMITÊ DE ÉTICA

Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estudo de Fase I da Segurança e Imunogenicidade de Na-GST-1/Alhydrogel® com ou sem GLA-AF em Adultos Brasileiros (SVT-10-01)

1 **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA UM NOVO PROJETO** 2 **DE PESQUISA – GRUPO PARTE II**

3
4 **Título do Projeto de Pesquisa:** Estudo de Fase I da Segurança e Imunogenicidade de Na-GST-1
5 com ou sem GLA-AF em Adultos Brasileiros

6 **INTRODUÇÃO**

7 Nós estamos te convidando para participar do estudo de pesquisa para uma nova vacina contra
8 ancilostomídeo ("amarelão"). Este documento lhe dará informações sobre a pesquisa que será
9 discutida com você. Uma vez que você entender a pesquisa, e se concordar em participar, nós iremos
10 te pedir para assinar ou colocar a sua impressão digital neste documento. Este documento será
11 elaborado em duas vias. Nós lhe daremos uma cópia para guardar com você e outra via será arquivada
12 pelo pesquisador, sendo as duas vias assinadas.

13
14 Primeiro nós queremos que você saiba que:

- 15 • Sua participação nesta pesquisa é opcional.
- 16 • Você pode decidir não fazer parte desta pesquisa, ou sair dela a qualquer momento, se você
17 mudar de idéia.
- 18 • Se você decidir sair da pesquisa, nada que tenha recebido será tirado de você.

19
20 Antes de você decidir se fará parte desta pesquisa, use o tempo que precisar para fazer qualquer
21 pergunta, pensar sobre sua participação e discutir esta pesquisa com pessoas da equipe de pesquisa, ou
22 com a sua família, amigos ou pessoas da sua própria comunidade. Você também pode fazer perguntas
23 a qualquer momento durante sua participação na pesquisa.

24 **QUEM É O PATROCINADOR DESTA PESQUISA?**

25 Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo Centro de Pesquisas René Rachou, FIOCRUZ em Belo
26 Horizonte e patrocinado pelo Instituto Sabin de Vacinas, Estados Unidos. As pessoas responsáveis
27 pelo estudo são o Doutor David Diemert, médico do Instituto Sabin de Vacinas, nos Estados Unidos e
28 da FIOCRUZ em Belo Horizonte e os Doutores Vanderson Valente, Janaina Freire, Frederico Talles,
29 e Geraldo Castro, todos da FIOCRUZ.

30 **QUE É A VACINA CONTRA ANCILOSTOMÍDEO?**

31 Cientistas da FIOCRUZ e da Sabin Vaccine Institute estão fazendo pesquisas para fazer uma vacina
32 contra ancilostomídeo. Esta nova vacina contra ancilostomídeo é uma proteína – Na-GST-1 – que
33 vem de uma pequena parte deste parasita. Esta vacina está sendo testada e ainda não foi usada no
34 Brasil, nos Estados Unidos nem em qualquer lugar. Até agora, não existe nenhuma outra vacina para
35 ancilostomídeo. Nós esperamos que esta pesquisa nos dê informações que possam ser usadas para
36 desenvolver uma vacina contra ancilostomídeo que possa ajudar as pessoas a não ficarem mais
37 doentes por causa deste verme.

38 **PORQUE ESTAMOS CONVIDANDO VOCÊ PARA FAZER PARTE DESTA PESQUISA?**

39
40 Nós estamos convidando você para fazer parte desta pesquisa porque você mora em uma área onde
41 muitas pessoas podem pegar vermes. O ancilostomídeo é um de muitos tipos de vermes encontrados
42 na área em que você vive. Qualquer um pode pegar vermes se sua pele entrar em contato com a terra
43 ou água que estejam contaminadas com larvas de ancilostomídeo. As larvas encontradas na terra ou
44 água vêm das fezes de pessoas que já estão infectadas pelo ancilostomídeo. Algumas vezes você pode
45 se sentir doente por causa dos vermes, outras vezes você nem sabe que tem os vermes. Quando você
46 tem ancilostomídeo você pode se sentir cansado e fraco por causa dos vermes.

47
48 Além disso, nós estamos convidando você para participar desta pesquisa porque os pesquisadores
49 precisam testar a nova vacina contra ancilostomídeo em adultos saudáveis para ver se a vacina é
50 segura, antes de testar em mais pessoas e crianças. Somente adultos, entre as idades de 18 e 45 anos

1 podem participar desta pesquisa. A vacina que nós testaremos nesta pesquisa é apenas contra
2 ancilostomídeo e não terá nenhum efeito para outros tipos de vermes.

3 **PORQUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA?**

4 Nesta pesquisa, nós queremos descobrir:

- 5 • Se a nova vacina contra ancilostomídeo é segura quando dada a adultos;
- 6 • Como o seu corpo reage à vacina.

7
8 Se a vacina se mostrar segura quando for avaliada em você e nos outros participantes desta pesquisa,
9 os pesquisadores vão testá-la em crianças que moram na região do nordeste de Minas Gerais.

10 **QUANTO TEMPO ESTA PESQUISA IRÁ DURAR?**

11 Sua participação nesta pesquisa irá durar 16 meses. Se você acha que irá se mudar dentro deste
12 período, você não poderá participar, porque você precisa estar aqui durante toda a pesquisa.

13 **O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER NESTA PESQUISA ?**

14 Se você concordar em participar desta pesquisa, a primeira visita será de triagem. Nós iremos te fazer
15 algumas perguntas sobre a sua saúde. Vamos também pedir a você para responder a um questionário
16 sobre a sua compreensão do estudo e as suas razões para participar. Você não tem que responder a
17 este questionário se você não quiser e você ainda pode participar do estudo, caso você não queira
18 responder as perguntas do questionário.

19
20 Um dos médicos pesquisadores irá te examinar para ver se você está com boa saúde. Uma pequena
21 quantidade de sangue (por volta de 30 mL) será colhida em seu braço, para testes de sangue. O seu
22 sangue será testado para avaliar o funcionamento do seu sangue, fígado e rim, e para ver se você está
23 infectado com hepatite viral ou HIV. Nós te pediremos uma amostra de fezes para verificar se
24 existem infecções por vermes. O médico precisará esperar os resultados dos testes laboratoriais antes
25 de saber se você poderá participar. Se você for uma mulher, será pedido a você um pouco da sua
26 urina para ver se está grávida. Mulheres grávidas e mulheres que estejam amamentando não poderão
27 participar desta pesquisa.

28
29 Se o seu teste no sangue mostrar que você tem uma doença, ou se você não estiver com boa saúde,
30 você não poderá participar desta pesquisa. O médico pesquisador irá discutir isto com você e irá
31 providenciar para que você seja atendido no posto de saúde de sua comunidade. Caso você esteja
32 infectado com vermes, você poderá participar na pesquisa, mas somente se você aceitar ser tratado
33 com medicamento para vermes antes de receber alguma injeção.

34
35 Se os testes de triagem e a avaliação médica mostrarem que você pode fazer parte desta pesquisa e se
36 ainda deseja participar, nós iremos te pedir para vir à clínica para começar a pesquisa. É possível que
37 você não seja escolhido para a pesquisa mesmo se você for chamado para vir à clínica. Se isto
38 acontecer, nós iremos lhe perguntar se você quer receber a vacina para Hepatite B, ao invés de
39 participar da pesquisa. Se você for escolhido para participar da pesquisa, você receberá um total de
40 três injeções num período de 4 meses da vacina contra ancilostomídeo, em uma das três doses
41 diferentes: baixa, média e alta ou da vacina contra Hepatite B (a mesma que o governo brasileiro
42 fornece). Nós estamos tentando achar a dose que é a mais segura e que dá a melhor chance de
43 prevenir a doença causada por ancilostomídeo. Em adição, estamos tentando ver se um
44 imunostimulante novo nomeado GLA-AF pode aumentar o poder da vacina.

45
46 As injeções serão dadas no músculo do braço, usando uma seringa. Se você for mulher, sua urina será
47 testada antes de cada injeção, para se ter certeza que você não está grávida. Se você estiver grávida,
48 você não poderá receber qualquer outra injeção, mas nós iremos acompanhar você à clínica de
49 pesquisa – sem custo para você –, para termos certeza de que você e o seu bebê estejam bem. Nós
50 acompanharemos você pelo menos até o final da sua gestação, durante o parto e, caso necessário, após
51 o parto, pelo período que for necessário.

1 Nesta parte do estudo na região de Americaninhas, 30 pessoas receberão a nova vacina contra
2 ancilostomídeo, 30 pessoas receberão a nova vacina contra ancilostomídeo misturada com o
3 imunostimulante GLA-AF, e 6 receberão a vacina contra Hepatite B. Você, os médicos e outros
4 membros da equipe não saberão qual vacina você receberá. A decisão será feita pela sorte, como
5 quando você joga uma moeda e você não sabe de qual lado ela cairá. Todos receberão três injeções. A
6 segunda injeção será dada 2 meses após a primeira injeção e a última injeção será dada 2 meses após a
7 segunda. Você receberá a mesma vacina em todas as três injeções. No final do estudo, nós iremos te
8 contar qual vacina você tomou. A vacina contra Hepatite B irá te proteger contra a Hepatite B, mas
9 não irá te proteger de pegar ancilostomídeo.
10

11 Cada vez que receber uma injeção, será dito a você para permanecer na clínica por pelo menos duas
12 horas, para ter certeza que você não vai passar mal. Nós também o examinaremos na clínica ou na sua
13 casa, 1, 3, 7 e 14 dias após cada injeção. Nestas visitas nós iremos te perguntar como você está se
14 sentindo e te examinar. Também iremos tirar um pouco do seu sangue (por volta de 50 mL) nos dias
15 de injeção e nos dias 14 e 28 após cada injeção.
16

17 Nós te pediremos para retornar à clínica para acompanhamento 3, 6, 9 e 12 meses após a última
18 injeção. A cada visita de acompanhamento, nós tiraremos um pouco do seu sangue (por volta de 40
19 mL). Nós te pediremos também uma amostra de fezes para checar se existem infecções por vermes 1
20 mês após a última injeção e no final da pesquisa. Caso você ainda esteja infectado com verme no final
21 da pesquisa, você receberá medicamento, se desejar. Você não terá nenhum custo com este
22 medicamento, pois iremos dar a você gratuitamente. Você pode pedir a um dos membros da equipe de
23 pesquisa para te explicar os riscos e benefícios deste medicamento.
24

25 Durante esta pesquisa, nós tiraremos sangue de você 13 vezes e a quantidade total de sangue será
26 aproximadamente 550 mL. O seu sangue será testado para avaliar o funcionamento do seu sangue,
27 fígado e rim, e para medir a resposta do seu corpo à vacina. Mais testes no seu sangue poderão ser
28 necessários se você ficar doente. Uma parte do seu sangue coletado será armazenado na FIOCRUZ
29 em Belo Horizonte, inicialmente por 5 anos, e se houver interesse por mais tempo. Este material
30 poderá ser usado para fazer mais testes no seu sangue se você ficar doente, ou poderá ser utilizado em
31 pesquisas futuras para testes iguais ou diferentes dos atuais. Tanto o armazenamento por mais tempo
32 como o uso em outras pesquisas somente poderão ser feitas desde que aprovadas pelo Comitê de Ética
33 da FIOCRUZ.

34 **VOCÊ PODERÁ PASSAR MAL SE ESTIVER PARTICIPANDO DESTA PESQUISA?**

35 Esta é a primeira vez que a nova vacina Na-GST-1 para ancilostomídeo está sendo dada a pessoas.
36 Nós não sabemos se a nova vacina contra ancilostomídeo irá te proteger contra infecção por
37 ancilostomídeo e há uma chance de não funcionar.
38

39 Quando você tomar a nova vacina contra ancilostomídeo (com ou sem o imunostimulante GLA-AF)
40 ou a vacina da Hepatite B, você pode esperar alguma reação e possivelmente algum vermelhidão onde
41 a injeção foi aplicada. Você poderá também sentir dor e coceira, e ter manchas roxas ou vermelhas na
42 sua pele. Algumas pessoas se sentem doentes por alguns dias após receberem a injeção. Você pode
43 sentir períodos de calor e frio, dor de cabeça, mal estar no estômago, dores musculares e nas juntas.
44 Alguns desses sintomas podem acontecer várias semanas após você ter recebido a injeção.
45

46 Como qualquer outra vacina, há uma pequena chance de que uma reação alérgica grave ou às vezes
47 mortal possa acontecer nas primeiras horas após a injeção ser dada. Estas reações podem começar
48 com inchaço na sua língua, sensação de desmaio ou tontura ou uma grande dificuldade de respirar.
49 Por causa disso você será observado atentamente por duas horas depois de cada injeção. Pode haver
50 outras reações que nós ainda não sabemos. Se nós descobirmos sobre uma nova reação, tanto da
51 vacina contra ancilostomídeo ou da vacina contra Hepatite B, nós iremos te dizer. Os médicos
52 pesquisadores e enfermeiros irão tomar conta de você com toda atenção se você tiver qualquer
53 problema com a injeção. Se você tiver uma reação à injeção, você não receberá mais nenhuma outra

- 1 dose.
- 2
- 3 A nova vacina Na-GST-1 contra ancilostomídeo nunca foi testada em mulheres grávidas e pode ser
- 4 perigosa para o bebê. Se você for mulher, para estar nesta pesquisa, você terá que usar dois métodos
- 5 de controle de natalidade, como pílula anticoncepcional e camisinha, até 1 mês após a última injeção.
- 6 Nós poderemos te ajudar a escolher os melhores métodos ou podemos te encaminhar ao posto de
- 7 saúde para discutir os melhores métodos anticoncepcionais. Nós lhe daremos de graça, o método de
- 8 controle não definitivo.
- 9
- 10 A coleta de sangue pode causar uma pequena dor quando a agulha for colocada no seu braço. Mais
- 11 tarde, seu braço pode ficar com algum machucado (pontos roxos) ou sangramento, onde a agulha foi
- 12 colocada e poderá ficar infeccionado (isso raramente acontece). Em algumas pessoas, pode ocorrer a
- 13 sensação de escurecimento da vista ou mesmo desmaio.
- 14 **O QUE ACONTECE SE VOCÊ PASSAR MAL DURANTE A PESQUISA?**
- 15 Se você passar mal ou ficar doente durante esta pesquisa, você deverá falar para alguém da equipe
- 16 imediatamente. Nós lhe daremos cuidados médicos, sem custos. Os médicos pesquisadores e
- 17 enfermeiros irão garantir que você receba um bom tratamento para qualquer dor ou dano que seja
- 18 causado por fazer parte desta pesquisa. Você também receberá assistência integral gratuita, garantido
- 19 pelo patrocinador da pesquisa em caso de danos decorrentes de sua participação, sem qualquer
- 20 restrição ou condicionante assim como o direito a indenização.
- 21 **HÁ ALGUM BENEFÍCIO EM ESTAR NESTA PESQUISA?**
- 22 Você pode não ter um benefício direto por estar nesta pesquisa. No entanto, durante o decorrer da
- 23 pesquisa, você pode aprender sobre verminoses e como evitá-las, assim como você receberá cuidados
- 24 médicos durante o estudo na clínica de pesquisa em Americaninha. No final do estudo nós iremos te
- 25 dizer qual vacina você recebeu. Se você tiver recebido a nova vacina contra ancilostomídeo, você
- 26 pode vir à clínica após o estudo, para tomar a vacina contra hepatite B, se quiser. Se você recebeu a
- 27 vacina contra Hepatite B durante a pesquisa, vamos testar uma amostra de seu sangue que iremos
- 28 recolher no final do estudo, para ver se a vacina funcionou e se você está protegido contra Hepatite B.
- 29 Se você não está protegida, damos-lhe uma vacina da hepatite B de novo, se você quiser, sem nenhum
- 30 custo para você. A vacina contra Hepatite B será dada a você em três injeções num período de 6
- 31 meses.
- 32 **VOCÊ GANHA ALGUMA COISA POR ESTAR NESTA PESQUISA?**
- 33 Você não receberá nenhum dinheiro por participar desta pesquisa. Se você tiver que pagar para vir até
- 34 a clínica, nós pagaremos a você por este transporte. Nós também lhe daremos uma refeição na clínica,
- 35 nos dias em que você receber as doses das vacinas.
- 36 **VOCÊ TEM OUTRA OPÇÃO A NÃO SER ESTAR NA PESQUISA?**
- 37 Você não é obrigado a participar desta pesquisa e também ninguém ficará bravo com você se decidir
- 38 sair. Cuidados médicos e exames de saúde estão disponíveis no posto de saúde de sua comunidade. A
- 39 vacina contra Hepatite B é uma vacina aprovada no Brasil e você pode tomar esta vacina no posto de
- 40 saúde, se estiver disponível. Se você decidir por não participar desta pesquisa, isto não afetará o seu
- 41 atendimento médico atual ou futuro no posto de saúde ou em qualquer lugar.
- 42 **QUAIS SERIAM ALGUMAS RAZÕES PARA VOCÊ NÃO CONSEGUIR TERMINAR A PESQUISA?**
- 43 Os médicos pesquisadores podem decidir que não é bom para você permanecer na pesquisa porque
- 44 isto pode ser perigoso para sua saúde. Além disso, a equipe de pesquisa pode interromper toda a
- 45 pesquisa antes do seu término.
- 46
- 47

1

2

3 **COMO AS SUAS INFORMAÇÕES SERÃO MANTIDAS EM SEGREDO?**

4 Toda a sua documentação será guardada em um lugar seguro. Pessoas que precisam ter certeza de que
5 a pesquisa está sendo bem feita, deverão olhar os seus registros. Isto deve incluir a equipe de
6 pesquisa, o patrocinador da pesquisa (Instituto Sabin de Vacinas) ou pessoas que eles designarem, o
7 Comitê de Ética da FIOCRUZ em Belo Horizonte, o Governo Federal do Brasil, Universidade George
8 Washington (EUA), ou a Administração de Alimentos e Medicamentos (FDA) do Governo Federal
9 dos Estados Unidos. Todas estas pessoas manterão as suas informações em segredo. As informações
10 que identificam você não serão fornecidas para pessoas que não estejam trabalhando na pesquisa.

11

12 **QUEM VOCÊ PODERÁ CONTACTAR SE TIVER PERGUNTAS?**

13 *Para perguntas sobre os seus direitos como voluntário em pesquisa :*

14 **Comitê de Ética em Pesquisa:** Dr. João Carlos Pinto Dias

15 Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Centro de Pesquisas René Rachou

16 Avenida Augusto de Lima 1715, Barro Preto, Belo Horizonte, MG, Brasil – Tel: (31) 3292-7825

17

18 *Para questões sobre a pesquisa :*

19 **Investigador Principal :** Dr. David Diemert

20 Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Centro de Pesquisas René Rachou

21 Avenida Augusto de Lima 1715, Barro Preto, Belo Horizonte, MG, Brasil – Tel: (31) 3349-7715

22

23 *Para questões sobre a pesquisa ou se você quiser reportar qualquer doença :*

24 **Gerente do Campo :** Renata Caldeira Diniz

25 Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Centro de Pesquisas René Rachou

26 Avenida Augusto de Lima 1715, Barro Preto, Belo Horizonte, MG, Brasil – Tel: (31) 3349-7715 ou

27 (33) 3532-7014 (disponível 24 horas)

28